

ISSN: 2177-3483

Revista Ciência e conhecimento

Volume 11 – Número 1 – Ano 2017

Editor:

Rodrigo Baptista Moreira

Editores adjuntos:

Vitor Hugo acunha
Rosani Nascimento Leite

Comissão editorial - Administração

Jane Ferreira Picarelli
Liana Maria Razek

Comissão editorial - Publicação

Simone da Silva Ferreira - Bibliotecária

Comissão editorial (associada) – Revisão e tradução

Wanessa Baum dos Santos

Implantação e manutenção on-line da revista

Marcos André Lopes – TI/ULBRA

Consultores

Adriana Porto
Adriana Torres de Lemos
Adroaldo C. A. Gaya
Alexandre Grandi Mandelli
Álvaro Werlang
Bianca Rocha Gutterres
Carlos Mário Dal'Col Zeve
Carolina Moraes Migliavacca
Christiane Martinatti Maia
Clarissa Lopes Trojack
Claudeth Conceição de Oliveira
Claudia Lisete de Oliveira Groenvald
Cleber Fernando Homem
Daniel Carlos Garlipp
Dorval Antônio Ferreira Dias
Élvia Elena Silveira Vianna
Ernani Soares Barbosa
Evandro Agiz Heberle
Fernanda Ferreira Alves Pelegrini
Franz Josef F.F. da Silva
Gabriel Gustavo Bergmann
Gisele Trommer Martins

Jeferson Souza Wolff
Jorge Maurício C. de Oliveira
Leandro Hirt Rassier
Lidiane R. Alli Feldmann
Lívia Lucina Ferreira Albanus
Maria de Fátima Dias Ávila
Maria Francisca L. Johson
Mariana Secorun Inácio
Marisa Beatriz L. M. Sanchez
Marjane Bernardy Souza
Maurício Amaro Lopes
Olindo Barcelos da Silva
Osvaldo Donizete Siqueira
Pablo Rodrigo Alflen
Paulo Henrique D. Machado
Rosa Maria da Cruz Braga
Rosa Quitéria C. de Novaes
Roséli Azzi Nascimento
Rossano André Dal-Farra
Rudimar Serpa de Abreu
Volmir Knevitz da Rocha

Elaboração, veiculação e informações:

Universidade Luterana do Brasil – ULBRA

Campus São Jerônimo – RS - Brasil

Rua Antônio de Carvalho, esq. RS 401, n° 1

CEP: 96700-000 - Fone: (51) 3651-1121

E-mail: [contato@cienciaeconhecimento.com](mailto: contato@cienciaeconhecimento.com)

Acesse a revista on-line: www.cienciaeconhecimento.com.br

Editorial

A Revista Ciência e Conhecimento é o periódico oficial da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA/São Jerônimo. A revista publica trabalhos nos seguintes formatos: artigos originais, artigos de revisão, trabalhos de conclusão de curso de graduação e pós-graduação, trabalhos acadêmicos e comentários, nas diversas áreas do conhecimento. É um periódico que publica, resultados de pesquisas que contribuam para o desenvolvimento humano e social nas seguintes áreas: atenção à saúde e bem-estar; desenvolvimento humano; metodologias e estratégias de ensino aprendizagens; gestão pública e institucional; gestão de conhecimento; tecnologia e produção; meio ambiente e sustentabilidade e desenvolvimento urbano e rural.

Todo o conteúdo da revista está disponível em português no site www.cienciaeconhecimento.com.br, de livre acesso. A revista possui circulação regular desde 2007, sua versão eletrônica e impressa em língua portuguesa tem periodicidade semestral. Neste número, apresentamos 7 trabalhos (4 originais e 3 de revisão) nas diversas áreas do conhecimento.

Rodrigo Baptista Moreira
Editor da Revista Ciência e Conhecimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

C569 Ciência e conhecimento / Universidade Luterana do Brasil. - Vol. 1, n. 1 (2007)-. - São Jerônimo: ULBRA São Jerônimo, 2007-. v. ; 30 cm.

Disponível em: <http://www.cienciaeconhecimento.com.br>

Semestral.

ISSN 2177-3483

1. Produção técnico-científica periódicos. 2. Pesquisa científica.
I. Universidade Luterana do Brasil.

CDU: 001.891

ÍNDICE

Artigos Originais

SENSIBILIDADE E ESPECIFICIDADE DO IMC, PERÍMETRO DA CINTURA E ÍNDICE DE CONICIDADE COMO DISCRIMINADOR DA OBESIDADE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES (Pág. 4 – 15).

Rodrigo Baptista Moreira^{1,2,3}, Giovani Luiz Della Nina^{1,2}, Carolina Silveira Carneiro², Gerson Lairton Garcia Chaves² e Adroaldo Cesar Araújo Gaya³
(Páginas 4 – 15)

CARACTERÍSTICAS DOS RESIDENTES DE UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA MASCULINA ESPECIALIZADA NA REABILITAÇÃO DE DEPENDENTES DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS (Pág. 16 – 31).

Marjane Bernardy Souza¹ e Jessica Monier Ramazzini¹

EQUOTERAPIA E SUAS REPERCUSSÕES NA INTERAÇÃO SOCIAL NA PERCEPÇÃO DE PAIS DE CRIANÇAS AUTISTAS (Pág. 32 – 46).

Priscila Correia da Silva Ferraz¹, Débora Emanuela Santos de Sousa¹, Dilma N. Pontes¹, Fabiane Lima Sousa¹, Heide Alves Silva¹ e Reinaldo Pereira Silva¹

PERFIL DA APTIDÃO FÍSICA DE ESCOLARES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA ATENDIDA PELO PROGRAMA DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA (PIBID) - EDUCAÇÃO FÍSICA (Pág. 47 – 59).

Raul De Fraga Seibel¹, Lisiâne Torres Cardoso¹ e Mauro Castro Ignacio

Artigos de Revisão

ABORDANDO A SEXUALIDADE NAS ESCOLAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA (Pág. 60 – 77).

André Guirland Vieira¹ e Ana Lucia Fontoura Cabral¹

EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE: O EXEMPLO DE SUMMERHILL E AS PERSPECTIVAS DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA (Pág. 78 – 91).

Cléber Fernando Homem¹ e Luciane Flores Homem²

WALTER BENJAMIN, A OBRA DE ARTE E O DECLÍNIO DA AURA (Pág. 92 – 100).

Demóstenes Dantas Vieira¹

SENSIBILIDADE E ESPECIFICIDADE DO IMC, PERÍMETRO DA CINTURA E ÍNDICE DE CONICIDADE COMO DISCRIMINADOR DA OBESIDADE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Rodrigo Baptista Moreira^{1,2,3}, Giovani Luiz Della Nina^{1,2}, Carolina Silveira Carneiro², Pablo Luiz Della Nina², Gerson Lairton Garcia Chaves² e Adroaldo Cesar Araújo Gaya³

RESUMO - O presente estudo tem como objetivo identificar qual indicador antropométrico IMC, índice de conicidade (IC) e perímetro da cintura (PC), apresenta maior poder discriminatório para o sobrepeso/obesidade, tendo como referência o percentual de gordura (%G). A amostra foi composta por 71 crianças que participaram de todas as coletas, sendo 30 rapazes e 41 moças. Para a realização do cálculo do %G foram adotadas as equações propostas por Slaughter et al. (1988). Inicialmente foi identificada a área total sob a curva ROC entre o IMC, IC, PC e % de gordura. Na sequência, foi calculada a SENS e a ESP entre o %G e as demais variáveis antropométricas. A partir da interação entre SENS e ESP foram estabelecidos os pontos de cortes para o IMC, IC e PC. No que se refere às análises das relações entre as variáveis antropométricas podemos constatar que a mais indicada para discriminar crianças com maior risco de desenvolvimento de doenças de ordem metabólica associada ao sobrepeso/obesidade é o IMC. Sugere-se a utilização dos pontos de cortes apresentados na presente investigação, pois apresentaram equilíbrio entre SENS e ESP.

Palavras chave: Composição corporal. IMC. Crianças.

ABSTRACT - In this direction, the present study it has as objective to identify for the IMC, index of coning (IC) and perimeter of the waist (PW), having as reference the percentage of fat. The sample was composed for seventy-one children who had participated of all the collections, being thirty youngsters and forty and one young women. For the accomplishment of the calculation of the percentage of fat the equations had been adopted proposals for Slaughter et al (1988). Initially the total area under curve ROC between the IMC, IC, PC and percentage of fat was identified. In the sequence, the SENS and ESP were calculated between the percentage of fat and the excessively changeable anthropometrics. Later of the interaction between SENS and ESP the points of cuts for the IMC, IC had been established and PC. As for the analyses of the relations between the antropometrics variable we can evidence that it enters they more indicated it to discriminate the children with bigger risk of development of illnesses of metabolic order associated to the overweight/obesity is the IMC. It is suggested use of the points of cuts presented in the present inquiry, therefore these had been the ones that better present balance between SENS and ESP.

Key words: Body composition. IMC. Children.



Revista
Ciência e Conhecimento
Volume 11 – Nº 1 – 2017.



1. Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, Curso de Educação Física, São Jerônimo, RS, Brasil.

2. Instituto estadual de Educação Vasconcelos Jardim – IEEVJ, Educação Física, General Câmara, RS, Brasil.

3. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Projeto Esporte Brasil – PROESP-Br, Porto Alegre, RS, Brasil.

E-mail para contato:
Rodrigo Baptista Moreira
rbmoreira2@gmail.com

Recebido em: 17/09/2016.
Revisado em: 28/10/2016.
Aceito em: 21/11/2016.

Área:
Atenção à saúde e bem-estar.

INTRODUÇÃO

A preocupação com a saúde e bem-estar das crianças e dos adolescentes tem sido foco das atenções nas diversas áreas do conhecimento nos últimos tempos. O acompanhamento do crescimento, da aptidão física, do estado nutricional, entre outros, vem sendo estudados em todo o mundo. Contudo, temas como a obesidade e a desnutrição tem se destacado devido ao fato de estar diretamente associadas a doenças de ordem metabólica e de risco à saúde (MALTA et al., 2010).

Atualmente, a obesidade como um problema de saúde pública de abrangência mundial, tem sido reconhecido, como tal, pela Organização Mundial de Saúde; portanto, destaca-se que o excesso de gordura (obesidade) deveria ser uma primazia para a saúde pública e educação.

Sendo assim, as alterações saudáveis no estado nutricional durante o crescimento e desenvolvimento implicam disponibilidade de nutrientes em qualidade e quantidade para atualizarem os incrementos dos valores estatoponderais esperados para uma determinada idade num contexto socioeconômico favorável (SARANGA et al., 2007).

Neste sentido, o estudo da composição corporal, do estado nutricional e do crescimento de crianças e adolescentes podem trazer informações relevantes para os profissionais que atuam nestas faixas etárias e para que possam elaborar estratégias de intervenções e programas de educação física e esportes. O estudo de cada uma destas variáveis, bem como a interação delas com outras variáveis, pode auxiliar na compreensão de fenômenos e comportamentos, sendo estes fundamentais para que profissionais que trabalham diretamente com esta faixa etária possam compreender de forma mais acurada o desenvolvimento de cada um deles, as diferenças entre os sexos, as influências que um pode exercer sobre os outros, bem como níveis de saúde destes indivíduos.

Deste modo, o estado nutricional assume papéis críticos, influenciando no desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social, bem como na qualidade de vida e no bem-estar de crianças e adolescentes. O conhecimento do estado nutricional é fundamental para uma melhor compreensão da natureza, da extensão e da fisiologia das mudanças corporais do crescimento e para que possam ser implementadas intervenções bem-sucedidas (MAIA et al., 2007).

Considerando as informações anteriormente apresentadas e comentadas, observamos que é de fundamental importância em termos de prevenção e manutenção da saúde: a) identificar qual variável antropométrica (Índice de massa corporal (IMC), índice de conicidade (IC) e perímetro da cintura (PC)) apresenta maior poder discriminatório para o sobrepeso/obesidade, tendo como referência o % de gordura (%G); b) determinar os pontos de

cortes para o IMC, IC e PC de crianças e adolescentes com idades entre 10 e 15 anos, tendo como referência o %G, considerados adequados para definir o sobrepeso/obesidade (risco à saúde).

PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Este estudo longitudinal faz parte de uma série de investigações desenvolvidas pelo Projeto Esporte Brasil, que se caracteriza como um observatório permanente dos indicadores de crescimento de crianças e jovens brasileiros. As coletas foram realizadas anualmente no mês de março. Para a análise das informações foram consideradas apenas aquelas que tiveram participação em todas as coletas, totalizando assim, seis avaliações realizadas.

A população foi composta por escolares do município de General Câmara (Idese = 0,664), localizado as margens dos rios Taquari e Jacuí, distante cerca de 75 km de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. A população do município está estimada em cerca de 8.788 habitantes. Com relação ao número de escolares, aproximadamente 1.378 crianças estão matriculadas no ensino fundamental, sendo que 1.063 estão no Instituto Estadual de Educação Vasconcelos Jardim – IEEVJ. No ensino médio, são estimados 312 escolares, todos matriculados no IEEVJ. O procedimento de seleção da amostra ocorreu da seguinte maneira: a) em março todos os alunos foram convidados a participar do estudo; b) anualmente, sempre nos meses de março, as medidas e testes foram refeitas nos mesmos alunos; c) no último ano de coleta de dados, totalizando seis anos de acompanhamento, um total de 71 escolares (30 do sexo masculino e 41 do sexo feminino) participaram de todas as coletas. Mesmo não sendo uma amostra selecionada de forma aleatória, podemos considerar a amostra representativa dos escolares do município; tendo na escola alunos da zona urbana e rural.

A medida de estatura foi mensurada em “cm” com a utilização de uma fita métrica fixada na parede a 1(um) metro do solo e estendida de baixo para cima. Soma-se ao resultado medido na trena métrica a distância do solo à trena que é de 1 metro. O avaliado posicionou-se junto à parede, sem calçados e a medida é tida do vértebra à região plantar. Para a leitura da estatura foi utilizado um dispositivo em forma de esquadro. Deste modo, um dos lados do esquadro foi fixado à parede e o lado perpendicular junto à cabeça do estudante. A medida da estatura foi anotada em centímetros com uma casa decimal.

A massa corporal (MC) foi medida em quilograma (kg) com a utilização de uma balança da marca FILISOLA, com precisão de 100g. O avaliado posicionou-se sobre a balança sem calçados e com a menor quantidade de roupas possível.

O cálculo do IMC foi realizado a partir da equação proposta por Quetelet sendo (IMC = MC / EST²), onde “IMC” é igual ao índice de massa corporal quilograma por metro quadrado, “MC” é igual a massa corporal em quilogramas e a “EST” é igual à estatura em metros.

O Índice de Conicidade foi calculado a partir da equação proposta por Valdez (1991), através da seguinte equação: IC = CC / (0,109 x (Raiz quadrada da MC / EST)), onde “IC” = índice de conicidade, “CC” = circunferência da cintura em metros, “MC” = massa corporal em quilogramas e “EST” = estatura em metros. Para a realização da medida da circunferência da cintura adotamos como ponto anatômico a cicatriz umbilical.

O perímetro da cintura foi realizado com o avaliado em pé; o ponto de referência foi à cicatriz umbilical, colocando-se a fita em um plano horizontal. O registro das medidas dos perímetros foi anotado em centímetros com uma casa decimal. Para a utilização da fita antropométrica como técnica, observamos alguns itens extremamente importantes; colocamos a fita sobre a pele nua, observando o alinhamento na horizontal, sem que ficasse solta e sem pressioná-la excessivamente.

Para a realização do cálculo do %G das crianças e adolescentes adotamos as equações propostas por Slaughter et al. (1988).

Para a identificação de qual o teste (predição) possui maior poder discriminatório para a identificação do sobrepeso/obesidade, optamos em estimar o %G como “padrão de referência” estabelecido a partir dos critérios propostos por Lohman (1987) definidos da seguinte forma: %G superior a 25% para os rapazes e 30% para as moças. Inicialmente foi identificada a área total sob a curva ROC (*Receiver Operating Characteristic*) entre o índice de massa corporal, índice de conicidade, perímetro da cintura e %G, adotando-se o intervalo de confiança (IC) em 95%. Na seqüência, foram identificados os valores de sensibilidade (SENS) e especificidade (ESP) que apresentavam o melhor equilíbrio em cada uma das variáveis antropométricas estudadas nas diferentes idades e nos dois sexos.

A partir da interação entre SENS e ESP (melhor equilíbrio) foram estabelecidos os pontos de cortes para o IMC, IC e PC. A SENS e a ESP foram estimadas a partir de equações específicas, teoricamente, capazes de demonstrar a presença ou ausência do sobrepeso/obesidade. A capacidade de um teste diagnóstico produzir um resultado positivo, sendo o sujeito classificado com sobrepeso/obesidade, é chamada de SENS do teste; e a capacidade do teste produzir resultado negativo, dado que o sujeito não seja classificado com sobrepeso/obesidade, é chamada de ESP.

A SENS foi definida como a proporção de indivíduos com o %G elevado que têm o resultado positivo diagnosticado através do IMC, do IC e do PC. Quanto maior o valor da SENS

de um teste, maior a probabilidade de que o instrumento detecte sujeitos com %G elevado e com sobrepeso/obesidade. Já a ESP é a proporção de indivíduos que não apresentaram % de gordura elevado e que têm resultado do teste negativo, ou seja, foram diagnosticados como não apresentando sobrepeso/obesidade pelo IMC, IC e PC. Quanto maior a ESP, maior a probabilidade de que os sujeitos que não possuem %G elevado também não sejam classificados como sobrepeso/obesidade.

A SENS é calculada a partir da equação $SENS = ((VP / (VP+FN)) \times 100)$, onde “VP” são os verdadeiros positivos, estes considerados obesos no teste do %G e nos demais testes avaliados (IMC, IC e PC), e “FN” considerados os falsos negativos aqueles considerados com excesso de gordura no teste do %G e com sobrepeso/obesidade nos demais testes. A ESP é calculada a partir da equação $ESP = ((VN / (VN+FP)) \times 100)$, onde “VN” são verdadeiros negativos, estes considerados sem excesso de gordura pelo teste do %G e nos demais testes avaliados, e “FP” os falsos positivos, estes considerados como sem excesso de gordura pelo teste do %G e com sobrepeso/obesidade pelos demais testes analisados.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, na reunião nº. 46, ata nº. 126, de 19/03/2009, por estar adequado conforme a resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde, processo nº 2008013.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Investigações na perspectiva de analisar o perfil nutricional de crianças e jovens apresentam relevância, principalmente quando se trata de delinear a ocorrência do sobrepeso/obesidade que está diretamente associada a problemas de ordem metabólica. Elevados níveis de gordura corporal indicam uma maior probabilidade do desenvolvimento de doenças, tais como as do coração, hipertensão arterial, hipercolesterolemia, entre outras (GUO e CHUMLEA, 1987; FREITAS et al., 2007; ALMEIDA et al., 2007).

Willians et al. (1992), destacam que valores de %G de crianças e adolescentes, acima de 25% para os rapazes, podem representar cerca 1,6 vezes mais chances de possuir colesterol elevado; 7,06 vezes mais chances de ter hipertensão arterial sistólica e 3,75 vezes mais chances de apresentar hipertensão arterial diastólica; já para as moças, estabelecem como ponto de corte o %G acima de 30%, demonstrando 2,10 vezes mais chances para a ocorrência de colesterol elevado; 2,69 vezes mais chances para a hipertensão arterial sistólica e 3,75 vezes mais chances para a hipertensão arterial diastólica.

Estimar o %G através de procedimentos laboratoriais exigem um alto custo, dada a necessidade de utilização de equipamentos sofisticados e uma metodologia complexa, dificultando o desenvolvimento de estudos no ambiente escolar. Neste sentido, o método antropométrico de dobras cutâneas tem sido utilizado com maior freqüência devido a sua praticidade e aplicabilidade no diagnóstico do excesso de gordura.

Sendo assim, construímos os valores da curva ROC e os valores percentuais referentes à SENS e ESP do IMC, IC e PC tendo como referência o %G estimado a partir de dobras cutâneas que é considerado como um método duplamente indireto consistente. Podemos destacar que a utilização destes testes são frequentes, principalmente quando se trata de estudos realizados com crianças e jovens, devido ao baixo custo e a sua praticidade quando da aplicação das medidas. Portanto, as relações entre os valores de SENS e ESP nos recomendarão os pontos de corte mais adequados, na perspectiva de proporcionar indicadores referentes ao estado de saúde das crianças e adolescentes.

Baseado nestas informações, identificamos os valores da área sob a curva ROC (ASCR) do IMC, IC e PC, tendo como referência os critérios propostos para o %G de Lohman (1987), na perspectiva de ilustrar quais dos três testes tem maior poder discriminatório para identificar o sobrepeso/obesidade que, consequentemente, está associada ao risco de desenvolvimento de doenças.

Podemos observar na tabela 1, os valores da área sob a curva ROC do IMC, IC e PC, do sexo masculino. Em relação à análise dos resultados dos rapazes, constatamos que os valores da área sob a curva ROC do IMC (ASCR entre 0,981-0,994) foram superiores em relação ao IC (ASCR entre 0,857-0,944) e ao PC (ASCR entre 0,944-0,963) em todas as idades analisadas ($p<0,05$), demonstrando maior poder discriminatório na identificação do sobrepeso/obesidade. Contudo, convém ressaltar que os valores da área sob a curva ROC do IC e do PC demonstraram valores aceitáveis ($p<0,05$) para identificar o sobrepeso/obesidade, porém com menor poder discriminatório, sendo IC com menor acurácia. O equilíbrio apresentado nos valores de SENS e ESP para o IMC demonstra maior probabilidade deste teste ilustrar os verdadeiros positivos e os verdadeiros negativos.

No que se refere à proposta dos pontos de cortes para o IMC, IC e PC dos rapazes, os resultados sugerem, para o IMC, valores de SENS superiores a 86% e 92% para a ESP, nas diferentes idades. A partir destes escores podemos observar que a probabilidade de classificar os indivíduos erroneamente, através do IMC, é em torno de 10%, tanto para SENS quanto para a ESP. Assim, a possibilidade de encontrar falsos positivos, bem como falsos negativos, é pequena.

Para o IC, observamos valores de SENS e ESP abaixo dos valores encontrados nos demais testes, apesar dos valores não serem tão elevados, o IC também pode ser considerado como um instrumento que possibilita a identificação do excesso de gordura, embora não tenha o mesmo poder discriminatório como os outros testados neste estudo. No que se refere ao PC, observamos valores de SENS semelhantes aos encontrados no IMC, em torno de 85% para a SENS, o que demonstra boa capacidade de identificar os verdadeiros positivos. Por outro lado, encontramos valores de ESP abaixo dos valores encontrados no IMC. Deste modo, o PC demonstra não ser tão eficiente quanto o IMC, na detecção dos verdadeiros negativos. O equilíbrio entre SENS e ESP é importante, demonstrando assim, que o IMC é mais sensível e específico quando da identificação de rapazes com sobrepeso/obesidade.

Tabela 1. Área sob a curva ROC (Int.Conf. 95%), pontos de cortes, sensibilidade e especificidade do IMC, IC e PC de escolares do sexo masculino.

Sexo masculino		Percentual de gordura > 25%					
Variável	Idade	ASCR	Sig.	IC-95%	PC	SENS	ESP
IMC-kg/m ²	10 anos	0,981	0,000	0,938 – 1,000	20,1	86%	99%
	11 anos	0,969	0,000	0,911 – 1,000	20,5	88%	96%
	12 anos	0,994	0,000	0,974 – 1,000	20,8	86%	98%
	13 anos	0,994	0,000	0,974 – 1,000	22,6	86%	99%
	14 anos	0,988	0,000	0,956 – 1,000	22,9	89%	98%
	15 anos	0,984	0,001	0,944 – 1,000	23,0	90%	92%
Índice de conicidade	10 anos	0,894	0,002	0,774 – 1,000	1,19	86%	78%
	11 anos	0,944	0,000	0,860 – 1,000	1,20	86%	87%
	12 anos	0,932	0,001	0,832 – 1,000	1,21	86%	87%
	13 anos	0,882	0,003	0,755 – 1,000	1,21	71%	87%
	14 anos	0,857	0,005	0,717 – 0,997	1,19	71%	78%
	15 anos	0,864	0,011	0,719 – 1,000	1,18	80%	80%
Perímetro da cintura	10 anos	0,947	0,000	0,863 – 1,000	69,8	83%	87%
	11 anos	0,963	0,000	0,900 – 1,000	71,2	85%	87%
	12 anos	0,969	0,000	0,914 – 1,000	74,5	97%	91%
	13 anos	0,957	0,000	0,889 – 1,000	77,3	86%	87%
	14 anos	0,944	0,000	0,866 – 1,000	78,8	86%	87%
	15 anos	0,984	0,001	0,944 – 1,000	80,3	84%	87%

ASCR = Área sob a curva ROC. IC = Índice de confiança. PC = Ponto de corte. SENS = Sensibilidade, ESP = Especificidade. Consideraram-se os pontos de corte propostos por Lohman (1987) de 25% de gordura para os rapazes como padrão de referência no diagnóstico do excesso de gordura.

No que se refere aos resultados das moças, observamos na tabela 2 os valores da área sob a curva ROC do IMC, IC e PC. Em relação à análise das meninas, percebemos que os valores do IMC (ASCR entre 0,943-0,987) e PC (ASCR entre 0,940-0,990) foram maiores em relação ao IC (ASCR entre 0,781-0,891) em todas as idades analisadas ($p<0,05$), demonstrando maior

poder discriminatório na identificação do sobrepeso/obesidade. Observamos que tanto o IMC quanto o PC demonstram valores de SENS e ESP considerados elevados, confirmando que o poder discriminatório destes testes, na identificação de verdadeiros positivos e verdadeiros negativos, são adequados.

No que se refere aos pontos de cortes sugerido pela presente investigação, podemos observar para o IMC que a moças apresentam valores de SENS (88-99%) e ESP (91-97%) elevados, ilustrando assim que o IMC apresenta um poder discriminatório superior em relação ao IC, tanto dos verdadeiros positivos (78-88%) quanto dos verdadeiros negativos (72-84%), e semelhante ao PC, com os valores de SENS entre 94 e 97% e de ESP entre 87-97%. Podemos ressaltar que os valores de SENS e ESP encontrados no IMC e no PC demonstram maior probabilidade de identificar os verdadeiros positivos e verdadeiros negativos, utilizando os pontos de cortes sugeridos nesta investigação.

Tabela 2. Área sob a curva ROC (Int.Conf. 95%), pontos de cortes, sensibilidade e especificidade do IMC, IC e PC de escolares do sexo feminino.

Sexo masculino		Percentual de gordura > 25%					
Variável	Idade	ASCR	Sig.	IC-95%	PC	SENS	ESP
IMC-kg/m ²	10 anos	0,987	0,021	0,952 – 1,000	21,3	99%	97%
	11 anos	0,967	0,001	0,900 – 1,000	21,6	89%	97%
	12 anos	0,943	0,001	0,835 – 1,000	21,9	87%	97%
	13 anos	0,937	0,000	0,848 – 1,000	22,0	88%	91%
	14 anos	0,948	0,000	0,864 – 1,000	22,1	89%	91%
	15 anos	0,945	0,000	0,877 – 1,000	23,0	87%	94%
Índice de conicidade	10 anos	0,846	0,102	0,673 – 1,000	1,20	88%	74%
	11 anos	0,891	0,001	0,801 – 1,000	1,20	88%	84%
	12 anos	0,857	0,006	0,719 – 0,995	1,19	83%	74%
	13 anos	0,865	0,001	0,744 – 0,986	1,19	78%	81%
	14 anos	0,816	0,004	0,675 – 0,957	1,19	78%	72%
	15 anos	0,781	0,000	0,637 – 0,924	1,19	60%	74%
Perímetro da cintura	10 anos	0,987	0,021	0,952 – 1,000	73,3	97%	92%
	11 anos	0,962	0,000	0,900 – 1,000	75,3	95%	97%
	12 anos	0,990	0,012	0,966 – 1,000	75,8	94%	94%
	13 anos	0,984	0,000	0,955 – 1,000	76,9	96%	94%
	14 anos	0,958	0,000	0,900 – 1,000	77,3	97%	90%
	15 anos	0,940	0,000	0,869 – 1,000	78,2	98%	87%

ASCR = Área sob a curva ROC. IC = Índice de confiança. PC = Ponto de corte. SENS = Sensibilidade, ESP = Especificidade.

Consideraram-se os pontos de corte propostos por Lohman (1987) de 30% de gordura para as moças como padrão de referência no diagnóstico do excesso de gordura.

Tais resultados demonstram que o IMC, tanto para os rapazes quanto para as moças, além de sensível, também foi específico na identificação do sobrepeso/obesidade. Ou seja, o IMC demonstrou através da curva ROC e dos valores de SENS e ESP, que tem poder de discriminar as crianças verdadeiramente acima do %G, bem como identificar os que não apresentam sobrepeso/obesidade. Portanto, apesar das limitações inerentes ao método, os resultados nos permitem concluir que a utilização do IMC como indicador do estado nutricional (sobrepeso/obesidade), pode ser utilizado. Assim, tendo em vista o baixo custo e a facilidade na aquisição das medidas, o IMC pode ser considerado um instrumento válido na identificação do sobrepeso/obesidade.

Podemos constatar que os valores apresentados pelos rapazes, tanto da área sob a curva ROC quanto dos percentuais de SENS e ESP dos pontos de cortes sugeridos nesta investigação, demonstram valores superiores a favor dos rapazes no que se refere à predição do sobrepeso/obesidade pelo método do IMC. As moças apresentam valores SENS e ESP inferiores aos dos rapazes, porém aceitáveis para a identificação do sobrepeso/obesidade.

Com o intuito de identificar o poder discriminatório do IMC na predição do sobrepeso/obesidade, estudos foram realizados na tentativa de validar de forma empírica o IMC como um identificador de risco à saúde. Neovius et al. (2004) e Vieira et al. (2006) demonstraram valores elevados da área sob a curva ROC para o IMC, tendo como referência o %G.

Neovius et al. (2004), encontraram valores das áreas sob a curva ROC, para o IMC, similares ao do presente estudo, na perspectiva de discriminar crianças e adolescentes com o %G acima de 25% para os rapazes e 30% para as moças; os autores sugerem valores da área sob a curva ROC de 0,97 para os rapazes e de 0,85 para as moças, confirmado que o IMC é um bom teste para discriminar o sobrepeso/obesidade.

Vieira et al. (2006), estudando escolares distribuídos em dois grupos etários, de 12 a 15 e de 16 a 19 anos, estratificados por sexo, sugerem pontos de cortes, encontrando valores da área sob a curva ROC de 0,95 e 0,92 para rapazes e moças, respectivamente, com idades entre 12 e 15 anos; já para as crianças de 16 a 19 anos, os pontos de cortes sugeridos pelos autores, apresentaram valores da área sob a curva ROC de 0,88 para os rapazes e 0,96 para as moças; apesar da proposta destes autores serem de utilizar um único ponto de corte agrupado por idade, observamos resultados parecidos ao da presente investigação.

Podemos observar que os valores de SENS e ESP dos pontos de cortes sugeridos nos estudos de Neovius et al. (2004) e Vieira et al. (2006) são satisfatório na discriminação de escolares com sobrepeso/obesidade, ainda que encontram-se abaixo dos valores de SENS e ESP

dos pontos de cortes sugeridos na presente pesquisa; a probabilidade de identificar verdadeiros positivos e verdadeiros negativos, nas diferentes idades e sexo, são maiores nos critérios sugeridos na presente investigação.

Outra informação relevante sobre os pontos de cortes, para a indicação do sobrepeso/obesidade, é que não há um consenso em relação aos critérios sugeridos para identificar crianças e jovens com risco à saúde. Diferentemente dos adultos, os pontos de cortes para classificação do IMC em crianças e adolescentes têm sido estabelecidos de forma arbitrária, não sendo baseado em condições de saúde.

Podemos concluir, a partir dos resultados da presente investigação e das discussões realizadas anteriormente, que o poder discriminatório dos critérios sugeridos nesta pesquisa, para o IMC na identificação do sobrepeso/obesidade, é coerente na perspectiva de detectar jovens com risco à saúde.

CONCLUSÃO

No que se refere às análises das relações entre as variáveis antropométricas IMC, PC, IC e %G, podemos constatar que entre as variáveis antropométricas a mais indicada para discriminar crianças e adolescentes com maior risco de desenvolvimento de doenças de ordem metabólica é o IMC. Este índice demonstrou valores da área da curva ROC superiores aos demais, bem como os valores de SENS e ESP; o IC e o PC também são capazes de discriminar, mas com menor poder.

Sobre à utilização de pontos de cortes, sugerimos a utilização dos pontos de cortes (IMC, PC e IC) apresentados na presente investigação, pois estes foram os que apresentaram melhor equilíbrio entre SENS e ESP em comparação com os critérios sugeridos na literatura.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. A. N.; PINHO, A.P.; RICCO, R. G.; ELIAS, C. P. Circunferência abdominal como indicador de parâmetros clínicos e laboratoriais ligados à obesidade infanto-juvenil: comparação entre duas referências. *Jornal de Pediatria*, v. 83, n. 2, p. 181-185, 2007.
- CHIARA, V.; SICCHIERI, R.; MARTINS, P. D. Sensibilidade e especificidade de classificação de sobrepeso em adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, v. 37, n. 2, p. 226-231, 2003.
- COLE, T. J.; BELLIZZI, M. C.; FLEGAL, K. M.; DIETZ, W. H. Establishing a standard definition for child overweight and obesity worldwide: International survey. *BMJ*, v. 360, n. 1, p. 1-6, 2000.
- CONDE, W. L. e MONTEIRO, C. A. Valores críticos do índice de massa corporal para classificação do estado nutricional de crianças e adolescentes brasileiros. *Jornal de Pediatria*, v. 82, n. 4, p. 266-272, 2006.

- FARIAS, JÚNIOR J. C.; KONRAD, L. M.; RABCOW, F. M.; ARAÚJO, V. C. Sensibilidade e especificidade de critérios de classificação do índice de massa corporal em adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, v. 43, n. 1, p. 53-59, 2009.
- FREITAS, N. S.; CAIAFFA, W.T.; CÉSAR, C. C.; FARIA, V.A.; NASCIMENTO, R.M.; COELHO, G. L. L. M. Risco nutricional na população urbana de Ouro Preto, Sudeste do Brasil: Estudo de Corações de Ouro Preto. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, v. 2, n. 88, p. 191-199, 2007.
- GAYA, A. C. A.; SILVA, G. M. G. PROESP-BR Observatório Permanente dos Indicadores de saúde e fatores de prestação esportiva em crianças e jovens: MANUAL DE APLICAÇÃO DE MEDIDAS E TESTES, NORMAS E CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO. 2007 (disponível em <http://www.proesp.ufrgs.br>) acessado em 11 de outubro de 2008.
- GUO, S. S.; CHUMLEA, W. C. Tracking of body mass index in children in relation to overweight in adulthood. *Amer J Clin Nutrit*, v. 70, n. 1, p. 145-148, 1999.
- KUCZMARSKI, R. J.; OGDEN, C. L.; GRUMMER-STRAWN, L. M.; FLEGAL, K. M.; GUO, S. S.; MEI, Z.; CURTIN, L. R.; ROCHE, A. F.; JOHNSON, C. L. Center for Disease Control and Prevention and National Center for Health Statistics. *CDC Growth Charts for United States: Methodos*, v. 11, n. 246, p. 1-189, 2000.
- LOHMAN, T. G. The use of skinfold to estimate body fatness on children and youth. *JOPERD*, v.58, n. 1, p. 98-102, 1987.
- MAIA, J. A. R.; LOPES, V. P.; SILVA, R. G.; SEABRA, A.; FONSECA, A. M.; BUSTAMENTE, A.; FERMINO, R.; FREITAS, D. L.; PRISTA, A.; CARDOSO, M. Crescimento e desenvolvimento de crianças e jovens açorianos. O que pai, pediatras e nutricionistas gostariam de saber. Porto: FECDEF, 2007.
- MALTA, D.C.; SARDINHA, L.M.V.; MENDES, I.; BARRETO, S.M.; GIATTI, L.; CASTRO, I.R.R.; et al. Prevalência de fatores de risco de doenças Crônicas não transmissíveis em adolescentes: resultados da pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. (PeNSE), Brasil, 2009. Ciênc. Saúde coletiva, v. 15, Supl. 2, p. 3009-3019, 2010.
- MONTEIRO, P. O. A.; VICTÓRA, C. G.; BARROS, F. C.; TOMASI, E. Diagnóstico de sobrepeso em adolescentes: estudo do desempenho dos diferentes critérios para o índice de massa corporal. *Revista de Saúde Pública*, v. 34, n. 5, p. 506-513, 2000.
- NEOVIUS, M. G.; LINNÉ, Y.; BARKELING, B.; RÖSSNER, S. Sensitivity and specificity of classification systems for fatness in adolescents. *Am J of Clin Nutrit*, v. 80, n. 3, p. 597-603, 2004.
- PETROSKI, EDIO L. Antropometria: técnicas e padronizações. 2^a. ed. Porto Alegre: Pallotti, 2003.
- SARANGA, S.; NHANTUMBO, L.; PRISTA, A.; ROCHA, J.; MAIA, J. Composição Corporal em populações africanas: uma perspective epidemiológica. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, v. 1, n. 25, p. 85-98.
- SICHIERI, R. e ALLAM, V. L. C. Avaliação do estado nutricional de adolescentes brasileiros através do índice de massa corporal. *Jornal de Pediatria*, v. 2, n. 2, p. 80-84, 1996.
- SLAUGHTER, M. H.; LOHMAN, T. G.; BOILEAU, R. A.; HORSWILL, C. A.; STILLMAN, R. J.; VANLOAN, M. D.; BEMBEN, DA A. Skinfold equations for estimation of body fatness in children and youth. *Hum Biol*, v. 60, n. 5, p. 709-723, 1988.

- VALDEZ, R. A. Simple model-based index of abdominal adiposity. *J Clin Epidemiol*, v. 44, n. 9, p. 955-956.
- VIEIRA, A. C. R.; ALVAREZ, M. M.; MARINS, V. M. R.; SICHERI, R.; VEIGA, G.V. Desempenho de pontos de corte do índice de massa corporal de diferentes referências na predição de gordura corporal em adolescentes. *Caderno de Saúde Pública*, v. 22, n. 8, p. 1681-1690, 2006.
- VITOLO, M. R.; CAMPAGNOLO, P. D. B.; BARROS, M. E.; GAMA, C. M.; LOPEZ F. A. Avaliação de duas classificações para excesso de peso em adolescentes brasileiros. *Rev Saúde Pública*, v. 47, n. 4, p. 653-656, 2007.
- WILLIANS, C. L.; SCOTT, B.; LOHMAN, T. G.; HARSHA, D.W.; SRINIVASAN, S. R.; WEBBER LS, BERENSON GS. Body Fatness and Risk for Elevated Blood Pressure, Total Cholesterol, and Serum Lipoprotein Ratios in Children and Adolescents. *American Journal of Public Health*, v. 82, n. 3, p. 358-363, 1992.

CARACTERÍSTICAS DOS RESIDENTES DE UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA MASCULINA ESPECIALIZADA NA REABILITAÇÃO DE DEPENDENTES DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Marjane Bernardy Souza¹ e Jessica Monier Ramazzini¹

RESUMO - O uso indiscriminado de substâncias psicoativas assumiu proporções alarmantes nas últimas décadas, caracterizando uma grave doença social e epidêmica. Esta pesquisa visa caracterizar os residentes da Comunidade Terapêutica masculina Especializada na Reabilitação de Dependentes de Álcool ou outras drogas. Este estudo é de caráter quantitativo documental, os dados foram coletados em 118 fichas de entrevista para internação, referente ao período de 2013 a 2015. Os resultados demonstraram que a faixa etária predominante dos residentes é entre 26 a 29 anos (20,34%). E a droga de preferência é o crack (33,90%), seguido do álcool 16,10%. Do total de residentes que iniciaram o tratamento, 72,03% estavam consumindo o tabaco. As comorbidades estavam presentes em 71,18% dos casos, com maior prevalência no transtorno de depressão (34,52%) e transtorno de bipolaridade 28,57%. Em relação à família 28,81% dos residentes apresentaram algum membro familiar com dependência de álcool ou outras drogas. A crise econômica que o Brasil se encontra, influenciou diretamente na queda de internações, pois o custeio do tratamento se torna inviável para algumas famílias. Ao comparar à faixa etária dos residentes, com outras pesquisas, foi confirmado que os maiores percentuais de internações masculinas são de adultos jovens. Prevalecendo o crack como a droga de preferência, porém o seu uso associado a outras substâncias chega a 50,85% confirmando a importância de realizar o tratamento de prevenção. As características dos residentes da CT proporcionam um melhor conhecimento do público alvo, que a procura como recurso de tratamento para a dependência química.

Palavras chave: Dependência química. Comunidade. Residentes.

ABSTRACT - The indiscriminate use of psychoactive substances assumed alarming proportions in the last decades, characterizing a serious social and epidemic disease. This research aims to characterize the residents of the Male Therapeutic Community Specialized in Rehabilitation of Alcohol and Other Drugs Dependents. This work has documentary quantitative character, and the data were collected in 118 internation interview cards, in 2013-2015 period. The results showed that the predominant age group of the residents is between 26 and 29 years old (20.34%), the preference's drug is crack (33.90%) followed by alcohol (16.10%). Seventy two percent of the residents that started the medical treatment were consuming tobacco. Comorbidities were present in 71.18% of the cases, with larger prevalence on depression disorder (34.52%) and bipolarity disorder (28.57%). In respect to the family, 28.81% of the residents had some relatives with alcohol or other drugs' dependence. The economic crisis that Brazil lives affected directly in the decrease of the internations, because many families may not pay the medical treatment. Comparing the age group of the residents with other researches, it was confirmed that the larger percentuals of male internations are young adults. Crack prevailed as the preference's drug, but it's consume associated to other substances reached 50.85%, validating the importance of putting the prevention's treatment into practice. The characteristics of the Therapeutic Community's residents provide a better understanding of the target audience, that look for it as treatment resource to the chemical dependence.

Key words: Chemical. Therapeutic. Resident's.



Revista
Ciência e Conhecimento
Volume 11 – Nº 1 – 2017.



1. Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. São Jerônimo, RS, Brasil. Curso de Psicologia.

E-mail para contato:
Marjane Bernardy Souza
marjanesouza@yahoo.com.br

Recebido em: 15/07/2016.
Revisado em: 15/09/2016.
Aceito em: 20/11/2016.

Área:
Atenção à saúde e bem-estar.

INTRODUÇÃO

Segundo dados das Nações Unidas sobre Drogas e Crime – UNODC (2016), cerca de 5% da população adulta (250 milhões de pessoas), entre 15 e 64 anos usou pelo menos algum tipo de droga em 2014. O uso indiscriminado de substâncias psicoativas (SPA) assumiu proporções alarmantes nas últimas décadas, caracterizando uma grave doença social e epidêmica. Composta por um conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos, a dependência química altera o comportamento do sujeito tornando-o condicionado na procura da droga, obtendo redução nos seus cuidados pessoais, adoecimento das relações, atrasos e incapacidades de realizar tarefas (FERREIRA, 2012; CAPISTRANO, 2013).

A dependência química é considerada uma doença crônica que altera o estado mental (LARANJEIRA, 2012), necessita de tratamento especializado, que pode ser realizado em hospitais, clínicas, centros especializados e Comunidades Terapêuticas (CTs), que tem demonstrado eficiência na abordagem do tratamento de abuso de substâncias químicas e de problemas da vida vinculados a esse abuso, tendo como instrumento terapêutico a convivência entre os pares que promove mudanças no desenvolvimento de hábitos e valores, **resgatando a cidadania**, buscando encontrar novas possibilidades de **reabilitação física, psicológica, e reinserção social**. **Tratando cada transtorno individual para que o sujeito possa transformar seu estilo de vida e identidade pessoal** (FUSCO, 2013).

Os usuários de crack e cocaína tentam evitar o uso em ambientes fechados com grande circulação de pessoas, para Laranjeira (2012), o uso se dá geralmente na região central das cidades em pequenos hotéis ou casas abandonadas em que a proximidade dos pontos de venda da droga, a prostituição e a permissividade ao uso facilitam o consumo.

Devido à importância do tema caracterizado como um problema de saúde e social, de caráter crônico e pela difícil recuperação do dependente de substâncias psicoativas, como álcool, maconha, cocaína, crack, medicamentos para emagrecer á base de anfetaminas, solventes, calmantes indutores de dependência (SADOCK 2007).

As características dos residentes de uma comunidade terapêutica são importantes para o conhecimento atualizado dos profissionais que se encontram no local e se deparam todos os dias com novas internações, analisar as comorbidades existentes, assim como levantar o número de casos de dependência química em pelo menos um membro da família do interno auxilia na caracterização em questão.

A ocorrência de duas patologias sendo uma de desordem psiquiátrica e outra decorrente do uso de substâncias aumentam as chances de alterar a sintomatologia e interferir no diagnóstico e tratamento. Ao identificar as comorbidades predominantes em dependentes de

SPA, Formiga (2015), afirma que essa informação auxilia no planejamento e desenvolvimento de intervenções adequadas.

Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo identificar as principais características dos residentes de uma CT, proporcionando um melhor conhecimento do público alvo, que a procura como recurso de tratamento para a dependência química.

DEPENDÊNCIA QUÍMICA E PREJUÍZOS

A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1964, concluiu que o termo adicção (obsessão compulsiva para consumir qualquer tipo de droga que modifique o comportamento, atitudes e relacionamentos sociais) não era científico e recomendou a substituição pelo termo dependência de drogas (SADOCK, 2007).

Na Classificação Internacional de Doenças – CID 10 (2008), a dependência química caracteriza-se pela presença de um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos e tem como característica central da dependência o desejo frequente, forte e algumas vezes irresistível de consumir substâncias psicoativas. As categorias F10 ao F19 fazem referência aos transtornos decorrentes do uso de substâncias, a partir dos dados fornecidos pelo paciente referente à identificação da substância psicoativa de uso atual ou recente, análise de exame de urina, sangue, posse de drogas, sinais e sintomas clínicos ou relatados por terceiros, a intensidade do consumo, as informações coletadas auxiliam no diagnóstico. A síndrome de dependência se refere ao uso da substância que tem prioridade sobre outros comportamentos, que apresentavam maior valor na vida do sujeito, caracterizado como um conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos.

O CID 10 (2008), possui alguns critérios para auxiliar no diagnóstico da síndrome de dependência, ao qual devem estar presentes três ou mais dos seguintes requisitos: compulsão para o consumo; aumento da tolerância; síndrome de abstinência; alívio ou evitação da abstinência pelo aumento do consumo; relevância do consumo; estreitamento ou empobrecimento do repertório e reinstalação da síndrome de dependência.

A dependência química é, para Lemos (2012) e Laranjeiras (2012), uma doença de caráter crônico considerada uma alteração da estrutura e funcionamento normal da pessoa, que seja prejudicial à mesma, devendo ser tratada concomitantemente como uma doença médica. O uso abusivo de substâncias pode acarretar em inúmeros prejuízos para o sujeito: realizar ações que proporcionem perigo a integridade física, não cumprimento de leis, lentificação no processamento de informações, dificuldade no planejamento e realização de tarefas, maior impulsividade, comprometimento da atenção e memória, minimizar ou negar o seu estado

crônico de dependência, dificuldade de manejo com conflitos cotidianos, ausência de identificação saudável com seus genitores, baixa tolerância a frustrações, todos esses fatores estão relacionados à reestruturação dos sistemas em sua vida (CAPISTRANO, 2013; COLOGNESE, 2014).

Segundo Laranjeira (2012), a presença de doenças clínicas e psiquiátricas associadas ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas é o fenômeno denominado comorbidade. Segundo o autor cerca de um terço dos indivíduos com transtornos mentais utilizam SPA.

O mesmo autor, salienta que as pessoas que apresentam comorbidades necessitam de mais atenção profissional e apresentam maior probabilidade de abandonar o tratamento do que os isentos de comorbidades. Pelo fator do crack apresentar um padrão de consumo rápido, progressivo, intensivo e frequente a gravidade da dependência ao ser comparada a cocaína, apresenta maior prevalências de transtornos mentais, os casos que apresentam diagnóstico de comorbidade costumam ser mais graves, apresentando dificuldade na adesão ao tratamento ao qual necessita ser intensivo e prolongado.

Segundo Capistrano (2013), os transtornos de humor e de ansiedade prevalecem entre as comorbidades, já os transtornos que apresentam sintomas psicóticos não são tão frequentes. O grande número de sujeitos que apresentaram comorbidades pode estar relacionado ao uso abusivo de drogas. Tanto o álcool como outras drogas causam diversas alterações fisiológicas, acarretando complicações agudas ou crônicas.

Algumas características familiares podem favorecer as condutas de risco segundo Wagner (2011), como o baixo nível de escolaridade, analfabetismo, desqualificação profissional, desemprego, instabilidade ocupacional, ausência de pai e/ou da mãe, a dificuldade do jovem em relacionar-se com a sua família, algum membro da família que realiza ou já realizou ato infracional.

O uso de SPA pelo(s) pai(s), segundo Argimon (2013) e Cerutti (2015), pode influenciar os filhos adolescentes na busca pela experimentação, sendo assim os genitores servem como exemplo para os filhos como nas atitudes e comportamentos, pois é no período da adolescência que prevalece a curiosidade pela experimentação e consumo de drogas lícitas e ilícitas, este fator está relacionado aos prejuízos no desenvolvimento saudável dos filhos.

COMUNIDADE TERAPÊUTICA

A primeira Comunidade Terapêutica (CT) instalada no Brasil foi no ano de 1968 na cidade de Goiânia, de caráter informal (PERRONE, 2014). O reconhecimento se deu a partir da Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 101/2001, em 31 de maio de 2001 tornando um

momento histórico para as CTs, porque são reconhecidas oficialmente pelo Ministério da Saúde (MS) como um serviço de atenção a pessoas com transtornos decorrentes de uso ou abuso de substâncias psicoativas (MS, 2016).

As CTs estão presentes em mais de 60 países, oferecendo programa de tratamento estruturado e intensivo, visando o alcance e manutenção da abstinência, em ambiente protegido no qual é preciso afastar o dependente do convívio social em que está inserido para que possa priorizar o tratamento e a si mesmo, a equipe deve ser técnica e ética. Com o fornecimento de orientação e suporte, o tratamento pode durar entre seis a nove meses, (PERRONE, 2014).

Especialista internacionalmente reconhecido no tratamento do abuso de substâncias psicoativas, De Leon (2008), coloca que o tratamento da dependência química em CT deve seguir o que se constituiu como modelo: isolamento da sociedade ampliada, ambiente de comunidade, atividades comunitárias, funcionários combinando profissionais recuperados (ex-usuários de drogas que passaram pelo tratamento) e outros profissionais, residentes que refletem os valores da CT como modelo de atuação. Bem como: atividades estruturadas, trabalho como terapia e educação, mensagens e lições referentes ao tratamento, grupos de encontro de companheiros, treinamento de conscientização, treinamento em crescimento emocional, duração do tratamento e continuidade do atendimento posterior à internação. Quando o residente se esforça buscando satisfazer as expectativas da CT referente à participação os mesmos alcançam suas metas individuais **de socialização e crescimento psicológico**.

Segundo a Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas (FEBRACT, 2016), a internação deve ser de caráter voluntário, em relação ao sexo da população atendida podem ser masculinas, femininas, mistas ou para menores de idade. As CTs para dependência de substâncias psicoativas têm como precursora a CT psiquiátrica. O psiquiatra Maxwell Jones, preocupado com os resultados do tratamento tradicional nos pacientes do hospital Dingleton na Escócia, resolveu fazer uma reunião nomeada de Reunião Mundial, com interesse de descobrir uma nova maneira para tratar os pacientes sem a imagem autoritária dos colegas profissionais e sim trabalhar com a autoajuda e mútua ajuda, dando início a Comunidade Terapêutica Psiquiátrica na Unidade de Reabilitação do Hospital (PERRONE, 2014).

O mesmo autor refere que Maxwell serviu como inspiração em 1959, na Califórnia para Charles Dederich, dependente de álcool em recuperação que uniu as suas experiências do grupo de Alcoólicos Anônimos - AA e demais influências para desenvolver o programa Synanon Dederich, deixou de receber somente pessoas com problemas com álcool e começou a atender dependentes químicos, realizando atividades em grupo, no qual o indivíduo acaba por descobrir e alterar as suas atitudes a partir da mudança promovida por este grupo, começando

pela realização das atividades em ambiente não residencial, reuniões regulares de convivência integral no modelo de CT. Mudanças estas que exigiram transformações radicais quanto à estrutura organizacional, regras, metas, filosofia e orientação, principalmente, o perfil dos atendimentos pelo programa.

COMUNIDADE TERAPÊUTICA CRED CARA LIMPA

Fundada em 16 de maio de 2006, no município de São Jerônimo/RS, o programa oferecido pelo Centro de Reabilitação Especializado para Dependentes de Álcool e Outras Drogas, modalidade masculina a partir da faixa etária de 18 anos, com capacidade máxima para 35 residentes, o tratamento é voluntário e fundamentado na conscientização do indivíduo e de seus familiares, quanto à mudança de estilo de vida e a busca pela sobriedade.

Conforme o Regimento Interno (2006) da CT, conjuntamente é tratado o desvio comportamental, causado pelo uso e abuso de drogas e comorbidades, agravadas pelo abuso de substâncias psicoativas. O método “Minnesota” utilizado pela CT estimula a honestidade, autoconhecimento e corresponsabilidade, no qual o indivíduo se torna responsável pela mudança de si próprio e formulação da sua autobiografia.

Regido pela resolução 029/ ANVISA em 2013, pela portaria 591 que regulamenta o funcionamento das CTs, o programa de tratamento utiliza da troca entre pares, trabalho (ocupação), disciplina (resgate de responsabilidade) e espiritualidade (auto – reconhecimento) a CT tem como base os valores distintos e morais, visando resgatar, no convívio entre seus residentes, o sentido de integridade, valorização da vida e dignidade, por meio de: **amor responsável, honestidade, responsabilidade, solidariedade, valores espirituais.**

O residente percebe-se melhor e acumula conhecimentos para o estudo dos “12 passos” de Alcoólicos e Narcóticos Anônimos que é utilizada na manutenção no pós-tratamento. O período de internação tem duração de oito meses para os brasileiros e nove meses para uruguaios que ingressam através do intercâmbio de miscigenação, a diferença de um mês serve para a adaptação a nova cultura.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo é de caráter documental quantitativa, a pesquisa foi realizada com documentos autênticos que utilizou para descrever fatos sociais, estabelecendo suas

características, confirmando o pensamento de Carvalho (2008) e Prodanov (2013), organizando informações que se encontram dispersas, tornando-se uma nova forma de consulta.

Como instrumento foi utilizado às fichas de entrevista de internação que são preenchidas no momento do ingresso no tratamento, realizadas pela consultora em dependência química. A ficha é composta por dados de identificação de caráter pessoal: breve histórico da relação familiar, infância, adolescência e atual, comorbidades, droga de preferência e consumo de tabaco.

Visando identificar as principais características do público da Comunidade Terapêutica Especializada na Reabilitação de Dependentes de Álcool ou outras drogas, no período de 2013 a 2015, localizada no Rio Grande do Sul, foram definidos como critérios de inclusão os dados disponibilizados nas fichas de entrevista de internação: faixa etária no momento da internação, droga de preferência, comorbidades, existência do consumo de tabaco e histórico de uso de substâncias na família. Utilizou-se como critério de exclusão a marcação incompleta e/ou resposta ilegível, nos itens analisados.

A coleta dos dados foi realizada, em 29 de agosto de 2016, após a autorização do local e respeitando as questões éticas para a pesquisa, através de consulta direta em cada ficha de entrevista de internação disponível nos prontuários dos residentes, no arquivo da própria Comunidade Terapêutica.

No total foram identificadas 126 fichas de entrevista de internação dos residentes, conforme os critérios de exclusão foram descartados no ano de 2013 uma ficha, 2014 cinco fichas e 2015 duas fichas, totalizando 118 fichas. Após os dados serem obtidos, os mesmos foram tabulados em planilha eletrônica, analisados através do programa Microsoft Excel 2013, utilizando procedimentos de estatística descritiva (frequência e porcentagem).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos resultados da pesquisa é possível compreender as características dos residentes como: número de internações por ano, faixa etária, droga de preferência, consumo de tabaco no ingresso do tratamento, comorbidades mais frequentes declaradas no momento da entrevista de internação (que foram diagnosticados anteriormente ao período da internação na CT) e número de casos de dependentes de álcool ou outras drogas na família.

Tabela 1. Número total de Internações por ano.

Ano	Internações	%
2013	48	40,68%
2014	47	39,83%

2015	23	19,49%
Total	118	100,00%

A partir da análise dos dados apresentados na tabela 1, no período de 2013 a 2015 é perceptível perceber uma queda no percentual de internações no ano de 2015, comparado aos anos anteriores. No ano de 2013, foram identificadas 48 internações, já no ano de 2015 realizou-se somente 23, menos da metade. Uma hipótese provável para esta queda pode estar relacionada à crise econômica do Brasil e que também atingiu o Estado do Rio Grande do Sul. No ano de 2015, segundo o jornal Zero Hora (2015), vinte Estados atrasaram pagamentos aos servidores e o pagamento da parcela da dívida com a União, tornando-se um passo ao declínio do estado, que entre os anos de 1971 e 2014, gastou mais do que a arrecadação ao longo de 37 anos.

Outro fator que pode ter influenciado na queda das internações no ano de 2015, foi o término e a não renovação no ano seguinte do convênio que a CT mantinha com a Prefeitura. Somente no Estado do Rio Grande do Sul, existem 30 CTs filiadas a Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas (FEBRACT) que fazem concorrência mediante aos editais anuais.

Com a redução de vagas gratuitas geradas pelo convênio, as famílias necessitam investir financeiramente no tratamento de reabilitação, fornecendo o custeio adequado para o período do tratamento, o que para muitas se torna impossível manter devido a sua baixa renda. Evidenciando que o tratamento exige um investimento financeiro considerável, já que o residente neste momento encontra-se com sua vida desorganizada em todos os aspectos.

Conforme os resultados da amostra, composta por 118 fichas de entrevista de internação, verificou-se que a faixa etária predominante na amostra é entre 26 a 29 anos, totalizando 20,34 % (n=118), de acordo com a tabela 2. Dados parecidos aos encontrados no estudo realizado no Ambulatório de Dependência Química da Cruz Vermelha Brasileira, filial do estado do Rio Grande do Sul, onde o perfil predominante dos usuários de SPA é entre 21 a 30 anos, 36.1% (n=531), sexo masculino, solteiros, cor branca, com baixo nível de escolaridade, baixa condição socioeconômica e sem vínculos empregatícios (MASCARENHAS, 2014).

Tabela 2. Faixa etária no momento da internação.

Faixa etária	Internados	%
18 a 21 anos	13	11,02%
22 a 25 anos	20	16,95%
26 a 29 anos	24	20,34%
30 a 33 anos	12	10,17%
34 a 37 anos	16	13,56%
38 a 41 anos	11	09,32%
42 a 45 anos	09	07,63%

46 a 49 anos	05	04,24%
50 a 53 anos	05	04,24%
54 a 57 anos	03	02,54%
Total	118	100,00%

A pesquisa realizada por Marques (2015), no período de 2008 a 2012, na Região Metropolitana de Porto Alegre, abrangendo o número de internações no Sistema Único de Saúde (SUS) por dependência química, somente pessoas do sexo masculino atinge 15.540 internações, a faixa etária de 25 a 29 anos é predominante equivalente a 16,8% (n = 2.609).

O Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas – OBID (2016), afirma a partir da pesquisa realizada pelo SENAD/MJ, buscando identificar o público que fazia uso de substâncias, foi possível constatar que 80% dos usuários de SPA, são homens, na faixa dos 20 aos 30 anos que realizam o uso na rua.

Há uma confirmação em relação faixa etária das pesquisas citadas, demonstrando claramente que o índice de procura por tratamento está depositado em adultos jovens, dependentes de substâncias sendo elas lícitas ou ilícitas.

Tabela 3. Droga de Preferência do residente.

Droga	Preferência	%
Cocaína	14	11,86%
Crack	40	33,90%
Álcool	19	16,10%
Maconha	02	01,69%
Crack e Álcool	11	09,32%
Cocaína e Álcool	16	13,56%
Crack e Cocaína	09	07,63%
Maconha e Álcool	05	04,24%
Ecstasy	02	01,69%
Total	118	100,00%

Observa-se que o motivo da internação como maior prevalência é o uso crônico do crack 33,90% (n=118), porém o mesmo aparece mais duas vezes associado ao uso em conjunto com outras substâncias, ao álcool 9,32% (n = 118) e a cocaína 7,63% (n = 118). Assim pode-se fazer referência que 50,85% (n = 118) das internações dos residentes estão associadas ao uso do crack. Considerada uma droga de fácil acesso, sua aquisição é simples, rápida e pública, proporcionando deteriorização física e crônica, a partir dos anos 90 os dependentes de cocaína e crack, lideraram o índice de procura por tratamento em locais especializados. Freire (2012) e

Sayago (2013), destacam a alta prevalência do consumo de crack, estes altos índices de consumo são considerados um problema preocupante em termos de saúde pública mundial.

O uso crônico do álcool com 16,10% (n=118), segue em segundo lugar na preferência dos residentes. Ao associar o álcool com outras drogas como: o crack, a cocaína e a maconha, esse índice aumenta quase três vezes, chegando a um percentual de 43,22% (n = 118). No Brasil, as bebidas alcoólicas consistem em uma das principais causas de doença e de mortalidade, segundo Cardoso (2016), as taxas estão entre 8% e 14,9% do total de problemas de saúde nacional. O comportamento de beber do dependente de álcool, segundo Alchieri (2013), está vulneravelmente mediado não só pelo fator genético, como por estímulos ambientais, cognitivos, sociais, culturais, psicológicos ou de personalidade.

Tabelas 4. Residentes que iniciaram o tratamento consumindo o tabaco.

Ano	Tabagistas	%
2013	36	42,35%
2014	33	38,82%
2015	16	18,82%
Total	85	100,00%

No curto período de 2013 a 2015, dos 118 residentes que ingressaram na CT, 85 deles equivalente a 72,03% são fumantes. A partir deste dado, é perceptível a grande associação do tabaco com o consumo de outras drogas, considerado como um hábito maléfico pela OMS (2016), o tabagismo tem sido protagonista de diversos projetos e campanhas para redução do consumo. Segundo dados da Organização, o Brasil já teve quase 40% de fumantes e esse número reduziu para 11%, mesmo com essa redução ele é responsável por 200 mil mortes por ano no Brasil e 6 milhões no mundo.

Os processos farmacológicos e comportamentais que determinam a dependência de nicotina, segundo Nemmen (2013), são similares aqueles que determinam a dependência de outras drogas, como a heroína e a cocaína.

Os percentuais dos residentes fumantes dessa pesquisa (72,03%) são um pouco inferior aos índices de 86% encontrados pelo estudo realizado por Mascarenhas (2014), no Ambulatório de Dependência Química da Cruz Vermelha Brasileira, filial do estado do Rio Grande do Sul, dos dependentes de substâncias que consomem conjuntamente o tabaco.

Tabela 5. Comorbidades diagnosticadas antes da internação.

Diagnóstico	Comorbidades	%
Transtornos Depressivos	29	34,52%

Transtorno Bipolar	24	28,57%
Espectro da Esquizofrenia	03	3,57%
Transtorno Obsessivo Compulsivo	05	5,95%
Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade	21	25,00%
Transtorno de Ansiedade	02	2,38%
Total	84	100,00%

As comorbidades presentes nas fichas de entrevistas de internação são referentes aos relatos dos residentes, pois os mesmos foram diagnosticados antes da internação na CT, podendo ser esta realizada em tratamentos anteriores. Foi possível constatar que 84 internos apresentaram comorbidades, de acordo com a tabela 5, o equivalente a 71,18% das 118 internações.

A ocorrência de uma patologia qualquer em um indivíduo já portador de outra doença, com a possibilidade de potencialização recíproca entre estas, é conhecida como comorbidades. Dependentes químicos possuem mais chances de desenvolver um transtorno psiquiátrico, para Hess (2012), quando comparados a indivíduos que não utilizam drogas, sendo a identificação deste outro transtorno relevante tanto para o prognóstico quanto para o tratamento adequado do paciente.

A presença de comorbidades pode apresentar dificuldades no tratamento, Barros (2014), afirma que a presença de sintomas de ansiedade e depressão, tende a associar-se fortemente a desistência do tratamento. O consumo abusivo de drogas e perturbações psiquiátricas compõe uma combinação frequente, já que cerca de 80% dos pacientes nos quais são diagnosticada dependência de substância psicoativa, apresentam igualmente perturbações psiquiátricas.

A existência de maior prevalência de comorbidades, apresentados nos dados da pesquisa, foi o diagnóstico de depressão com 34,54% (n = 84). Que também esta associada à dependência do álcool, que segundo Argimon (2013), a mesma pode ser vista como um fator que predispõe o sujeito ao uso do álcool, pelo fato de muitas vezes a substância ser usada como automedicação, com intuito de melhorar o humor, o que pode acabar contribuindo para um uso abusivo e ou excessivo no futuro. A predisposição genética e os fatores ambientais dos indivíduos, bem como à vulnerabilidade, são potenciais para desenvolverem os dois transtornos simultaneamente.

O transtorno Bipolar que na pesquisa remete aos índices de 28,57% (n = 84), nem sempre é facilmente identificado, e o seu estado pode apresentar sintomas depressivos ou eufóricos, segundo Safaneli (2012). As primeiras crises do transtorno bipolar se manifestam mais cedo em dependentes de SPA, pessoas podem acabar realizando o uso de substância como

uma forma de aliviar os sintomas gerados pelas crises maníacas ou depressivas, fazendo com que o transtorno evolua para um prognóstico mais grave.

Ao analisar todos os Transtornos de Humor (Transtornos Depressivos e Transtorno Bipolar), chega-se a um percentual de 63,09%. Segundo estudos realizados por Chaim (2015), ao comparar dependentes de álcool ou outras drogas, com a população geral, os dependentes possuem maior risco de sofrer de transtorno de humor e ansiedade.

Tabela 6. Número de casos de dependentes de álcool ou outras drogas na família.

Ano	Casos	%
2013	13	38,24%
2014	13	38,24%
2015	08	23,53%
Total	34	100,00%

Conforme a Organizações das Nações Unidas - ONU (2016), esposas e filhos de usuários de drogas são mais propensos a serem vítimas de violência relacionada ao uso de drogas. Ainda que muitos estudos mostrem uma maior prevalência do uso de drogas entre pessoas mais jovens do que em adultos, a divisão de gênero não se mostra mais tão presente.

Segundo os dados coletados e apresentados na tabela 6, 34 dos residentes da CT apresentam no mínimo um integrante da sua família com problemas relacionados ao abuso de substâncias, equivalente a 28,81% do total de 118 internos. Conforme afirma Padilha (2013) e Vaz (2013), o fato de o adolescente conviver com um ou mais alcoolista no seu âmbito familiar pode influenciar positiva ou negativamente na formação do mesmo, os filhos de pessoas com problemas de consumo abusivo do álcool apresentam alto risco para o consumo de bebidas alcoólicas, quando comparados com filhos de pessoas que não são consideradas dependentes do álcool, em alguns casos, os filhos reproduzem na idade adulta os problemas vivenciados na infância e adolescência, um em cada três jovens adultos dependentes do álcool tem histórico de alcoolismo na família.

Para Bartholomeu (2014), o uso abusivo de SPA pode ser associado a certas vulnerabilidades genéticas, que são hereditárias. Fator este que pode explicar o comportamento de um filho de pais usuários que também desenvolve a dependência, o fator hereditário pode estar relacionado ao índice de internações em que membros da família também apresentavam consumo abusivo de substâncias.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa sobre as características dos residentes de uma Comunidade Terapêutica, acerca do seu total de internações no período de 2013 a 2015 resultou em 118 residentes conforme os critérios de inclusão estabelecidos. Com faixa etária predominante de 26 a 29 anos que ao ser comparado com pesquisas semelhantes afirma-se que os percentuais de internações masculinas são de jovens adultos.

O consumo de álcool, tabaco e drogas ilícitas configura-se como um grave problema de saúde pública, segundo os dados obtidos nesse estudo a droga de maior preferência é o crack com 33,90%. Confirma o consumo conjunto de mais de uma substância, sendo que o crack ao ser associado com a cocaína e o álcool, o seu percentual sobe para 50,85%.

O álcool é uma das drogas mais consumidas, por ser de fácil acesso e ser considerada lícita. O número de acidentes envolvendo o consumo abusivo é alarmante, muitas pessoas não a veem como uma droga e os danos que a mesma causa em seu organismo, na maioria das vezes a sua internação vem na meia idade em que o dependente percebe as perdas que obteve através do seu consumo abusivo.

Foi possível constatar a presença de comorbidades psiquiátricas entre os residentes, o Transtorno Depressivo com 34,54% e o Transtorno Bipolar com 28,57%, constaram-se que dos 118 residentes que ingressaram no período de 2013 a 2015, 71,18% deles apresentam diagnósticos psiquiátricos, dados estes que demonstram a importância dos profissionais realizarem um tratamento conjunto para a dependência e um acompanhamento para os transtornos psiquiátricos instalados no sujeito.

O consumo abusivo de substâncias por pessoas do âmbito familiar pode influenciar outros membros a experimentar tais substâncias, na pesquisa foi possível constatar que em 28,81% das internações realizadas, há a declaração do consumo abusivo de substâncias psicoativas por genitores ou outro membro familiar.

Estudos como a presente pesquisa são importantes para subsidiar ações de prevenção e promoção da saúde. Sua relevância também é constatada nas modalidades de intervenções, que só podem ser colocadas em prática, após o conhecimento aprofundado do fenômeno no qual se pretende intervir. Por fim, destaca-se que seria importante a realização de estudos longitudinais, que possibilitem o acompanhamento da evolução do tratamento. Permitindo uma maior clareza em relação ao índice de residentes que não recaíram perante a dependência do consumo de substâncias psicoativas.

REFERÊNCIAS

ARGIMON, Irani de Lima. et al. A intensidade da depressão e a internação de alcoolistas. Canoas: Aletheia, 2013.

- ALCHIERI, Carine Cláudia. et al. Percepções de alcoolistas residentes no meio rural sobre o alcoolismo: suas causas e consequências. Palmeira das Missões: Revista de Enfermagem, 2013.
- BARROS, Mário Antônio Soares Amada. Características sociodemográficas, clínicas, padrão de uso de substâncias psicoativas: Resposta ao programa de tratamento dos residentes da comunidade terapêutica Granja de São Felipe. Cidade da Praia, 2014.
- BARTHOLOMEU, Daniel et al. Avaliação da Ansiedade e outros aspectos emocionais de dependentes químicos em regime de internação. Bol. - Academia Paulista de Psicologia: São Paulo, 2014.
- CARDOSO, Claudia Castanheira. A identidade do alcoólatra em recuperação: uma explicação por meio da Dinâmica de Forças: VII EPED, São Paulo, 2016.
- CARVALHO, Maria Cecilia M. de. Construindo o Saber. 19. ed. São Paulo: Paparius, 2008.
- CAPISTRANO, Fernanda Carolina. et al. Impacto social do uso abusivo de drogas para dependentes químicos registrados em prontuários. Curitiba: UFRP, 2013.
- CERUTTI, Fernanda; RAMOS, Sérgio de Paula; ARGIMON, Irani Iracema de Lima. A implicação das atitudes parentais no uso de drogas na adolescência. Porto Alegre: PUC, 2015.
- CHAIM, Carolina Hanna; BANDEIRA, Kercya Bernardes; ANDRADE, Arthur Guerra de. Fisiopatologia da dependência química. São Paulo: Rev. Med, 2015.
- COLOGNESE, Bruna Tolotti; FERREIRA, Vinicius Renato Thomé. Prejuízos de funções executivas em usuários de cocaína e crack. Itatiba: Aval. Psicol. v.13, n. 2, 2014.
- DE LEON, George. Comunidade Terapêutica: teoria, modelo e método. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- FEBRACT. Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas. Disponível em: www.febract.org.br. Acessado em: 05 de agosto 2016.
- FERREIRA, Aline Cristina Zerwes. et al. Caracterização de internações de dependentes químicos em uma unidade de reabilitação. Cogitare Enfermagem, Paraná, 2012.
- FREIRE, Suzana Dias. et al. Intensidade de uso de crack de acordo com a classe econômica de usuários internados na cidade de Porto Alegre/ Brasil. Scielo, Porto Alegre, 2012.
- FORMIGA, Mariana Bandeira. Comorbidades psiquiátricas em dependentes químicos da região metropolitana de João Pessoa. Recife, 2015.
- FUSCO, Geovana de Moraes. Análise comportamental das regras de uma comunidade terapêutica do interior paulista. São Paulo: 2013.
- HESS, Adriana Raquel Binsfeld; ALMEIDA, Rosa Maria Martins de; MORAES, André Luiz. Comorbidades psiquiátricas em dependentes químicos em abstinência em ambiente protegido. Estudos de Psicologia, 2012.
- LARANJEIRA, Ronaldo; RIBERIRO, Marcelo. O tratamento do usuário de Crack. 2.ed. São Paulo: Artmed, 2012.
- LEMOS, Débora da Silva. Serviço social na área da dependência química: uma análise da atuação profissional do assistente social em comunidades terapêuticas. Fortaleza: Faculdade Cearense, 2012.
- MARQUES, Pamella Paiva Gomes. Internações na rede pública por dependência química de residentes na região metropolitana de Porto Alegre, RS (2008-2012). Porto Alegre: UFRGS, 2015.

MASCARENHAS, Marcelo Ávila. et al. Caracterização dos usuários de substâncias psicoativas atendidos no ambulatório de transtorno aditivo com ênfase em dependência química. *Revista Baiana de Saúde Pública*, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/>. Acessado em: 01 set. 2016.

NEMMEN, Daniela da Silva; SCHNEIDER, Karla Sell. Programa de controle ao tabagismo em um centro de atendimento integral à saúde: Perfil e resultados. Passo fundo: Revista Saúde e Desenvolvimento, v. 4, n. 2, 2013.

OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS. Disponível em: http://obid.senad.gov.br/obid/copy2_of_livro-crack-e-exclusao-social_digital_web.pdf/view Acessado em: 11 de novembro de 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Disponível em: <http://www.paho.org/bra/>. Acessado em: 20 de outubro de 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID – 10. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2008.

PERRONE, Pablo Andres Kurlander. A comunidade terapêutica para recuperação da dependência do álcool e outras drogas no Brasil: Mao ou contramão da reforma psiquiátrica?. Ciênc. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro: 2014.

PADILHA, Maria Itayra; SILVA, Sílvio Éder Dias da. O alcoolismo na história de vida de adolescentes: má análise à luz das representações. Santa Catarina, 2013.

PRODANOV, Cleber; Freitas, Erani. Metodologia do trabalho científico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

RELATÓRIO DO ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME - ONU Disponível em: <https://nacoesunidas.org/29-milhoes-de-adultos-dependem-de-drogas-aponta-relatorio-do-unodc/>. Acessado em: 14/10/2016.

Comunidade Terapêutica CRED Cara Limpa. Regulamentação Interna. São Jerônimo, 2006.

SADOCK; Benjamin James; SADOCK; Virginia Alcoot. Compendio de psiquiatria, 9. ed. São Paulo: Artmed, 2007.

SAFANELLI, Camila; RODRIGUES, Jéssica Karolina; CYRINO, Luiz Arthur Rangel. Transtorno afetivo bipolar relacionado ao uso abusivo de substâncias psicoativas: Uma Revisão Bibliográfica. Ijuí: Unijuí, 2012.

SAYAGO, Cristina Beatriz. et al . Fatores protetivos e de risco para o uso de crack e danos decorrentes de sua utilização: revisão de literatura. Canoas: Aletheia, 2013.

VAZ, Marta Regina Cezar; SILVA, Priscila Arruda da. Características pessoais de filhos de alcoolistas: um estudo na perspectiva da resiliência. Enfermagem, Bogotá , 2013.

WAGNER, Adriana. Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões. Porto Alegre/RS: Artmed, 2011.

EQUOTERAPIA E SUAS REPERCUSSÕES NA INTERAÇÃO SOCIAL NA PERCEPÇÃO DE PAIS DE CRIANÇAS AUTISTAS

Priscila Correia da Silva Ferraz¹, Débora Emanuela Santos de Sousa¹, Dilma N. Pontes¹, Fabiane Lima Sousa¹, Heide Alves Silva¹ e Reinaldo Pereira Silva¹

RESUMO - O objetivo do estudo é identificar a percepção dos pais sobre a interação social de crianças autistas assistidas em um centro de equoterapia localizado na cidade de Salvador - Bahia. Essa pesquisa trata-se de um estudo de campo, exploratório, com abordagem quali-quantitativo. Tem como instrumento de coleta, uma entrevista semiestruturada. Os principais resultados foram a compreensão do autismo pelos pais entrevistados, afirmação dos pais em não ter dificuldade na comunicação com seu filho, a totalidade no percentual das pessoas não entenderem o que seu filho deseja comunicar e a necessidade dos pais de obter mais informações sobre como se comunicar com seus filhos. Conclui-se que apesar de haver particularidades de grau de dificuldades de cada criança, os pais inquiridos demonstraram possuir uma visão positiva sobre o uso do cavalo na sociabilidade dos seus filhos.

Palavras-chave: Autismo. Interação Social. Equoterapia.

ABSTRACT - The objective of the study is to identify the perception of parents about the social inter-action of autistic children assisted in a hippo-therapy center located in the city of Salvador, Bahia. This study it is a field of study, ex-ploratory, quantitative with qualitative ap-proach. Its collection instrument, a semi -structuredinterview. The main results were the under-standing of autism by interviewed parents, parents claim to have no difficulty in com-municating with your child, all in the percent-age of people do not understand what your child wants to communicate and the need for parents to get more information about com-municate with their children. It concludes that although there is degree of difficulty of each child's characteristics, the parents surveyed were found to have a positive view on the use of the horse in the sociability of their children.

Key words: Autism. Social interac-tion. Hippotherapy.



Revista
Ciência e Conhecimento
Volume 11 – Nº 1 – 2017.



1 - Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC. Salvador, Bahia, Brasil.

E-mail para contato:
Priscila Correia da Silva Ferraz
pris_correia@hotmail.com

Recebido em: 10/07/2016.
Revisado em: 28/09/2016.
Aceito em: 25/11/2016.

Área:
Atenção à saúde e bem-estar.

INTRODUÇÃO

O termo “autista” deriva da palavra grega *autos*, que significa o próprio indivíduo. Em 1911, utilizado primeiramente pelo psiquiatra Eugen Bleuler, referindo a um transtorno caracterizado pelo distanciamento da criança de sua relação com as pessoas e com o mundo exterior (RODRIGUES, 2008).

Segundo a Associação Brasileira de Autismo (ABRA), a etiologia é desconhecida (MELLO, 2007). Em 2009, o pesquisador Eric Fombonne publicou uma revisão de 43 estudos concluindo-se que a incidência é de um cada 150 casos.

Hoje, o conceito de "autismo infantil" se estendeu a uma patologia mais ampla, podendo-se encontrar "estados ou formas autistas" associados a outras patologias, como a epilepsia, paralisias cerebrais e síndromes genéticas, dentre outras, tornando o diagnóstico difícil e despercebido sendo confundido com outros quadros patológicos (LIMA, 2008).

A falta de conhecimento suficiente ao autismo, pela medicina e outros setores de saúde, atrasa o diagnóstico adequado, geralmente sendo percebidos primeiramente por pais quando se dão conta que as crianças não estão se desenvolvendo normalmente em seu convívio cotidiano e grupal (BRASIL, 2000). O diagnóstico, antes dos três anos é necessário, pois dá mais possibilidade de interferir na estrutura modular do cérebro da criança, pois se for feito tardeamente a criança pode não aprender a falar ou demonstrar mais dificuldades para ter autonomia (LIMA, 2008).

Associação dos Amigos Autistas (AMA, 2007), diz que a criança autista apresenta dificuldade de comunicação, mas utiliza alguns aspectos da comunicação verbal e não verbal. Isto inclui gestos, expressões faciais, linguagem corporal, ritmo e modulação na linguagem verbal, dificuldade no uso da imaginação caracterizada por rigidez e inflexibilidade e se estende às várias áreas do pensamento, linguagem e comportamento da criança, exemplificado por comportamentos obsessivos e ritualísticos, compreensão literal da linguagem, falta de aceitação das mudanças e dificuldades em processos criativos. Dificuldade de sociabilização é o ponto crucial do autismo e o mais fácil de gerar falsas interpretações (MELLO, 2007).

Atualmente, o tratamento do autismo tem como objetivo estimular e fazer com que a criança interaja com o ambiente e as pessoas. Frequentemente usa-se a musicoterapia, a terapia da fala, a natação, o contato com animais, o apoio em casa e com especialistas entre outras abordagens (DAVIS e CARTER, 2008).

Entre eles, destaca-se a Equoterapia, método terapêutico, que faz uso do cavalo em uma abordagem multidisciplinar, englobando áreas da saúde, educação e equitação, objetivando o desenvolvimento biopsicossocial de seus praticantes. O cavalo é empregado como agente

promotor de ganhos tanto a nível físico, quanto psíquico (ANDEBRASIL, 2010). Pois se acredita que criará uma socialização primária entre a criança e o cavalo, de modo a favorecer encorajamento do terapeuta à criança nas relações nascidas do conjunto cavalo/criança, estimulada pelo contato do indivíduo com outros pacientes, com a equipe e com o animal, aproximando-o desta maneira, cada vez mais da sociedade na qual convive (GRUBTIS FREIRE e GAVARINI, 1999).

Porém, não ficou evidente nos estudos até o momento publicados abordagem da interação social sob o ponto de vista da percepção dos pais envolvendo a equoterapia. Levando em questão que os pais que estão em convívio mais constante, entendemos que traçar determinado perfil permite pensar que a percepção é algo que interfere no processo comunicativo, social e sua atitude possibilita a constatar possibilidades positivas através do uso do cavalo no desempenho nas relações sociais.

Partindo desse pressuposto, acredita-se que os dados desta pesquisa possam impactar a fomentação e apoio ao desenvolvimento de centros de Equoterapia, fornecendo subsídios essenciais para o bom funcionamento e até criação de outros centros. Bem como incentivar novas pesquisas e embasamento teórico para a equoterapia.

Este estudo teve como objetivo identificar a percepção dos pais em relação à interação social de crianças com diagnóstico de autismo, atendidas em um centro de equoterapia localizada na cidade de Salvador/BA.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo transversal de caráter exploratório, com abordagem qual-quantitativo. O presente estudo teve como campo de pesquisa a Associação Bahiana de Equoterapia (ABAE), que possui convênio com a Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento de Salvador, junto ao Governo Federal, onde os cavalos são cedidos pelo Esquadrão da Polícia Montada. A instituição recebe crianças a partir de dois anos, adolescentes e adultos portadores de deficiências neurológicas onde assiste atualmente 131 pessoas diariamente, e oferece trabalho de inserção no ensino regular, atividade e prática de Equoterapia, orientação pedagógica e atividade recreativa.

Foram incluídos nessa pesquisa pais de crianças com diagnóstico de autismo, de ambos os gêneros, com faixa etária entre três e 11 anos, e que estivessem submetidas ao tratamento de equoterapia por no mínimo por seis meses a partir da data inicial da coleta. Foram excluídas da pesquisa crianças que não se enquadravam nos critérios de inclusão supracitados, que os pais

não aceitaram a participação na pesquisa ou não assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

A coleta foi realizada através de uma entrevista cujo instrumento utilizado tratou-se de um questionário elaborado por Balestro e Fernandes (2012) com 24 questões. Foi utilizada uma escala de Likert para estruturação das respostas permitindo especificar o nível de concordância ou discordância com relação às assertivas que variou de concordo completamente a discordo completamente.

Além das 24 questões, foram construídas perguntas relacionadas à caracterização dos entrevistados e outras três questões subjetivas cujos pais puderam relatar algo relevante que não tivessem sido contemplados nas afirmações do questionário, como informações gerais do autismo, bem como a perspectiva dos pais em relação à criança (HARZHEIN, 2006).

Foi realizado estudo piloto para calibração do questionário durante mês de novembro de 2015 para testar o quanto compreensível às questões eram, e eventualmente modificar qualquer termo que pudesse ser de difícil compreensão. A coleta de dados ocorreu com 11 pais, na própria ABAE nos meses de fevereiro e março de 2016.

Nas entrevistas, foram utilizados gravadores digitais com o intuito de registrar na íntegra todas as falas dos entrevistados. Destaca-se ainda que essas entrevistas foram transcritas para fins de análise.

Na análise dos dados quantitativos, o conjunto de itens apresentados em forma de afirmações foram medidas pela escala de concordância e discordância condicionada a um valor numérico, organizados em quatro domínios entendidos como vertentes nas diversas situações de relacionamento, sendo domínio (1): a impressão dos pais sobre eles próprios em relação à criança; domínio (2): a percepção dos pais em relação a aceitação das pessoas para com as crianças, domínio (3): a atitude dos pais com a criança e domínio (4): a impressão dos pais em relação aos seus filhos.

Na análise dos dados qualitativos, foi construída uma matriz com o propósito de organizar os trechos das entrevistas de cada pai responsável de forma a ser realizada uma análise vertical e horizontal para encontro dos pontos de concordância e discordância das falas. Na análise dessa matriz foi realizada a técnica de análise de conteúdo, respeitando as seguintes fases propostas por Minayo (2000): pré-análise, exploração, categorização e interpretação.

A análise desse estudo se deu através de uma análise descritiva das características sociodemográficas de pais de crianças autistas e de cuidados a saúde dessas mesmas crianças. Foram calculadas frequências absolutas e relativas das variáveis categóricas e média, valores mínimos e máximos das variáveis contínuas.

Através de quatros domínios foram descritas as frequências absolutas e relativas de cada afirmativa por domínio, sendo agrupadas as seguintes categorias: concordo plenamente e concordo, em: concordo; discordo e discordo plenamente, em: discordo. Calculou-se o Coeficiente de Correlação de Spearman entre a idade da criança durante a percepção dos primeiros sinais e sintomas do autismo (meses), tempo de tratamento com a equoterapia (meses) e o total de quatros domínios com nível de 5% de significância estatística.

Foi calculada a frequência em percentual da compreensão ou não do conceito e mecanismo do autismo pelos pais das crianças estudadas. A análise foi feita no Software Stata (versão 12) e as tabelas foram construídas no Excel for Windows 2013 para demonstração dos resultados.

Os dados qualitativos das entrevistas buscaram-se aproximar dos domínios (1º e 3º) na perspectiva de relacionar as frequências de concordância e discordância entre esses domínios e as falas.

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em pesquisa do Monte Tabor- Hospital São Rafael, para avaliação, respeitando as proposições da resolução 466/2012, sendo aprovado sobre o protocolo n° 1.389.056. Todos os participantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido garantindo a confidencialidade e preservação das informações.

RESULTADOS

Em relação às características sociodemográficas dos pais, este estudo contou com 11 entrevistados cuja relação de parentesco foi materna e paterna com (81,8 %) e (18,2%) respectivamente, com a média de idade de 38,8 anos (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição das características sociodemográficas dos pais e do tratamento com equoterapia a crianças autistas. Salvador, Bahia, 2016.

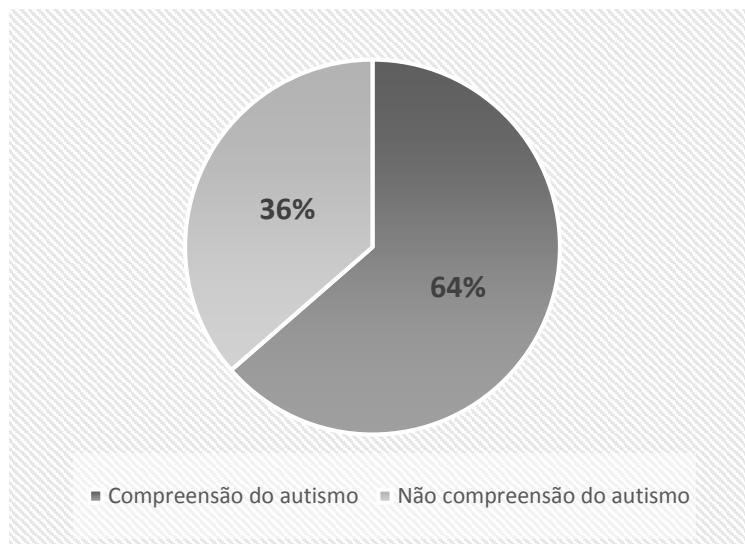
	Variáveis	Frequência (n)	Porcentagem (%)
Gênero	Masculino	2	18,2
	Feminino	9	81,8
Escolaridade	Ensino Fundamental	1	9,1
	Ensino Médio	4	36,4
	Ensino Superior	6	54,5
Posição de parentesco com a criança	Pai	2	18,2
	Mãe	9	81,8
Idade dos Pais(anos)	Média	38,8	
	Mínimo	31	
	Máximo	51	
Tempo de convivência com a criança (diário)	Integral	9	81,8
	Parcialmente	2	18,2
Idade da criança da percepção inicial dos sinais e sintomas do autismo (meses)	Média	24,5	
	Mínimo	3	
	Máximo	72	
Tempo de tratamento (meses)	Média	19,4	
	Mínimo	6	
	Máximo	35	

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016. Salvador, Bahia.

Dos entrevistados, 81,8 % tinham uma convivência integral com a criança, sendo essa prevalência na posição de parentesco materno. Quanto a percepção dos pais a idade da criança em relação aos primeiros sinais e sintomas foi em média 24,5 meses. Verificado que o tempo de tratamento da equoterapia de todas as crianças do estudo correspondeu uma média de 19,4 meses (Tabela 1).

Ao nível de entendimento sobre o autismo, 36% da amostra demonstraram a não compreensão, enquanto 64% demonstraram o entendimento do autismo, mediante ao que a literatura descreve sobre o conceito (Gráfico1).

Gráfico 1. Compreensão sobre conceito de autismo.
Salvador, Bahia, 2016.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2016. Salvador, Bahia.

A tabela 2, apresenta os quatros domínios que sintetizam as percepções dos pais sobre interação social dos seus filhos assistidos à Equoterapia, onde no domínio 1 corresponde as percepções dos pais sobre sua interação com seus filhos (D1); domínio 2 a percepção dos pais à aceitação e atitudes das outras pessoas para com seus filhos (D2); domínio 3 a atitude dos pais com seus filhos (D3); domínio 4 a impressão dos pais a respeito de seus filhos (D4).

Tabela 2. Distribuição da frequência da relação da equoterapia na interação social de crianças autistas por quatro domínios. Salvador, Bahia, 2016.

Variáveis por domínio	N	Concordo (%)	N	Discordo (%)
1º Domínio				
Questão 2. Eu tenho dificuldade em me comunicar com meu filho.	3	27,3	8	72,7
Questão 4. Eu tenho dificuldade em me comunicar com meu filho quando estamos somente nós dois.	1	9,1	10	90,9
Questão 6. Eu tenho dificuldade em me comunicar com meu filho quando tem outras pessoas no mesmo ambiente.	6	54,5	5	45,5
Questão 8. Eu tenho dificuldade em brincar com meu filho.	3	27,3	8	72,7
Questão 10. Eu tenho dificuldade em entender o que meu filho quer.	1	9,1	10	90,9
Questão 12. Eu tenho dificuldade em entender o que meu filho sente.	6	54,5	5	45,5
Questão 14. Eu não sei como agir quando meu filho não me entende ou quando eu não o entendo.	6	54,5	5	45,5
Questão 16. Eu não me sinto à vontade em lugares públicos com meu filho.	4	36,4	7	63,6
Questão 18. Eu me preocupo com o futuro do meu filho.	11	100,0	0	0,0
Questão 20. Eu fico chateado quando percebo que meu filho não inicia a comunicação.	4	36,4	7	63,6
Questão 22. Eu fico incomodada com a apatia/ agitação do meu filho.	8	72,7	3	27,3
Questão 24. Eu gostaria de ter mais informações sobre como me comunicar com meu filho.	11	100,0	0	0,0
2º Domínio				
Questão 3. Eu tenho a impressão de que as pessoas não entendem o que meu filho deseja comunicar.	11	100,0	0	0,0
Questão 9. Eu tenho a impressão de que as pessoas zombam do meu filho quando ele deseja comunicar algo.	5	45,4	6	54,6
Questão 15. Eu tenho a impressão de que as pessoas evitam meu filho.	6	54,6	5	45,4
Questão 21. Eu percebo que os outros estranham meu filho.	8	72,7	3	27,3
3º Domínio				
Questão 1. Eu não sei como agir com alguns comportamentos do meu filho.	7	63,6	4	36,4
Questão 7. Eu pego todos os objetos que meu filho aponta.	4	36,4	7	63,6
Questão 13. Eu sempre converso com meu filho, mesmo que ele não converse comigo.	11	100,0	0	0,0
Questão 19. Eu não consigo ensinar coisas novas para meu filho.	3	27,3	8	72,7
4º Domínio				
Questão 5. Eu tenho a impressão de que meu filho não comprehende o que eu digo	4	36,4	7	63,6
Questão 11. Eu tenho a impressão de que meu filho não comprehende o que as outras pessoas dizem.	7	63,6	4	36,4
Questão 17. Eu percebo que meu filho fala/faz coisas que não têm a ver com o momento e/ou assunto.	7	63,6	4	36,4
Questão 23. Eu tenho a impressão de que meu filho tem poucos amigos.	10	90,9	1	9,1

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016. Salvador, Bahia.

No (D1), questões 2 e 4 (72,7% e 90,9%), discordaram em ter dificuldades em se comunicar com a criança, sendo que 54,5% (Questão 6) concordaram que ainda tem dificuldade de se comunicar com seu filho quando tem outras pessoas no mesmo ambiente.

Houve uma vontade unânime (Questão 24) dos pais em obter mais informações de como comunicar com seus filhos.

Destaca-se no domínio 2 que 72,7% dos entrevistados perceberam que os outros ainda estranham seu filho (questão 21), e que 100% concordaram que as pessoas não entendem o que seu filho deseja comunicar (questão 3).

Sobressai a questão 7 (D3), dos 11 pais, 7 discordaram da ação de pegarem os objetos que seus filhos apontam e 8 dos entrevistados da questão 19 negam a assertiva de não conseguirem ensinar coisas novas para seu filho.

Na questão 11 do (D4), 63,6 % confirmaram que tem a impressão que seu filho não comprehende o que outras pessoas dizem e que o mesmo tem poucos amigos como refere na questão 23, com 90,9% de concordância.

Na tabela 3, apresenta as correlações de Spearman da idade da criança na percepção inicial dos sinais e sintomas do autismo, do tempo de tratamento pela equoterapia e o total de quatro domínios. Nota-se que não houve significância estatística entre as correlações a 0,05 observa-se correlações positivas e fracas para a correlação (0,09, 0,04, 0,16, 0,23, 0,08) e correlações negativas e fracas (-0,11 -0,21, -0,16).

Tabela 3. Coeficiente de Correlação de Spearman (r) entre a idade de percepção dos primeiros sinais e sintomas do autismo em crianças (meses), tempo de tratamento pela equoterapia (meses) e o total de cada domínio em um Centro de Equoterapia.

Domínios	Idade da criança na percepção inicial dos sinais e sintomas do autismo (meses)		Tempo de tratamento (meses)	
	Correlação de Spearman	Valor de P*	Correlação de Spearman	Valor de P*
Total do domínio1	- 0,11	0,74	0,16	0,64
Total do domínio2	- 0,21	0,54	- 0,16	0,64
Total do domínio3	0,09	0,78	0,23	0,49
Total do domínio4	0,04	0,91	0,08	0,82

*p-valor: nível de significância de 5%. Fonte: Elaborado pelos autores, 2016. Salvador, Bahia.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Os resultados revelaram a prevalência materna na relação de parentesco e convivência integral com a criança. Prevalência essa justificada por Power e Tunali (1993) nos seus estudos, pelo fato que o papel central de desempenho está relacionado ao fato de ser mãe enquanto no caso dos pais como provedor de suporte financeiro. E a demanda de cuidados que a criança necessita e a falta de outros cuidadores há dificuldades de mães em continuar sua carreira profissional.

Mesmo que esses autores relatam sobre a não continuidade da vida profissional, o presente estudo evidencia que a maioria dos entrevistados possuem ensino superior (54,5%),

assim como para Shu et al., (2000) concluiu que mães com mais anos de estudo puderam utilizar melhores recursos para procurar ajuda.

Os pais entrevistados perceberem os sinais e sintomas do autismo nas crianças em média de idade de 24,5 meses o que confirma com o Manual Diagnóstico para Transtornos Mentais - DSM IV (APA, 2013), que as primeiras manifestações devem surgir antes dos 36 meses de idade. Porém ressalva com base nos depoimentos dos pais, que foram apenas percepções de características que não condizia com o desenvolvimento normal do seu filho, não ainda relacionando com o autismo, bem como relatando sobre as hipóteses e múltiplas avaliações por parte dos profissionais até fechar o diagnóstico.

Baseando-se na definição da classificação internacional da doença (CID - 10) (2000) o autismo é um transtorno global do desenvolvimento caracterizado por um desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes da idade de três anos, e apresentando uma perturbação característica do funcionamento nas interações sociais, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo.

Foi questionado aos entrevistados em relação à compreensão do autismo, onde ilustrado no gráfico 1. Dos pais que demonstraram a não compreensão sobre autismo, foi justificado, de acordo com os relatos dos mesmos, que foi devido à falta de acessibilidade a informações.

Dentre os pais que não possuíam boa compreensão destacam-se que três entrevistados não tinham entendimento qualquer sobre o tema e uma tinha entendimento deturpado. Como o entrevistado III atribuindo o autismo as questões genéticas herdadas da família paterna e nega o diagnóstico do filho se baseando do não uso contínuo de medicamentos como as demais patologias necessitam. Enxergando seu filho como uma criança hiperativa.

Embora seja uma pequena parcela, os pais que não apresenta compreensão, representa um entrave importante no cuidado e acompanhamento da criança, uma vez que, a falta de conhecimento sobre o transtorno pode acarretar no distanciamento de informações importantes que forneçam base para interpretar sinais e sintomas lhes atribuindo um significado de forma a complementar a reabilitação do seu filho, seja nas áreas intelectual-pedagógica, social ou motora.

Estudos realizados pelas autoras Semensato e Bosa (2014), questionaram a definição do autismo aos pais, inicialmente eles quase não falaram explicitamente sobre autismo, mas da dificuldade do filho. Também ressaltou que os pais relacionavam a etiologia do autismo á imunizações, predisposição genética ou exposição da mãe a fatores ambientais.

Em contraponto, a pesquisa de Ecker (2010) que investigou crenças culturalmente construídas sobre o autismo em famílias de alguns países asiáticos concluiu-se que, por exemplo, na Coreia do Sul, existe a ideia de que o autismo seja curável e possa ser resultado de uma punição por pecados antigos da família, negligência da mãe em relação à criança, ou “fantasmas maus”.

Referindo a tabela 2 (D1), dos resultados demonstrados foi percebido melhorias importantes na comunicação entre pais e filhos. Para Sams et al. (2006) a linguagem, seja ela verbal ou não verbal, é de extrema importância no que se refere à interação social, onde nos seus estudos foram investigados os possíveis benefícios da equoterapia objetivando a intervenção social entre crianças autistas, com e sem uso de animais. Os seus resultados apontaram que a inserção do contato animal melhorou a interação social e o uso da linguagem entre os participantes quando comparada ao uso de programas tradicionais de terapia sem o uso de animais.

Também foram apontados estudos que enfatizaram os notáveis efeitos da equoterapia no que se refere ao desenvolvimento social de crianças. Esta ideia é confirmada ainda por outros dois estudos citados no mesmo artigo, como sendo a presença de um animal o estímulo ao aumento da consciência social da criança (CRIPPA E FEIJÓ, 2014).

Em contraponto, quando comparada essa comunicação dos respondentes com seus filhos quando se tem outras pessoas no mesmo ambiente não há uma evolução significativa (questão 6) essa realidade pode ser ilustrada conforme o depoimento a seguir:

Entrevistado 1 “O externo para falar com ele, ainda é um pouco difícil, eu ainda não tenho certeza se ele está entendendo... é meio conflituoso”.

Mello (2005), acrescenta que a dificuldade de socialização nesse contexto, faz com que a pessoa com autismo tenha uma pobre consciência da outra pessoa, e de compreender os fatos a partir da perspectiva do outro.

É possível observar que mesmo com apreensão dos pais nesta questão, eles demonstraram a necessidade de buscar novas informações e ajuda de como se comunicar com seu filho como na (questão 24) mesma conclusão para Gomes (2015) que confirma com notoriedade da preocupação dos pais com o futuro dessas crianças, devido à sua limitação em prover o sustento próprio. Ilustrada fala do entrevistado a seguir:

Entrevistada 9 “Estava expondo o querer de fazer um curso para me aprofundar (...) por mais que você tem vivência no dia a dia.... Mas são vários acontecimentos e as vezes você tá num processo que você não sabe lidar. ”

Destaca-se no (D2) percentuais de grande relevância de concordância ao estranhamento das pessoas em relação ao seu filho (questão 21), e a impressão de poucos amigos que o filho tem (questão 23), (D4) sendo esse último de 90,9 %, o que reflete a não evolução da relação social com a sociedade na visão dos pais.

No transcorrer das entrevistas uma das mães relata que às vezes, tem a impressão do preconceito, porém preferem não acreditar. E enfatiza que o autismo por não ser notório como a Síndrome de Down (exemplificando), as pessoas verem o comportamento do seu filho, classificando como birrento, mal-educado. Essas características em geral são pouco aceitáveis pela sociedade e por outros membros da família, causando maior desconforto dos pais em situações sociais Coleman et al. (1985).

Sobre o olhar dos pais ao processo de comunicação da criança com qualquer outro interlocutor (Questão 3) no (D2), atingiu a totalidade de concordância, que as pessoas não entendem o que o filho deseja comunicar, assim também como eles tem a impressão que o filho não comprehende os que as outras pessoas dizem (questão 11) do (D4). Confirmado então que a compreensão e entendimento nessa relação criança e sociedade não houve ganhos importantes. O estigma e rotulação reforçado pela sociedade ao um desenvolvimento atípico não são superados tão facilmente pelas pessoas afetadas (FERNANDES, 2009), sendo um fator prejudicial para boa evolução de interação social da criança para com o externo.

No (D3) destaca a questão 7, um aspecto comportamental da criança autista geralmente usada em sua comunicação, pois no apontar do objeto ela faz com que pessoa esteja com ele, vá pegar o solicitado; o entenda. Porém nos resultados houve discordância dentre os respondentes alegando uma melhora com o tratamento, pois antes faziam, mas hoje não fazem mais, havendo uma comunicação mais clara.

Becker (2003) refere que a serenidade e a autenticidade do animal contagiam-nos, obriga-nos e induzem-nos a romper com o nosso habitual esquema comportamental mediante o entretenimento gerado, facilita-se a interação entre outros diminuindo a sensação de solidão e a não compreensão do outro. Dos os 11 entrevistados 8 relataram que conseguem ensinar coisas novas para seus filhos (questão 19), corroborando aos efeitos benéficos que a equoterapia trabalha nas dificuldades de aprendizagem (VASCONCELOS, 1998).

Esta ideia é reforçada pelas palavras de Falcão (1999) que esse tipo de terapia influencia a aprendizagem da capacidade adaptativa e comportamental. O terapeuta, através do uso de atividades motivadoras, vai ajudar a criança autista a desenvolver e a adquirir um reportório de capacidades desenvolvimentais e padrões comportamentais de imitação. Esta

intervenção promove funções sensório-motoras, psicossociais e cognitivas, para que a criança conheça as suas necessidades e se adapte ao meio que a envolve.

Na tabela 3, embora não houve significância estatística entre as correlações a 0,05, os domínios representam dimensões distintas e estão relacionados a um constructo comum de interação social. Comparando com estudo de Pimentel et al. (2014) que teve como objetivo identificar e descrever as dificuldades e o valor atribuído ao trabalho com crianças com autismo, por professores. Foi aplicado o teste da análise de correlação de Spearman, com o intuito de verificar o grau de relacionamento entre a fala e as variáveis “gestos”, “sinais”, e “escrita”, encontrou-se correlação negativa significativa com “gestos” e “sinais”.

Assim, embora não se possa afirmar que a fala seja o meio de comunicação exclusivo entre professor e aluno, observou-se que é o meio privilegiado para essa comunicação. Fundamentando assim que a comunicação verbal, ainda é de suma importância sobre a interação social dessas crianças, e que mesmo não havendo significativa estatística a equoterapia nos achados desse estudo vem ajudando na visão dos pais essa criança.

Esse estudo abordou, a partir da visão dos pais, a equoterapia na interação social de crianças autistas. Embora se tenha um número de amostra pequena, e a particularidade de grau de dificuldades de cada criança, bem como o tempo de inserção no tratamento, conclui-se que os pais inquiridos demonstram possuir uma visão positiva sobre o uso do cavalo na sociabilidade do filho. Levando em conta dados e resultados espera-se com esse estudo alargar mais pesquisas para atenção das especificidades do distúrbio e embasamento teórico da participação da equoterapia no desenvolvimento social, e assim fomentar/manter a terapêutica.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA (ANDE-BRASIL), 2012. Disponível em: <<http://www.equoterapia.org.br/site/>>. Acesso em: 24 mar. 2015.
- BALESTRO, Juliana Izidro; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Questionário sobre dificuldades comunicativas percebidas por pais de crianças do espectro do autismo. Rev. soc. bras. Fonoaudiologia, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 279-286, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342012000300008>>.
- BOSA, Cleonice Alves; SIFUENTES, Maúcha. Criando pré-escolares com autismo: Características e desafios da coparentalidade. Psicologia em Estudo. Maringá, v. 15, n. 3, p. 477-485, Jul. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122134005>> ISSN 1413-7372>.
- CAÇADOR, Carla Patrícia Moreira. A importância da hipoterapia nas crianças autistas. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação na Especialização em Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor. Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, 2014.

- CRIPPA, A; FEIJÓ, A.G.S. Atividade assistida por animais como alternativa complementar ao tratamento de pacientes: a busca por evidências científicas. *Rev. Latinoam. bioet*, v. 14, n. 1, Bogotá, Jan. 2014.
- FAVERO, M.A.B.; SANTOS, M.A. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia Reflexão e Crítica*. Porto Alegre: v. 18, n. 3, p. 358-369, Dec. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722005000300010>>.
- FERNANDES, C. M. A história do autismo e a clínica da psicanálise. 2010. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- FREIRE, H. B. G; POTSCH, R. R. O autista na equoterapia: a descoberta do cavalo. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande: UCDB, 2005.
- FREIRE, Heloisa Bruna Grubtis. Equoterapia Teoria e Técnica: uma experiência com crianças autistas. São Paulo: Votor, 1999.
- FREITAS, JVM, Possi, KC, Holanda, MV. O impacto do diagnóstico de autismo nos pais e a importância da inserção precoce no tratamento da criança autista. *Ver. Psychiatry. (On-Line)* Brasil, v. 16, n. 1, 2011.
- LEWIS, M. *Tratado de Psiquiatria da Infância e Adolescência*, Melvin Lewis, Ed. Artes médicas, 1995.
- LIMA, MMR, Lampreia, C. *Instrumento de Vigilância precoce do autismo. Manual e Vídeo*-1^a. ed., Ed. Loyola, Rio de Janeiro, 2008.

- MANUAL DE DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE DISTÚRBIOS MENTAIS: DSM-IV (4^a ed.), APA.** São Paulo: Manole, 1994.
- MELLO, Ana Maria S. Rosde. *Autismo: Guia Prático*. 7 ed. São Paulo: AMA, 2007.
- ONZIL, Z, Gomes, RF. Transtorno do espectro autista: A importância do diagnóstico e reabilitação. *Caderno pedagógico*, Lajeado, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015.
- PIMENTEL, AGL, Fernandes FDM. A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. *Audiol Commun Res*. v. 19, n. 2, p. 171-178, 2014.
- RODRIGUES, Leiner Resende. Convivendo Com a Criança Autista: Sentimentos da Família REME – Revista Mineira de Enfermagem. v. 12, n. 3, p. 321-327, Jul/set., 2008. Disponível em <http://reme.org.br/artigo/detalhes/272>.
- SCHMIIT, J.F.; LIMA, V. *Terapia assistida por animais e pessoas com Transtorno do Espectro Autista: Uma revisão*. Curitiba, 2015.
- SEMENSATO, M.R.; BOSA, C.A. Crenças Parentais sobre o Autismo e sua Evolução Pensando Famílias, v. 18, n. 2, p. 93-107, Dez. 2014.
- SILVA, A. R. Autismo na Criança e seu impacto sobre a família. *Revista Pediátrica Med.*, v. 36, n. 7, p. 474-479, 2007.
- SILVA, Josefina Pereira. Equoterapia em Crianças com Necessidades Especiais. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, v. 1, n. 11, Nov. 2008.
- TOLIPAN, S. *Autismo: Orientação para os pais*. Casa do Autista. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.
- VAN DEN HOUT, C. M.; Bragonje A. S. The effect of equine assisted therapy in children with Autism spectrum disorders. *Human Movement Sciences: Psychomotor Therapy Research Internship*, 2009 – 2010.

VASCONCELOS, T. Efeitos de um programa psicomotor em indivíduos com perturbações do espectro do autismo. Três estudos de caso. Dissertação. Porto, 2007.

PERFIL DA APTIDÃO FÍSICA DE ESCOLARES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA ATENDIDA PELO PROGRAMA DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA (PIBID) - EDUCAÇÃO FÍSICA

Raul de Fraga Seibel¹, Lisiâne Torres Cardoso¹ e Mauro Castro Ignacio¹

RESUMO - Este estudo tem como objetivo verificar o nível de aptidão física em que se encontram os alunos de uma escola da rede pública de ensino fundamental com o intuito de subsidiar o planejamento do PIBID/UFRGS – Educação Física/Anos Iniciais. A amostra foi constituída por 54 estudantes, ambos os sexos, com idades entre 7 e 10 anos. Para a coleta de dados foi utilizado a Bateria de Medidas e testes do Projeto Esporte Brasil (PROESP-BR). A Aptidão Física relacionada à saúde (APFRS) foi avaliada através do índice de massa corporal, flexibilidade, resistência abdominal e resistência cardiorrespiratória. A Aptidão Física relacionada ao esporte (APFRE) foi avaliada através da força explosiva de membros inferiores, força explosiva de membros superiores, agilidade, velocidade e resistência geral. Foram observadas as ocorrências de frequência, em valores absolutos e percentuais, nas categorias propostas. Os resultados obtidos indicam índices preocupantes dos escolares nas variáveis analisadas. No que se refere à APFRS, os percentuais de estudantes na categoria de zona de risco são os seguintes: 40,7 % no IMC; 48,1% na força-resistência abdominal; 37% na flexibilidade e 38,2 % na resistência geral. Em relação à APFRE, os percentuais de ocorrência nas categorias “Razoável” e “Fraco” foram os seguintes: 55,5% na resistência geral; 40,7% na força de membros superiores; 46,2 % na velocidade; 25,9% na agilidade e 47,7% na força de membros inferiores. Tendo em vista esses resultados, oferecer atividades que propiciem o desenvolvimento das variáveis relacionadas à aptidão física relacionada à saúde e ao esporte se mostra necessário.

Palavras-chave: Aptidão física. Escolares. Ensino fundamental.

ABSTRACT - This study aims to determine the level of fitness that are students of a school of public network of primary education in order to support the planning of PIBID / UFRGS - Physical Education / Early Years. The sample consisted of 54 students, both sexes, aged between 7 and 10 years. For data collection was used the Caliper Battery and Sports Project testing Brazil (PROESP-BR). Fitness Health-Related Physical (APFRS) was assessed using the body mass index, flexibility, abdominal strength and cardiorespiratory endurance. Physical fitness related to sports (APFRE) was assessed by the explosive force of lower limbs, upper limbs explosive strength, agility, speed and overall strength. the frequency of occurrence were observed in absolute values and percentages, the categories proposed. The results indicate alarming rates of school in the variables analyzed. As regards the APFRS, the percentage of students at risk zone category are: BMI 40.7%; 48.1% in abdominal strength-resistance; 37% flexibility and 38.2% in the general resistance. Regarding APFRE, the occurrence percentage in the categories "Fair" and "Poor" was as follows: 55.5% in overall resistance; 40.7% on the strength of the upper limbs; 46.2% in speed; 25.9% in agility and 47.7% on the strength of the lower limbs. Given these results, provide activities that encourage the development of variables related to physical fitness and health and sport is now necessary.

Key words: Physical fitness. School. Elementary school.



Revista
Ciência e Conhecimento
Volume 11 – Nº 1 – 2017.



1 - Universidade Federal do Rio
Grande do Sul – UFRGS. Projeto
Esporte Brasil – PROESP-Br.
Porto Alegre, RS, Brasil.

E-mail para contato:
Raul De Fraga Seibel
raull.fraga@hotmail.com

Recebido em: 30/08/2016.
Revisado em: 28/10/2016.
Aceito em: 06/12/2016.

Área:
Atenção à saúde e bem-estar.

INTRODUÇÃO

A aptidão física (APF) pode ser entendida como a capacidade de desempenhar um trabalho muscular de modo satisfatório. Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), em conferência sobre o exercício, aptidão e saúde realizada no Canadá, em 1988, a APF engloba a capacidade cardiorrespiratória, a força e a resistência muscular, a flexibilidade e a composição corporal (BOUCHARD, 1991). Além de considerar que é o modo de realizar atividades diárias com sucesso, evitando a fadiga. Atualmente, APF pode ser dividida em duas vertentes, aptidão física relacionada à saúde (APFRS) e a aptidão física relacionada ao esporte (APFRE) (GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R., 1995).

Evidências científicas apontam que o baixo nível de APF está associado a maior risco de desenvolver doenças cardiovasculares (BLAIR et al., 1989; ERIKSEN, 2001), já o seu desenvolvimento está relacionado à menor incidência de doenças crônicas, menor adiposidade total e abdominal, melhora da saúde mental e corporal e aumento do desempenho escolar, além desenvolver diversas habilidades motoras (GLANER, 2003; ORTEGA et al., 2008).

Por ano, aproximadamente 5,3 milhões de mortes estão relacionadas à inatividade física no mundo (LEE et al., 2012). No Brasil, estudo conduzido por De Rezende (2015), estima que a inatividade física seja responsável por 3 a 5% de todas as doenças não transmissíveis no país, e por 5,31% de todas as mortes.

Em crianças e jovens o nível de APF é também um indicador do estilo de vida futuro, pois crianças mais aptas e com maior facilidade no desempenho de atividades motoras tendem a envolver-se mais na prática de atividades físicas e se sentirem mais recompensadas durante a prática (RODRIGUES; BEZERRA; SARAIVA, 2005), e os hábitos adquiridos durante a infância e juventude tendem a ser levados para toda a vida (BARNETT et al., 2010).

Cabe à Educação Física, enquanto componente curricular da educação básica, o acompanhamento e intervenção para que crianças e adolescentes desenvolvam adequados níveis APFRS e APFRE. Nesta perspectiva, o presente estudo tem o intuito de conhecer o perfil dos escolares em relação aos índices de APF, para desenvolver estratégias de planejamento das intervenções a serem realizadas.

APTIDÃO FÍSICA

Segundo Guedes e Guedes (1995), o conceito de APF foi inicialmente relacionado como campo exclusivo da prática esportiva, e posteriormente passou a incluir, como sugere a OMS, a capacidade de realizar um trabalho muscular de maneira satisfatória.

A APFRS pode ser compreendida como a capacidade de executar com vigor atividades do cotidiano, com uma baixa possibilidade de desenvolver doenças hipocinéticas (PATE, 1988).

A adoção de hábitos de vida saudáveis é a melhor solução para a diminuição da mortalidade, pois a prática de atividade física regular e manutenção de níveis adequados de APF têm sido reconhecidas por efeitos benéficos à saúde, sendo possível relacionar com a prevenção de doenças cardiovasculares, obesidade, diabetes, osteoporose, entre outras (NAHAS; GARCIA; 2010; GLANER, 2005; SILVA et al., 2007; HOWLEY e FRANKS, 2008; STODDEN, 2014).

Na outra vertente está à APFRE, que é entendida como a capacidade funcional múltipla do indivíduo para realizar atividades que exijam empenhamento muscular, ou também, a aptidão individual demonstrada em competições desportivas (BOUCHARD et al., 1991; MAIA, 1999).

Segundo Guedes (2007), a APFRE abrange as seguintes habilidades: potência (ou força explosiva), velocidade, agilidade, coordenação e equilíbrio.

A avaliação da APF em jovens consiste em uma importante ferramenta disponível aos professores de Educação Física para avaliar e monitorar o desempenho dos seus alunos. Além disso, é muito importante determinar se o nível de APF difere de acordo com determinadas características, tanto do aluno, quanto do contexto em que se encontra (DUMITH et al., 2010).

A APF apresenta características individualizadas, de acordo com as necessidades próprias de atividades físicas de cada ser humano, que por sua vez apresenta variações entre os indivíduos, assim como durante as diferentes fases da vida, nas quais ele possa ser mais ou menos ativo fisicamente. E de acordo com o estilo de vida do indivíduo, ele pode optar pela prática de atividades esportivas como um meio para melhoria de sua aptidão física optando por diferentes tipos de esporte, de acordo com a sua motivação. Dentro destas possibilidades e motivações pessoais, poderá praticar o esporte de modo participativo, educativo ou inclusive, de rendimento, de modo adequado ao seu nível competitivo (BHÖME, 2008).

Ainda segundo o autor, se praticando algumas dessas manifestações, o indivíduo poderá dispor de um meio, pelo treinamento ou desempenho esportivo adequadamente planejado que atenda a seus objetivos, de melhorar sua APF, seja nos aspectos relacionados com a saúde, quanto nos aspectos relacionados com as habilidades esportivas.

Diversos estudos já foram realizados com o intuito de diagnosticar a situação da APFRS e APFRE de escolares e os resultados são preocupantes.

Pelegrini et al. (2011), desenvolveram um estudo com o objetivo analisar a APF de escolares brasileiros. Foram avaliados 7.507 escolares (4.114 meninos e 3.393 meninas), de 7 a 10 anos de idade. Na avaliação final dos três testes motores, foi observada alta prevalência de escolares (96%) que não atingiu os pontos pré-estabelecidos para um nível satisfatório de APF. Este estudo indicou a necessidade de programas efetivos de intervenção na promoção de mudanças nos padrões de APF, visando contribuir para o desenvolvimento mais adequado dos níveis de desempenho motor, principalmente com iniciativas de políticas públicas em bairros, parques e condomínios que possibilitem a prática de atividades físicas e esportes.

Estudo realizado por Luguetti e Böhme (2010) com crianças brasileiras, envolvendo 3145 escolares, sendo 1590 meninos e 1555 meninas, com idades entre 7 e 16 anos, teve como objetivo mensurar indicadores de APF em crianças e adolescentes. Em todas as idades cronológicas, os resultados foram superiores a 50% de classificação “ruim”, demonstrando a necessidade de programas voltados para a melhoria da APFRS, da mesma forma que estudo conduzido por Ronque e colaboradores (2007), com 511 escolares brasileiros entre 7 e 10 anos de ambos os sexos, sendo 237 meninas e 274 meninos, relata baixo desempenho nos testes motores.

Considerando a importância de conhecer os níveis de APF dos estudantes dos Anos Iniciais da escola Estadual Cândido Portinari para, a partir dos dados da realidade, elaborar seu planejamento, o PIBID/UFRGS – Educação Física/Anos Iniciais, aplicou a bateria de medidas e testes do Projeto Esporte Brasil.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Participantes do Estudo

A população deste estudo é constituída por 120 alunos dos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Cândido Portinari, localizada no bairro Menino Deus, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

A amostra deste estudo foi constituída pelos alunos que estudam no turno da tarde que estão no 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental. Os 54 alunos que compõem a amostra correspondem a 45% da população deste estudo.

A pesquisa faz parte de um projeto maior aprovado pelo comitê de ética da UFRGS, de número 259.883.

Tabela 1. Composição da amostra.

Idade	Meninos	%	Meninas	%	Total
7	5	19,3%	8	28,6%	13
8	6	23,0%	10	35,7%	16
9	7	26,9%	4	14,3%	11
10	8	30,8%	6	21,4%	14
Total	26	100,0%	28	100,0%	54

Instrumentos para a coleta de dados e Procedimentos

O instrumento de coleta de dados foi o Projeto Esporte Brasil (PROESP-BR), sendo o mesmo um modo de observação permanente dos indicadores de crescimento e desenvolvimento corporal, motor e do estado em que se encontram as crianças e jovens entre 7 e 17 anos. Os testes têm o objetivo de auxiliar os professores de educação física na avaliação desses indicadores, propondo a realização de um programa cujas medidas e testes podem ser realizados na maioria das escolas brasileiras, com materiais simples e que podem ser confeccionados se necessário. As informações enviadas ao site do PROESP-BR, formam um banco de dados capaz de orientar estudos e resultados, sugerir diagnósticos e propor normas e critérios de avaliação da população escolar brasileira no âmbito do crescimento corporal, da APFRS e APFRE (GAYA,2014).

No dia da bateria de testes foi montado um circuito pelos professores com as atividades a serem realizadas, conforme orientado nos manuais de testes do Projeto Esporte Brasil (PROESP-Br, 2012). As medidas realizadas foram as seguintes: massa corporal, estatura e envergadura. A APFRS foi avaliada através do índice de massa corporal, da flexibilidade (teste de flexibilidade sem banco), força-resistência abdominal (no. de abdominais em 1 minuto) e resistência cardiorrespiratória (teste de corrida/caminhada de 6 minutos). A APFRE foi avaliada através da força explosiva de membros inferiores (teste de salto horizontal), força explosiva de membros superiores (teste de arremesso de Medicine Ball), agilidade (teste do quadrado), velocidade (teste de corrida de vinte 20 metros) e resistência geral (corrida/caminhada de seis 6 minutos).

Análise dos Dados

Foram observadas as ocorrências de frequência, em valores absolutos e percentuais, nos critérios de avaliação utilizados para cada medida e teste utilizado, conforme orientação dos manuais de testes do Projeto Esporte Brasil (PROESP-Br, 2012). As tabelas normativas foram utilizadas para classificar as variáveis de acordo com o sexo e com a idade.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A aplicação da bateria de medidas e testes do PROESP-BR consta no Plano de Trabalho apresentado à direção da escola e professoras uni docentes. O referido plano foi aprovado e os pais/responsáveis foram informados sobre a realização das medidas e testes e orientados à dirigirem-se às professoras no caso de não autorizarem seu filho a realizarem a avaliação proposta. No dia da aplicação da bateria PROESP-BR, perguntou-se para os alunos cujos pais/responsáveis autorizaram a realização e foram questionados se aceitavam realizar as avaliações propostas e o desejo dos estudantes foi sempre respeitado.

RESULTADOS

Verificamos que a ocorrência de escolares na zona de risco na variável IMC é preocupante em todas as idades, embora as maiores frequências estejam localizadas nas idades de 8 e 9 anos e entre os meninos de 10 anos. A observação dos hábitos alimentares na escola, assim como análise dos hábitos alimentares dos familiares são aspectos relevantes para a estruturação de um projeto pedagógico que objetive colaborar para uma alteração nesse contexto.

Tabela 2. Resultados IMC.

Idade (anos)	Saudável Meninas		Saudável Meninos		Risco Meninas		Risco Meninos	
	VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP
07	5	62,5%	3	60,0%	3	37,5%	2	40,0%
08	5	50%	3	50,0%	5	50,0%	3	50,0%
09	2	50%	4	57,1%	2	50,0%	3	42,9%
10	5	83,3%	4	50,0%	1	16,6%	4	50,0%

Legenda: VA = valores absolutos; VP = valores percentuais.

O valor percentual total da ocorrência de freqüência dos participantes deste estudo na zona de risco do IMC é de 40,7%.

Tabela 3. Resultados da Força Abdominal.

Idade (anos)	Saudável Meninas		Saudável Meninos		Risco Meninas		Risco Meninos	
	VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP
07	3	42,1%	2	40,0%	4	57,9%	3	60,0%
08	6	66,6%	1	16,7%	3	33,3%	5	83,3%
09	3	60,0%	2	33,3%	2	40,0%	4	66,7%
10	3	50,0%	6	75,0%	3	50,0%	2	25,0%

Legenda: VA = valores absolutos; VP = valores percentuais.

No teste de abdominal, foi observado que em todas as idades, exceto nos alunos com 10 anos, o número de indivíduos foi maior no grupo de risco quando comparado aos saudáveis, principalmente nos meninos onde a porcentagem é maior se comparado com as meninas, algo preocupante. No geral, foi observado que as meninas estão em sua maioria em nível saudável (55,5%), enquanto os meninos em sua maioria na zona de risco (56%). O valor percentual total da ocorrência de frequência dos participantes deste estudo na zona de risco da força-resistência abdominal foi de 48,1%.

Tabela 4. Resultados da flexibilidade.

Idade (anos)	Saudável Meninas		Saudável Meninos		Risco Meninas		Risco Meninos	
	VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP
07	6	75,0%	5	100,0%	2	25,0%	-	-
08	6	60,0%	6	100,0%	4	40,0%	-	-
09	3	60,0%	3	50,0%	2	40,0%	3	50,0%
10	1	16,6%	4	50,0%	5	83,2%	4	50,0%

Legenda: VA = valores absolutos; VP = valores percentuais.

No teste de flexibilidade temos um maior número de alunos considerados saudáveis, mas com o avanço da idade ocorre uma inversão desse resultado, com a idade de 10 anos apresentando maior número de alunos em situação de risco relacionado à flexibilidade. Não foram observados, nas idades de 7 e 8 anos, meninos na zona de risco. Porém, entre as meninas em todas as faixas etárias analisadas e entre os meninos de 9 e 10 anos, as ocorrências de frequência na zona de risco é preocupante. No geral, os resultados indicam que os meninos estão em zona saudável com um índice muito alto (72%), assim como as meninas que também estão em zona saudável em sua maioria (55,1%). O valor percentual total da ocorrência de frequência dos participantes deste estudo na zona de risco da flexibilidade é de 37%.

Tabela 5. Resultados Cardiorrespiratório em valores gerais (Teste dos 6 minutos).

Idade (anos)	Saudável Meninas		Saudável Meninos		Risco Meninas		Risco Meninos	
	VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP
07	6	75,0%	5	100,0%	2	25,0%	-	-
08	8	80,0%	3	50,0%	2	20,0%	3	50,0%
09	3	60,0%	2	16,7%	2	40,0%	4	83,3%
10	5	83,3%	4	50,0%	1	16,7%	4	50,0%

Legenda: VA = valores absolutos; VP = valores percentuais.

O valor percentual total da ocorrência de frequência dos participantes deste estudo na zona de risco da condição cardiorrespiratória é de 38,2%

Os resultados do teste cardiorrespiratório foram analisados em duas etapas, uma na perspectiva da APFRS, verificando-se, portanto, se os estudantes encontram-se na zona saudável ou na zona de risco; e a outra análise na perspectiva da APFRE, classificando-os em cinco categorias conforme seu desempenho (excelente, muito bom, bom, razoável e fraco).

No teste de corrida/caminhada de 6 min. referenciada à aptidão esportiva, os resultados indicam, para todas as faixas etárias, frequências de ocorrências altas nas categorias “Razoável” e “Fraco”:

Tabela 6. Cardiorrespiratório em valores específicos – testes de 6 minutos.

Idade (anos)	Sexo	Excelente		Muito bom		Bom		Razoável		Fraco	
		VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP
07	Meninas	-	-	3	37,5%	1	12,5%	2	25,0%	2	25,0%
	Meninos	-	-	2	40,0%	2	40,0%	1	20,0%	-	-
08	Meninas	2	20,0%	3	30,0%	2	20,0%	1	10,0%	2	20,0%
	Meninos	-	-	-	-	1	16,6%	2	33,3%	3	50,0%
09	Meninas	-	-	-	-	2	20,0%	1	20,0%	2	40,0%
	Meninos	-	-	-	-	-	-	2	16,7%	4	83,3%
10	Meninas	-	-	2	33,3%	1	16,7%	2	33,3%	1	16,7%
	Meninos	-	-	-	-	3	37,5%	1	12,5%	4	50,0%

Legenda: VA = valores absolutos; VP = valores percentuais.

O valor percentual total da ocorrência de frequência dos participantes deste estudo nas categorias “Razoável” e “Fraco” no teste de corrida/caminhada de 6 minutos é de 55,5%.

No teste de força de membros superiores, observamos que na categoria “Fraco” há um percentual significativo de meninas nas idades de 7, 9 e 10 anos, enquanto que para os meninos os percentuais significativos nessa categoria estão nas idades de 8 e 10 anos. Já na categoria “Razoável”, chama a atenção o percentual elevado de meninos na faixa etária de 10 anos. Por outro lado, o percentual de meninas, na categoria “Muito Bom”, na idade de 8 anos, se destaca.

Tabela 7. Resultados Força de membros superiores – Medicinebal.

Idade (anos)	Sexo	Excelente		Muito bom		Bom		Razoável		Fraco	
		VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP
07	Meninas	-	-	2	25,0%	3	37,5%	-	-	3	37,5%
	Meninos	-	-	1	20,0%	3	60,0%	1	20,0%	-	-
08	Meninas	1	10,0%	6	60,0%	1	10,0%	1	10,0%	1	10,0%
	Meninos	-	-	2	33,3%	1	16,6%	1	16,6%	2	33,3%
09	Meninas	-	-	-	-	2	40,0%	1	20,0%	2	40,0%
	Meninos	-	-	-	-	5	83,3%	1	16,6%	-	-
10	Meninas	-	-	-	-	1	16,6%	3	50,0%	2	33,3%
	Meninos	-	-	3	37,5%	1	12,5%	2	25,0%	2	25,0%

Legenda: VA = valores absolutos; VP = valores percentuais.

O valor percentual total da ocorrência de frequência nas categorias “Razoável” e “Fraco” no teste de força de membros inferiores é de 40,7%

No que se refere à velocidade, as frequências de ocorrência apresentam-se distribuídas nas categorias “Razoável” a “Muito Bom” em todas as faixas etárias analisadas:

Tabela 8. Resultados da velocidade – 20 metros.

Idade (anos)	Sexo	Excelente		Muito bom		Bom		Razoável		Fraco	
		VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP
07	Meninas	-	-	1	14,2%	2	28,4%	2	28,4%	2	28,4%
	Meninos	-	-	-	-	1	20,0%	2	40,0%	2	40,0%
08	Meninas	-	-	5	50,0%	1	10,0%	3	30,0%	1	10,0%
	Meninos	-	-	-	-	3	50,0%	2	33,3%	1	16,7%
09	Meninas	-	-	1	20,0%	2	40,0%	2	40,0%	-	-
	Meninos	-	-	3	50,0%	1	16,6%	2	33,3%	-	-
10	Meninas	-	-	3	50,0%	1	16,6%	2	33,3%	-	-
	Meninos	-	-	5	62,5%	1	12,5%	1	12,5%	1	12,5%

Legenda: VA = valores absolutos; VP = valores percentuais.

O valor percentual total da ocorrência de frequência dos participantes deste estudo nas categorias “Razoável” e “Fraco” no teste de velocidade é de 46,2%

Em relação à agilidade, na faixa etária de 7 anos, tanto entre meninas quanto entre meninos, as frequências de ocorrências estão espalhadas nas categorias de “Fraco” a “Muito Bom”. As meninas de 8 anos apresentaram uma concentração de ocorrência na categoria “Muito Bom” – o mesmo foi observado, entre meninas e meninos da faixa etária de 9 anos. Já aos 10 anos, chama a atenção o percentual de meninos na categoria “Bom”:

Tabela 9. Resultados da agilidade – quadrado.

Idade (anos)	Sexo	Excelente		Muito bom		Bom		Razoável		Fraco	
		VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP
07	Meninas	-	-	2	28,4%	2	28,4	1	14,2	2	28,4
	Meninos	-	-	1	20,0%	2	40,0	1	20,0	1	20,0
08	Meninas	-	-	6	60,0	2	20,0	1	10,0	1	10,0
	Meninos	-	-	1	16,6	2	33,3	1	16,6	2	33,3
09	Meninas	-	-	3	60,0	2	40,0	-	-	-	-
	Meninos	-	-	4	80,0	-	-	-	-	1	20,0
10	Meninas	-	-	2	33,3	1	16,6	1	16,6	-	-
	Meninos	-	-	3	37,5	5	62,5	5	62,5	-	-

Legenda: VA = valores absolutos; VP = valores percentuais.

O valor percentual total da ocorrência de frequência dos participantes deste estudo nas categorias “Razoável” e “Fraco” no teste de agilidade é de 25,9%

No teste de força de membros inferiores, entre meninos e meninas em todas as faixas etárias, houve concentração na ocorrência de frequência na categoria “Fraco”:

Tabela 10. Resultados da força explosiva de membros inferiores – salto horizontal.

Idade (anos)	Sexo	Excelente		Muito bom		Bom		Razoável		Fraco	
		VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP	VA	VP
07	Meninas	-	-	2	25,0%	2	25,0%	2	25,0%	2	25,0%
	Meninos	-	-	1	20,0%	-	-	2	40,0%	2	40,0%
08	Meninas	-	-	2	25,0%	2	20,0%	1	10,0%	4	40,0%
	Meninos	-	-	-	-	1	16,6%	2	33,3%	3	50,0%
09	Meninas	-	-	-	-	-	-	2	50,0%	2	50,0%
	Meninos	-	-	-	-	-	-	1	16,6%	5	83,3%
10	Meninas	-	-	-	-	1	16,6%	-	-	5	83,3%
	Meninos	-	-	-	-	1	12,5%	2	25,0%	5	62,5%

Legenda: VA = valores absolutos; VP = valores percentuais.

O valor percentual total da ocorrência de frequência dos participantes deste estudo nas categorias “Razoável” e “Fraco” no teste de força de membros inferiores é de 77,7%.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No que se refere à APFRS, os dados indicam percentuais elevados de estudantes na zona de risco nas variáveis IMC, flexibilidade, força-resistência abdominal e condição cardiorrespiratória. Esses resultados vão ao encontro do estudo realizado por Pelegrini (2011), com uma parcela significativa dos escolares abaixo do recomendado, porém em percentual menos alarmante, mas ainda assim preocupante. Há proximidade, também, dos resultados

obtidos neste estudo com os resultados encontrados por Luguetti e Böhme (2010), em estudo com estudantes paulistas, onde metade da amostra apresentou níveis de APF insuficiente para gerar benefícios para a saúde.

Em relação à APFRE, muitos estudantes obtiveram a classificação “Fraco” em força explosiva de membros inferiores e foram significativos os percentuais de estudantes nas categorias “razoável” e “Fraco” nas variáveis força de membros superiores e condição cardiorrespiratória. Nas variáveis velocidade e agilidade, as frequências de ocorrência ficaram distribuídas de forma dispersa nas categorias de “Razoável” a “Muito Bom”, reforçando os resultados encontrados no estudo de Ronque e colaboradores (2007), que relata baixo desempenho nos testes motores, com 15% dos meninos atingindo um valor considerado satisfatório e apenas 21% das meninas atingindo esse valor. O autor reforça a necessidade de elaboração de programas interventivos para aplicação nas aulas, visto que grande parte dos escolares tem a oportunidade de prática de atividades físicas somente nas aulas de educação física, e os hábitos de vida adquiridos durante a infância e adolescência são levados para a vida adulta, tendo impacto direto na qualidade de vida (BARNETT et al., 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como principal objetivo delinear o perfil da APFRS e APFRE dos escolares dos anos iniciais de uma escola pública.

Tendo em vista os resultados obtidos, torna-se necessário que o PIBID/UFRGS – Educação Física/Anos Iniciais realize o planejamento de sua intervenção tendo como foco a necessidade de estímulo ao desenvolvimento da APFRS e um incremento nas variáveis da APFRE.

REFERÊNCIAS

- BLAIR, S. N. et al. Physical fitness and all-cause mortality: a prospective study of healthy men and women. *JAMA*, Chicago, v. 262, n. 1, p. 2395-2401, 1989.
- BÖHME, Maria Tereza Silveira. Relações entre aptidão física, esporte e treinamento esportivo. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 11, n. 3, p. 91-96, 2008.
- BOUCHARD, C. et al. Exercise, fitness, and health: A consensus of current knowledge. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, v. 23, n. 5, p. 643, 1991.
- DE REZENDE, L. F. et al. Effect of physical inactivity on major noncommunicable diseases and life expectancy in Brazil. *Journal of physical activity & health*, v. 12, n. 3, p. 299-306, 2015.
- DUMITH, S. C. et al. Aptidão física relacionada ao desempenho motor em escolares de sete a 15 anos. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 5-14, jan./mar. 2010.
- ERIKSEN, G. Physical fitness and changes in mortality: the survival of the fittest. *Sports Medicine*, v. 31, n. 1, p. 571-576, jul. 2001.

- GAYA, A. et al. Projeto esporte Brasil PROESP-Br. Manual de testes e avaliação. Versão, 2014.
- GLANER, M. F. Importância da aptidão física relacionada à saúde. *Rev. Bras. Cineantropom. e Desempenho Hum.*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 75-85, 2003.
- GLANER, M.F. Aptidão física relacionada à saúde de adolescentes rurais e urbanos em relação a critérios de referência. *Revista Brasileira Educação Física e Esportes*. v. 19. n. 1. 2005.
- GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. Atividade física, aptidão física e saúde. *Rev. Bras. de Ativ. Física e Saúde*, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 18-35, 1995.
- GUEDES, D.P. Implicações associadas ao acompanhamento do desempenho motor de crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 21, p. 37-60, 2007. Número especial.
- HOWLEY, E. T.; FRANKS B. D. Manual de Condicionamento Físico. 5^a ed., Porto Alegre: Artmed, 2008.
- LEE, I.-Min et al. Effect of physical inactivity on major non-communicable diseases worldwide: an analysis of burden of disease and life expectancy. *The lancet*, v. 380, n. 9838, p. 219-229, 2012.
- LUGUETTI, C.N., RÉ, A.H.N., BÖHME, S.T.M. Indicadores de aptidão física de escolares da região centro-oeste da cidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, v. 12, n. 5, p. 331-337, 2010.
- MAIA, J. A idéia de aptidão física. Conceito, operacionalização e implicações. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, v. 17, n. 18, p. 17-30, 1999.
- NAHAS, Markus Vinicius; GARCIA, Leandro Martin Totaro. Um pouco de história, desenvolvimentos recentes e perspectivas para a pesquisa em atividade física e saúde no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 24, n. 1, p. 135-148, 2010.
- ORTEGA, F.B. et al. Physical fitness in childhood and adolescence a powerful marker of health. *Intenational Journal of Obesity*, London, v. 32, n. 1, p. 1-11, 2008.
- PATE, Russell R. The evolving definition of physical fitness. *Quest*, v. 40, n. 3, 1988.
- PELEGRIINI, A. et al. Aptidão física relacionada à saúde de escolares brasileiros: dados do projeto esporte Brasil. *Rev. Bras. Med. Esporte*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 92-96, Mar/Abr., 2011.
- PROJETO ESPORTE BRASIL: manual. Disponível em: <<https://www.proesp.ufrgs.br>> Acesso em: 23 novembro 2014.
- RODRIGUES, L. P.; BEZERRA, P.; SARAIVA, L. Influência do meio (urbano e rural) no padrão de aptidão física de rapazes de Viana do Castelo, Portugal. *Rev. Port. Ciênc. Desporto*, Porto, v. 5, n. 1, p. 77-84, 2005.
- RONQUE, E. R.V. et al. Diagnóstico da aptidão física em escolares de alto nível socioeconômico: avaliação referenciada por critérios de saúde. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*. v. 13, n. 2, Mar/Abr., 2007.
- SILVA, G. et al. Avaliação do nível de atividade física de estudantes de graduação das áreas saúde/biológica. *Rev Bras. Med Esporte* v. 13, n. 1 – Jan/Fev., 2007.
- STODDEN, David F. et al. Dynamic relationships between motor skill competence and health-related fitness in youth. *Pediatric exercise science*, v. 26, n. 3, 2014.

ABORDANDO A SEXUALIDADE NAS ESCOLAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

André Guirland Vieira¹ e Ana Lucia Fontoura Cabral¹

RESUMO - A sexualidade refere-se a uma gama de comportamentos de certa complexidade, importante na construção identitária e a satisfação pessoal, ultrapassando os aspectos biológicos e genitais. O presente estudo buscou investigar de que forma a orientação sexual tem sido abordada nas escolas. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura nacional, com busca de artigos em três bases de dados: SciELO, PePSIC e LILACS, usando os descritores orientação sexual, educação sexual e escola. Foram selecionados 29 artigos e os dados apurados foram discutidos em três categorias: Educação em saúde sexual e reprodutiva; Percepção e conhecimento dos adolescentes; A percepção dos professores e o trabalho sobre a sexualidade. Os resultados apontam que ainda há um olhar biológico com relação à sexualidade, mais voltados às DSTs e às questões do corpo do que com os aspectos afetivos e de exercício da sexualidade de forma plena. Sugerem-se novos estudos para ampliar o conteúdo.

Palavras chave: Adolescentes. Orientação Sexual. Educação



Revista
Ciência e Conhecimento
Volume 11 – Nº 1 – 2017.



1 - Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Curso De Psicologia, Canoas, RS, Brasil.

ABSTRACT - The sexuality refers to a range of behaviors of a certain complexity, important for identity construction and personal satisfaction, exceeding biological and genital aspects. The present study aimed to investigate in what way sexual orientation has been being approached at schools. It was done a integrative review of the national literature, searching articles in three databases: SciELO; PePISC and LILACS, using the keywords sexual orientation, sexual education and school. It was selected 29 articles and the collected data was discussed in three categories: Education in sexual and reproductive health, Perception and knowledge of adolescents; The perception of teacher and the paper about sexuality. The results pointed out that there is still a biological view in relation to sexuality, more related to STDs and the issues about the body than the emotional aspects and the full exercise of the sexuality. It is suggested new studies to expand the content.

Key words: Adolescents. Sexual Orientation. Sexual Education.

E-mail para contato:
André Guirland Vieira
agvieira2010@gmail.com

Recebido em: 29/08/2016.
Revisado em: 28/10/2016.
Aceito em: 10/12/2016.

Área:
Atenção à saúde e bem-estar.

INTRODUÇÃO

A orientação sexual nas escolas é uma temática que vem tomando força no ambiente escolar, mas passa ainda por inúmeras dificuldades devido à falta de informação e uma posição mais firme dos governantes. Existe uma despreparação dos professores para lidar com a sexualidade, implicando em estagnação dos projetos na rede educacional. A sexualidade é inerente ao ser humano, é preciso, portanto ter um olhar menos preconceituoso em relação a este assunto. A escola tem um papel fundamental nesta questão, no sentido de mudar conceitos e educar. Na escola busca-se conhecimento, as crianças e adolescentes precisam refletir, discutir suas dúvidas e ansiedades para lidar melhor com sua sexualidade (EGYPTO, 2003).

Atualmente, os adolescentes têm ocupado um lugar de destaque dentro do contexto das políticas públicas, mais especificamente dentro da temática das Doenças Sexualmente Transmissíveis, gravidez precoce e aborto inseguro. Temáticas essas de extrema importância dentro da saúde pública que mobilizou órgãos oficiais como o Ministério da Educação e Cultura (MEC) que, por sua vez, estimularam projetos de orientação sexual nas escolas. O ponto alto deu-se em 1996 quando da inclusão da temática como Tema Transversal (TT) nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (ALMEIDA, NOGUEIRA, SILVA E TORRES, 2011).

Os autores acima postulam que a descentralização da orientação sexual em diversos campos disciplinares se constitui numa maneira de favorecer abordagens pluralistas e interdisciplinares. Olhando por esse ângulo, deveria haver um envolvimento e comprometimento dos professores de todas as disciplinas, diante das manifestações expressas nas verbalizações e de no modo de se comportar dos alunos. Além disso, o enfoque o pedagógico na orientação sexual deveria privilegiar aspectos relacionados ao gênero, à sexualidade e à afetividade.

Sabe-se que muitas famílias privam seus filhos de uma orientação sexual voltada à emancipação, dado o valor negativo atribuído a sexualidade. Há uma crença de que os filhos são “seres assexuados”. Além disso, as famílias tendem a acreditar que o diálogo sobre as questões voltadas à sexualidade antecipa a prática sexual. A isso, soma-se o fato de os pais sentirem-se despreparados e tímidos para tratar de um assunto sobre o qual eles mesmos não foram orientados (GONÇALVES, FALEIRO E MALAFAIA, 2013).

A orientação sexual nas escolas não tem conseguido abranger as ansiedades dos adolescentes. Pelo contrário, a orientação sexual tem ocorrido de forma limitada, vinculada, principalmente, aos aspectos biológicos e reprodutivos do indivíduo, negando desta forma, toda a amplitude prazerosa e benéfica que o exercício da sexualidade pode proporcionar. Tanto a sexualidade como a sua abordagem nas escolas e nas relações entre pais e filhos requerem uma

atenção mais cuidadosa (GONÇALVES et al., 2013). Pela relevância do exposto acima, o presente estudo tem por objetivo investigar, através de uma revisão integrativa da literatura, a forma como a orientação sexual tem sido abordada nas escolas brasileiras.

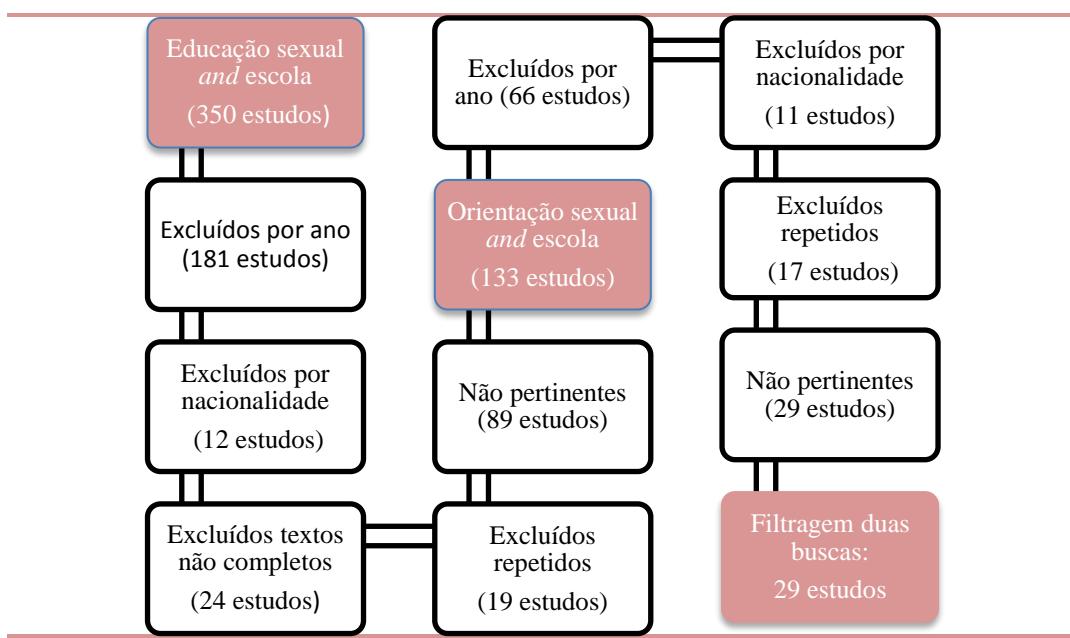
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura nacional. Buscou-se identificar artigos publicados no período de 2010 a 2015 que contemplassem os descritores “orientação sexual”, “educação sexual” *and* “escola”. A busca dos artigos ocorreu no mês agosto de 2015, nas bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e PEPsic (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), indexadas na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS-Psicologia Brasil). Como critérios de inclusão foram considerados válidos os estudos em formato de artigo, com texto completo disponível, no idioma Português/Brasil. Foram excluídas teses e dissertações. Após a filtragem dos artigos, os mesmos foram organizados numa planilha de Excel® contendo ano, referências, título, revista de publicação, tipo de estudo, população e área de estudo à qual pertencem os pesquisadores para que fosse possível realizar o cálculo das frequências.

Resultados e Discussão

Na busca realizada por meio dos descritores “educação sexual” *and* “escola”, foram encontrados 350 estudos distribuídos nas três bases de dados. Destes, foram excluídos 181 estudos fora dos anos de interesse, 12 por serem publicações de outra nacionalidade, 24 por não terem sido encontrados os textos completos, 19 por estarem repetidos e 89 por não serem pertinentes ao foco deste trabalho. Na busca seguinte, utilizamos os descritores “orientação sexual” *and* “escola”, foram encontrados 133 estudos nas três bases de dados. Após a filtragem por ano (66 estudos); idioma (11 estudos); teses (4 estudos); repetidos (19 estudos) e não pertinentes (29 estudos). A figura 1 mostra o fluxograma de seleção e filtragem de artigos, a partir da qual chegamos a 29 artigos considerados como pertinentes ao estudo.

Figura 1. Fluxograma da busca nas bases de dados.

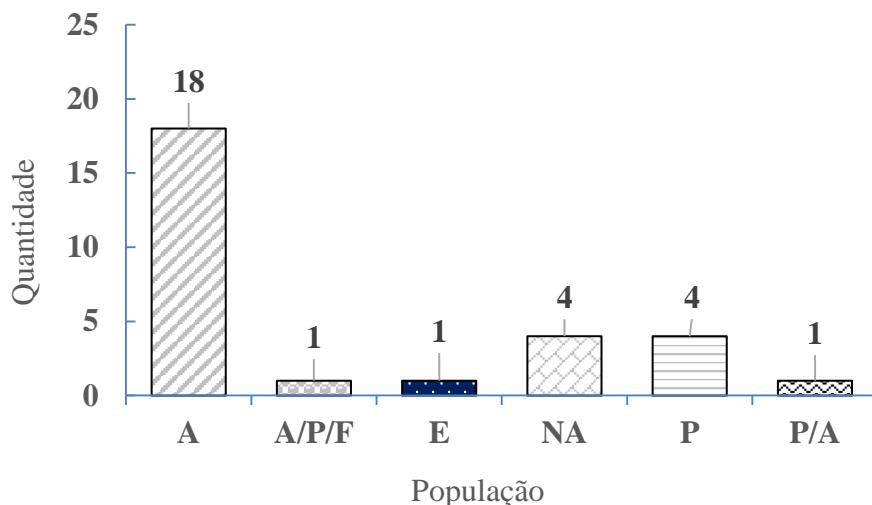


Fonte: Dados da pesquisa.

Dos artigos selecionados, a maioria foi publicada no ano de 2012, em que foram encontrados oito estudos (27,6%). Seguindo, foram encontrados sete estudos no ano de 2010 (24,1%), seis estudos no ano de 2011 (20,7%), três estudos no ano de 2013 (10,3%), três no ano de 2015 (10,3%) e dois estudos no ano de 2012 (6,9%).

Quanto à revista de publicação, foram encontrados dois estudos (6,9%) nas revistas Ciência, Cuidado e Saúde, Estilos da Clínica, Revista APS, Revista da Escola de Enfermagem da USP, Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, totalizando 10 estudos (34,5%). Nas demais revistas: Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, Ciência & Saúde Coletiva, Educação em Revista, Epidemiologia e Serviços de Saúde, Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Estudos de Psicologia, *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Psico-USF, Psicologia Argumento, Psicologia da Educação, Psicologia em Estudo, Psicologia: Teoria e Pesquisa, Revista Brasileira de Educação Médica, Revista de Educação Física/UEM, Revista de Enfermagem, Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro, Revista Eletrônica de Enfermagem, Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional e Saúde e Sociedade, foi encontrado um estudo em cada, totalizando 19 estudos (65,5%).

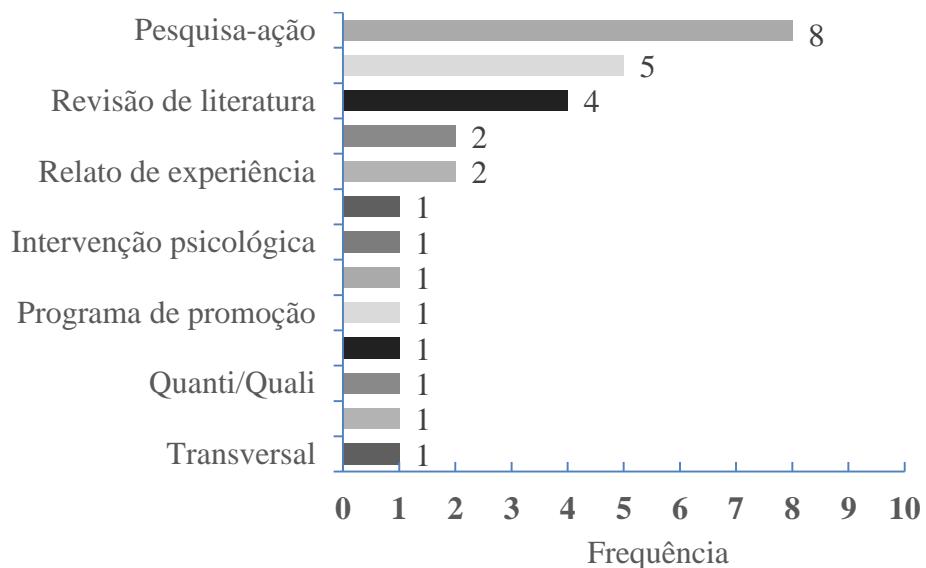
Figura 2. Distribuição dos artigos quanto à população.



Legenda: A = Adolescentes; A\P\F = Adolescentes, Professores e Familiares; E = Educadores; (NA = Não aplica/Estudo teórico) P = Professores; P\A = Professores e Adolescentes. **Fonte:** dados da pesquisa.

Pelo que demonstra a Figura 2, pode-se perceber que 18 estudos (62,1%) foram realizados com adolescentes, um estudo com Adolescentes, professores e familiares (3,4%), um estudo com Educadores (3,4%), quatro estudos não apresentaram população investigada por se tratar de estudos teóricos (13,8%), quatro estudos foram realizados junto a professores (13,8%) e um estudo com professores e adolescentes (3,4%), totalizando 29 estudos.

Figura 3. Distribuição dos artigos quanto ao tipo de estudo.

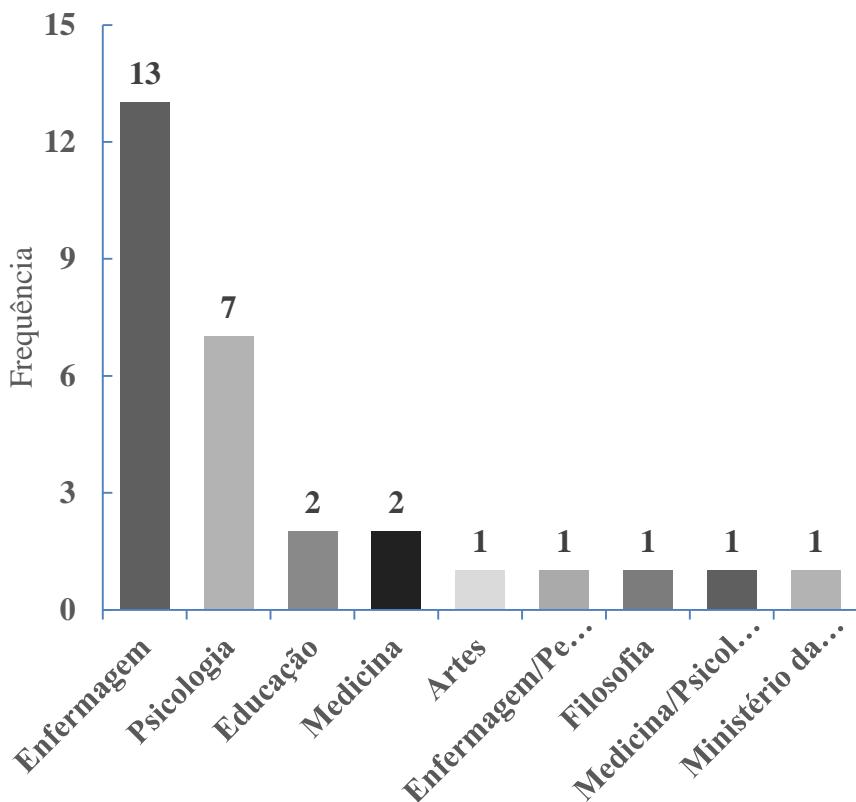


Fonte: Dados da pesquisa.

Na Figura 3, os artigos foram distribuídos conforme o tipo de estudo. Pode-se observar que a maioria tratou de estudos que usaram como delineamento a pesquisa-ação, num total de oito estudos (27,6%). Em sequência decrescente, cinco estudos com outros delineamentos

qualitativos (17,2%), quatro revisões de literatura (13,8%), dois estudos descritivo-exploratórios (6,9%), dois relatos de experiência (6,9%), transversais, quantitativo, quanti\quali, Programa Preventivo, Programa de Promoção, Performance Teatral, Intervenção Psicológica e Inquérito Populacional, um estudo cada (3,4%), totalizando 29 estudos.

Figura 4. Distribuição dos artigos quanto à área de estudo.



Fonte: Dados do estudo.

No que se refere à área de estudo, pelo que se observa na Figura 4, a área responsável pela maioria das pesquisas foi a Enfermagem que totalizou 13 estudos (44,8%). Depois, em ordem decrescente a Psicologia com sete estudos (24,1%), Educação com dois estudos (6,9%) e Medicina com dois estudos (6,9%). Também foram encontrados estudos nas Artes, Enfermagem e Pedagogia, Filosofia, Medicina e Psicologia e Ministério da Saúde, um estudo (3,4%) em cada.

Quadro 2: Distribuição dos artigos quanto aos objetivos dos pesquisadores.

Nº	Objetivo dos pesquisadores
1	Relatar os efeitos das ações de educação em saúde junto à escola

2	Conhecer a percepção de adolescentes acerca das ações de orientação sexual realizadas em uma escola
3	Descrever e analisar o uso da pesquisa-ação como ferramenta na qualificação de professores para a educação sexual
4	Identificar a forma pela qual professores de Ensino Fundamental compreendem a sexualidade/sexo na escola
5	Integrar ensino e serviço de saúde
6	Refletir sobre a sexualidade e a educação inclusiva
7	Relatar o uso de jogos educativos como estratégia de educação em saúde para adolescentes
8	Verificar fontes de informação sobre saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e alcance das necessidades
9	Verificar como adolescentes lidam com a formação de conceitos sobre sexualidade
10	Descrever as orientações recebidas pelos adolescentes na escola quanto à saúde sexual, DST/AIDS, prevenção de gravidez e aquisição gratuita de preservativos
11	Refletir sobre as possíveis contribuições da psicologia para a efetivação das propostas apontadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais referentes ao trabalho de orientação sexual no contexto escolar
12	Investigar a sexualidade de adolescentes do sexo masculino com a implementação do círculo de cultura como ação educativa na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis
13	Descrever a experiência sobre a elaboração de um material educativo, o formato de performance teatral criada e encenada por adolescentes, como estratégia para a obtenção de uma atitude reflexiva e autônoma desses sujeitos, no campo afetivo-sexual e reprodutivo.
14	Investigar o entendimento de professores do Ensino Fundamental sobre a temática sexualidade humana e sexo
15	Compreender a percepção de adolescentes acerca de seu processo de adolescer saudável, no que se refere à sexualidade e reprodução
16	Oferecer educação sexual para adolescentes auxiliando-os para viverem com autonomia a responsabilidade sua sexualidade
17	Descrever a avaliação de um programa preventivo para adolescentes, professores e familiares

Continuação do Quadro 2: Distribuição dos artigos quanto aos objetivos dos pesquisadores.

18	Relatar a experiência de aplicação de um programa de promoção de habilidades interpessoais e direitos sexuais e reprodutivos para adolescentes
----	--

19	Investigar como professores de Educação Física compreendem o papel deste componente curricular no trabalho de orientação sexual nos anos finais do Ensino Fundamental
20	Descrever experiências de educação em saúde sobre gravidez e métodos contraceptivos
21	Identificar as contribuições teórico-metodológicas da Psicologia Escolar e áreas afins voltadas à formação de professores, para lidar com as questões relacionadas a gênero e sexualidade no contexto escolar.
22	Apresentar o relato de experiência acerca de uma intervenção educativa em relação à educação sexual com adolescentes escolares
23	Descrever e analisar as ações de educação e promoção da saúde sexual para adolescentes de uma escola de Ensino Fundamental
24	Abordar a demanda de uma escola dirigida ao Núcleo Interdisciplinar sobre a Adolescência da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
25	Investigar o conhecimento de adolescentes do sexo masculino referente a temáticas de cunho sexual/reprodutivo e a relação destas com as práticas sexuais adotadas
26	Identificar o que a literatura científica tem abordado acerca das doenças sexualmente transmissíveis relacionado ao escolar da educação básica do Brasil
27	Investigar a opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual
28	Discutir a proposta de distribuição de preservativos masculinos nas escolas a partir de uma pesquisa de campo sobre as percepções de professores e alunos adolescentes, de ambos os sexos
29	Mapear e discutir as propostas oficiais de educação sexual para adolescentes e jovens, previstas em documentos federais e estaduais, no estado de São Paulo

No Quadro 2, estão listados os objetivos dos pesquisadores dos artigos selecionados. Pode-se observar que os objetivos foram abrangentes de forma que englobaram diversos aspectos referentes à orientação sexual nas escolas. A educação em saúde tanto sexual como reprodutiva esteve em foco em 15 estudos em que foram investigadas questões referentes aos efeitos de intervenções realizadas (estudo 1), a integração serviço prestado e a saúde (estudo 5), o uso de jogos educativos na orientação sexual (estudo 7), orientações acerca da temática junto a adolescentes (estudo 10), doenças sexualmente transmissíveis (estudo 12 e 26), construção de material educativo pelos próprios adolescentes (estudo 13), autonomia e responsabilidade (estudo 16), avaliação de programas preventivos (estudos 17), experiência da aplicação de programa de habilidades interpessoais e direitos sexuais (estudo 18), gravidez (estudos 1 e 20), métodos anticonceptivos (estudos 1, 20 e 28) e intervenções educativas (estudo 22), ações voltadas à orientação sexual (estudo 23) e mapeamento de proposições oficiais (estudo 29).

O conhecimento sobre a sexualidade por parte dos adolescentes também foi priorizado tanto no que se refere à forma como os adolescentes a percebem (estudo 2), sua percepção sobre as orientações recebidas (estudo 8), em como eles lidam com seu conceito (estudo 9), como entendem o adolescer saudável (estudo 15), quanto às práticas sexuais adotadas (estudo 25), assim como um impasse de transmissão do saber sobre o corpo sexuado aos adolescentes (estudo 24). Os professores foram investigados no que diz respeito a ferramentas de qualificação para a orientação sexual (estudos 3 e 7), de que forma eles compreendem a sexualidade na escola (estudos 4, 14 e 19), como pensam a sexualidade na educação inclusiva (estudo 6 e 27) e no despreparo dos professores (estudo 11).

Os artigos selecionados nesta revisão, num total de 29 estudos abordaram diversas questões relativas à orientação sexual nas escolas e para uma melhor compreensão dos aspectos abordados a discussão foi dividida em três categorias. A primeira diz respeito à educação em saúde sexual e reprodutiva, enquanto que a segunda aborda a visão dos adolescentes sobre a sexualidade, e a terceira a visão dos professores sobre a mesma temática. As categorias foram escolhidas baseadas nas principais questões abordadas por cada estudo.

1^a Categoria: Educação em saúde sexual e reprodutiva

Quando se pensa em estratégias em educação em saúde que envolvem adolescentes dentro do contexto escolar deve se considerar diversos aspectos como o meio social, econômico e cultural que fazem parte da realidade deles. Da mesma forma como as estratégias precisam se voltar a refletir e discutir criticamente sobre a temática proposta (SOUSA, AQUINO, FERNANDES, VIEIRA & BARROSO, 2008).

Diante disso, Dias, Silva, Vieira, Pinheiro e Maia (2010) realizaram um estudo com 25 adolescentes de escola pública, utilizando a pesquisa-ação, que visou conscientizar os adolescentes sobre medidas de prevenção para DSTs e gravidez não planejada. A gravidez também foi problematizada no estudo de Coelho et al. (2012) em que foram discutidos métodos contraceptivos e no estudo de Russo e Arreguy (2015). Os autores dos referidos estudos apontam que intervenções voltadas ao uso dos preservativos - estratégia que evita tanto as DSTs quanto a gravidez não planejada-, devem ser debatidos reflexivamente com os adolescentes, em um espaço no qual a construção do conhecimento sobre o assunto não deve ser pensada unicamente como passar informações, pois não basta informa-los, mas envolvê-los na intervenção de forma dinâmica.

O estudo realizado por Barbosa, Dias, Pinheiro, Pinheiro e Vieira (2010) aborda o uso de jogos educativos durante o processo de orientação sexual. As autoras apontam que o uso do jogo educativo é uma prática exitosa, pois favorece a execução do processo educativo mediante

a união entre informação, discussão, reflexão, interação e participação grupal. Aos adolescentes foi oportunizado um espaço para que pudessem esclarecer suas dúvidas, preencher lacunas do conhecimento e relação a prevenção das DSTs/AIDS. O estudo de Azevedo, Reis, Santos, Duarte e Boery (2014) evidenciou que questões relacionadas a DSTs são bastante difundidas em salas de aula, entretanto há falhas no esclarecimento, principalmente no que diz respeito ao entendimento sobre a transmissão e contaminação.

Complementando, o estudo de Baumfeld et al. (2010) apontou que se faz necessário o interlocutor oferecer orientação afetivo-sexual aos adolescentes, enquanto que o estudo de Malta et al. (2011) reforça que as intervenções direcionadas às DSTs e gravidez não planejada contribuem de forma significativa para a mudança de comportamentos relacionados à sexualidade.

Enquanto isso, o estudo de Beserra, Torres, Pinheiro, Alves e Barroso (2011) traz que as ações de promoção da saúde voltadas aos adolescentes devem contemplar a saúde sexual e reprodutiva. O estudo foi realizado numa escola pública com 10 adolescentes do sexo masculino, com idades de 14 a 16 anos, e os resultados apontaram pouca compreensão das vulnerabilidades às quais estão expostos, ainda mais diante da precocidade do início das práticas sexuais, além de que há uma predominância em associar sexo com sexualidade. Em contrapartida, o estudo de Souza (2011) foi realizado com 12 estudantes de 14 a 18 anos em uma escola pública e para a obtenção de uma postura reflexiva e participativa dos adolescentes, estes foram estimulados a desenvolverem material educativo, por meio de uma performance teatral o que oportunizou a ampliação das vivências e a ressignificação dos conhecimentos prévios.

Já outros dois estudos realizados por Murta et al. (2012) ampliou sua intervenção, pois além de englobar questões sexuais e reprodutivas, os autores incluíram a resiliência e habilidades sociais assertivas. Além dos adolescentes (n=54), as oficinas também foram realizadas com professores (n=11) e foram incluídas visitas domiciliares a famílias (n=7). Ao final da intervenção os adolescentes referiram melhoria na qualidade de comunicação com os pais, prática de sexo seguro e tolerância à diversidade. Os professores expressaram uma maior disposição para fortalecerem a rede social dos adolescentes enquanto que os familiares buscaram os serviços da comunidade recomendados na intervenção.

Quanto às dúvidas mais frequentes dos adolescentes, o estudo de Martins, Horta & Castro (2013), realizado junto a 40 adolescentes com idades entre 11 e 13 anos, por meio de oficinas, identificou se tratar de questões voltadas à puberdade e ao início da sexualidade. As

autoras referem que o uso de uma metodologia participativa oportunizou uma ampliação dos conhecimentos sobre a puberdade e sobre a prática sexual com segurança e responsabilidade.

Já no estudo de Nau, Santa, Heidemann, Moura e Castillo (2013) do qual participaram 45 adolescentes das 7^{as} e 8^{as} séries, os temas de investigação levantados pelos adolescentes foi adolescência, sexualidade, DSTs e métodos anticonceptivos. Para a coleta dos dados foi utilizado o método Paulo Freire que oportuniza aos adolescentes um papel ativo no processo educativo proposto tendo o cuidado de valorizar as fontes culturais e históricas dos envolvidos. Dentro dos temas propostos pelos participantes, os autores notaram que houve um interesse maior nas temáticas que envolviam as mudanças emocionais e comportamentais que circundam a sexualidade e a adolescência.

Maia, Eidt, Terra e Maia (2012) realizaram uma intervenção objetivando auxiliar os adolescentes a viverem a sexualidade com autonomia e responsabilidade. Foram propostos 15 encontros semanais nos quais foram abordados diversos temas: identidade grupal e levantamento de expectativas, regras de convívio grupal, conceito de sexualidade, conceito social de adolescência, fisiologia e saúde, saúde sexual e reprodutiva, iniciação sexual, gravidez na adolescência, violência sexual, padrões de beleza e discriminação, gênero e diversidade sexual. No que tange aos resultados, as autoras apontam que foi verificado que os conceitos cotidianos trazidos pelos alunos, referentes à anatomia, fisiologia e saúde, foram sendo superados por conhecimentos científicos no decorrer dos encontros. Concomitantemente, a problematização envolvendo aspectos sociais e culturais ampliou o universo de significações dos alunos.

O último estudo desta categoria, realizado por Sfair, Bittar e Lopes (2015) faz um mapeamento das propostas oficiais de educação sexual para adolescentes e jovens em que a maioria das propostas (56%) vem do Ministério da Saúde. Embora grande parte venha da área da saúde, são indicadas ações intersetoriais com a educação em grande parte delas. Embora se perceba que a maioria das intervenções é realizada no contexto escolar, até porque ali se concentra grande número de adolescentes, há um predomínio de propostas por parte das áreas da saúde (SFAIR et al., 2015).

2^a Categoria: Percepção e conhecimento dos adolescentes.

O primeiro estudo desta categoria aborda a percepção dos adolescentes sobre ações de orientação sexual (FONSECA, GOMES e TEIXEIRA, 2010). Neste estudo, foram informantes 15 estudantes do ensino médio, com idades entre 15 e 17 anos, com dados coletados mediante

abordagem qualitativa. Diante ausência de um diálogo com a família que dê conta das necessidades dos adolescentes sobre a sexualidade, ações voltadas a suprir essa lacuna foram consideradas positivas por eles. A abordagem qualitativa, conforme já foi apontado na categoria anterior, foi considerada uma das potencialidades do projeto uma vez que proporciona maior conhecimento e envolvimento dos integrantes.

O segundo estudo, realizado por Moura, Gondim, Lima, Sousa e Evangelista (2011) foi realizado entre 210 adolescentes. As autoras entenderam como positiva a percepção dos adolescentes sobre comportamento sexual saudável, em que predominou a ideia de prevenção de gravidez, embora tenha englobado outras questões como prevenção a DSTs e afetividade. Embora haja certa distância entre percepção e comportamento, a participação dos adolescentes nas oficinas pareceu influenciar de forma positiva nessa distância. As autoras referem que os adolescentes buscam informações sobre as questões de sexualidade junto a amigos, pai, outros familiares e professores. Entretanto, um resultado diferente foi encontrado no terceiro estudo, de Marola, Sanches e Cardoso (2011). Neste as autoras observam que grande parte dos 27 adolescentes com idades entre 13 e 19 anos que foram investigados não apresentou conhecimento adequado sobre o tema. Embora os adolescentes tivessem contato com o tema na escola e com a família, admitiram serem os amigos a principal fonte de informações. Disso se infere a necessidade de que espaços de discussão e orientação sexual sejam ampliados de forma a fomentar um maior interesse e participação dos adolescentes.

Ainda com o olhar voltado à percepção dos adolescentes, no quarto estudo, Araújo et al. (2012) realizaram uma pesquisa qualitativa com 10 adolescentes escolares. O conteúdo das entrevistas evidenciou um tema: sexualidade e reprodução na adolescência. Os adolescentes demonstraram sofrer pressão social dos pares para a precocidade da iniciação sexual. As autoras observaram que há necessidade de se preparar melhor os adolescentes para o enfrentamento de situações como: gravidez não desejada, primeira relação sexual, automedicação e receio de conversar com os pais.

O quinto estudo, realizado por Albuquerque et al. (2014), observou um elevado grau de desinformação quanto à contracepção, DSTs com aspectos do próprio corpo e da parceira baseados no senso comum, numa pesquisa realizada entre 54 adolescentes do 8º e 9º ano de três escolas públicas. Neste estudo foi constatado que há uma necessidade de que sejam discutidas as experimentações afetivo/emocionais/sexuais com práticas de políticas públicas que venham a modificar o quadro de vulnerabilidade em que se encontram esses adolescentes. Além disso, precisa que sejam reforçadas práticas de orientação aos pais e professores sobre o papel a ser exercido pelos mesmos no que se refere à educação sexual.

O sexto e último estudo desta categoria (CUNHA & LIMA, 2013) reforça a desinformação dos adolescentes sobre a sexualidade. O trabalho realizado com adolescentes do sexto ano de uma escola particular mostrou um impasse na transmissão do saber sobre o corpo sexuado e a sexualidade em que ficou evidenciado o pouco conhecimento dos alunos. As avaliações realizadas sobre a temática resultaram em alto índice de respostas incorretas.

3^a Categoria: A percepção dos professores e o trabalho sobre a sexualidade

O primeiro estudo desta categoria foi realizado por Souza, Munari, Souza, Esperidião e Medeiros (2010) junto a 28 educadores de uma escola pública, entre os quais, diretora, coordenadores e professores. Foram realizados encontros grupais registrados e analisados descritivamente nos quais o objetivo delineado era descrever o uso da pesquisa-ação como mediadora da qualificação dos professores para a inclusão sexual no projeto político-pedagógico da instituição. O método de pesquisa-ação se mostrou como uma ferramenta para desenvolver autonomia e empoderamento dos professores, que demonstraram um avanço na produção de conhecimentos e práticas durante o período em que a pesquisa foi sendo desenvolvida, a saber, de março de 2006 a abril de 2007.

O segundo e terceiro estudo, realizados por Moizés e Bueno (2010) e por Jaques, Philbert e Bueno (2012), respectivamente, procuraram saber como os professores compreendem a sexualidade e o sexo na escola. No estudo de Moizés e Bueno, os resultados obtidos junto a 13 professores do ensino fundamental de uma escola pública apontaram que a compreensão dos discentes sobre sexualidade gira em torno das descobertas, desejo e autoconhecimento, que é algo natural, que envolve atração e necessidade de orientação sexual por parte da família, escola e psicólogos. Já no que diz respeito à temática sexo, esta foi compreendida como a prática do ato em si, interesse pelo sexo oposto em que circundam questões da fisiologia, mudanças de interesses conforme a idade, realização, amor e companheirismo. Enquanto que no estudo de Jaques et al. (2012), os autores perceberam uma forma restrita, mais voltada ao biológico, de os professores perceberem a sexualidade e o sexo. Houve relação com o comportamento das pessoas, com o prazer, ao cuidado com o corpo e a reprodução.

O quarto estudo, de Santos e Matthiesen (2012) foi realizado entre cinco professores, com um mínimo de 5 anos de experiência, em que foram investigadas as percepções referentes à demonstração da sexualidade pelos alunos adolescentes. Foram percebidas preocupações com as alterações do corpo, crises afetivas, dificuldade em aceitação da homossexualidade, o gênero feminino como um gênero submisso.

O quinto e sexto estudo tratam da opinião dos professores sobre a educação sexual na educação inclusiva. O estudo de Maia, Reis-Yamauti, Schiavo, Capellini e Valle (2015) procurou saber a opinião de 451 professores sobre a sexualidade e educação sexual de alunos com deficiência intelectual. Segundo as autoras, a maioria (94,2%) percebe manifestações da sexualidade nesses alunos, em que aparecem o desejo de namorar, a ocorrência de perguntas, jogos sexuais e masturbação, comportamentos inadequados. Porém, quanto ao sentimento dos professores diante da percepção das manifestações mencionadas, 37,5% foram positivos, enquanto que 53,8% foram negativos, demonstrando o incômodo dos professores. Diante disso, os professores admitiram despreparo e, portanto, a necessidade de um preparo pessoal e profissional para lidar com a questão. O despreparo dos professores para abordar a sexualidade nas escolas foi investigado no estudo sétimo estudo, de Moura, Pacheco, Dietrich e Zanella (2011). Além disso, a necessidade do apoio da escola e a participação das famílias no processo.

O estudo de Prioste (2010), reforça o incômodo que essa temática causa nos educadores, bem como o estudo de Gesser, Oltramari, Cord e Nuernberg (2012), que foca na questão do despreparo dos professores para lidarem com questões voltadas à sexualidade. De forma pertinente, os autores discorrem sobre a sexualidade no âmbito da mídia na qual as crianças têm contato com conversas sobre sexo, músicas e programas com teores eróticos, enquanto que na escola esse tema ainda sofre resistência por parte dos educadores. A perspectiva biologizante também se fez presente no discurso dos professores. *“Eu tenho percebido que ela está com a sexualidade aguçada, aflorada. Ela mostra os seios”* (GESSER et al., 2012, p. 18).

Outro aspecto relevante encontrado nos relatos desses professores foi a culpabilização dos pais pela falta de orientação sexual dos alunos com deficiência, como mostra o relato de uma professora que se opôs a trabalhar sobre a sexualidade porque *“veja, já tivemos casos seríssimos dentro deste assunto... foram até na delegacia processar o professor... e tem pais que agrediram o professor”* (PRIOSTE, 2010, p. 15). O processo de inclusão conduzido sem um preparo prévio dos professores é apontado como uma das dificuldades para se tratar de forma eficiente questões ligadas à sexualidade de pessoas com deficiência intelectual. A autora refere que o mal-estar diante daquilo que lhe é estranho causa impotência e angústias nos professores o que os faz reagir com repulsa e exclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi investigar de que forma a orientação sexual tem sido abordada nas escolas. Os achados apontaram que o trabalho de orientação sexual nas escolas

ainda é falho, principalmente por não contemplar as necessidades de formação dos professores, que referem não se sentirem capacitados para tratar tal temática com os alunos. Em decorrência deste despreparo a educação sexual passa a ser dirigida no sentido de delimitar o certo e o errado, ao invés de propiciar uma educação da expressão sexual, articulando os prazeres às responsabilidades que implicam tal vivência. Da mesma forma, há uma carência de espaços que possibilitem a livre discussão sobre a sexualidade, o qual permitiriam a elucidação de dúvidas pertinentes ao desenvolvimento de cada indivíduo.

Os espaços de debates precisam ser ampliados, incluindo-se as diversas esferas sociais, desde a micro (a família) até a macro (a sociedade como um todo), e a educação sexual precisa ser vista como algo inerente ao processo do desenvolvimento humano a partir da infância, haja vista que a sexualidade se expressa desde cedo. O profissional da psicologia como promotor de mudanças, tem um papel preponderante nesse contexto e, portanto, precisa estar habilitado na busca de informações, leituras pertinentes, diminuição do preconceito e dos estereótipos atribuídos e vivenciados pelos sujeitos em seus relacionamentos. Os psicólogos necessitam atuar de forma mais expressiva diante de temas como DSTs, gravidez na adolescência, o papel do homem e da mulher, relacionamentos hetero e homoafetivos.

A priori, educar sexualmente deveria ser de responsabilidade da família, já que é nesse contexto que o sujeito se vê primeiramente inserido e em que as primeiras manifestações de sexualidade são desenvolvidas. Entretanto, percebe-se que, em muitos casos, a família não se sente preparada para tal, portanto não propicia aos indivíduos uma abertura para conversar sobre sexualidade. Ocorre então, uma transmissão dessa responsabilidade para o contexto institucional.

A descoberta do corpo, do prazer, do contato com outras pessoas é um momento rico e único e que deve ser direcionado a práticas saudáveis, evitando comportamentos de risco, o que só é possível dentro de uma realidade em que a educação e a orientação sexual se fazem presentes. Diante dessa realidade, urgem planejamentos, aplicações e avaliações de programas destinados à educação sexual de forma abrangente: os sujeitos, os professores, família e sociedade em geral.

Com esses programas acredita-se que crianças e adolescentes e as pessoas do seu entorno sintam-se capazes de um manejo saudável da sexualidade, de forma que eles possam viver experienciando a vida de forma integral. Salienta-se que esse manejo saudável não está pautado em uma carga moral, mas, sim, pautado no direito de o sujeito vivenciar a sua sexualidade de forma plena e prazerosa.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, G. A. (). Saberes e prática sexuais de adolescentes do sexo masculino: impacto na saúde. *Revista de Enfermagem do Centro Oeste*, v. 49, n. 2, p. 1146-1160, 2014.
- ALMEIDA, S. A.; NOGUEIRA, J. A.; SILVA, A. O.; TORRES, G. V. (). Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 32, n. 1, p. 107-113, 2011.
- ARAÚJO, A. C.; LUNARDI, V. L.; SILVEIRA, R. S. DA; THOFERN, M. B.; PORTO, A. R.; SOARES, D. C. Implicações da sexualidade e reprodução no adolescer saudável. *Revista Rene*, v. 13, n. 2, p. 436-444, 2012.
- AZEVEDO, B. D. S.; REIS, C. C. A.; SANTOS, K. T.; DUARTE, A. C. S.; BOERY, R. N. S. de O. Análise da produção científica sobre doenças sexualmente transmissíveis e sua relação com a saúde escolar do Brasil. *Educação em Revista*, v. 30, n. 3, p. 315-334, 2014.
- BARBOSA, S. M., DIAS, F. L. A., PINHEIRO, A. K.B., PINHEIRO, P. N. DA C., & VIEIRA, N. F. C. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 12, n. 2, p. 337-341, 2010.
- BASTOS, O.; DESLANDES, S. F. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 10, n. 2, p. 1-13, 2005.
- BAUMFELD, T. S. Autonomia do cuidado: interlocução afetivo-sexual com adolescentes no PET-Saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 26, Supl. 1, p. 71-80, 2010.
- BEE, HELEN. *O Ciclo Vital*. Artmed: Porto Alegre, 1997.
- BESERRA, E. P.; TORRES, C. A.; PINHEIRO, P. N. C.; ALVES, M. D. S.; BARROSO, M. G. T. Pedagogia Freireana como método de prevenção de doenças. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 16, Supl. 1, p. 1563-1570, 2011.
- COELHO, M. M. F.; TORRES, R. A. M.; MIRANDA, K. C. L.; CABRAL, R. L.; ALMEIDA, L. C. G. DE; QUEIROZ, M. V. O. Educação em Saúde com adolescentes: compartilhando vivências e reflexões. *Ciência Cuidado e Saúde*, v. 11, n. 2, p. 390-395, 2012.
- CUNHA, C. DE F.; LIMA, N. L. de. A escuta de adolescentes na escola: a sexualidade como um sintoma escolar. *Estilos Clínicos*, v. 18, n. 3, p. 508-517, 2013.
- DIAS, A. F. L.; DA SILVA, K. L.; VIEIRA, N. F. C.; PINHEIRO, P. N. DA C.; MAIA, C. C. Riscos e vulnerabilidade relacionados à sexualidade na adolescência. *Revista de Enfermagem*, UERJ, v. 18, n. 3, p. 456-461, 2010.
- EGYPTO, Antonio Carlos (org.). *Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante*. São Paulo: Cortez, 2003.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*. 17. ed, Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FREITAS, M. R. Concepção de profissionais sobre a importância de uma proposta de educação sexual para deficientes mentais. (Mestrado em Educação Especial) Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, 1996.
- GALE, JAY. *O adolescente e o sexo: um guia para os pais*. São Paulo: Best Seller, 1989.
- GESSER, M.; OLTRAMARI, L. C.; CORD, D.; NUERNBERG, A.H. Psicologia Escolar e a formação continuada de professores em gênero e sexualidade. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar*, v. 16, n. 2, p. 229-236, 2012.
- GLAT, R.; FREITAS, R. C. de. *Sexualidade e Deficiência Mental: pesquisando, refletindo e debatendo sobre o tema*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2007.
- GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *HOLOS*, v. 29, n. 5, p. 251-263, 2013.

- JAQUES, A. E.; PHILBERT, L. A. DA S.; BUENO, S. M. V. Significados sobre sexualidade humana junto aos professores do ensino fundamental. *Arquivos Ciência e Saúde UNIPAR*, v. 16, n. 1, p. 45-50, 2012.
- LAQUEUR, T. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LOPES, G.; MAIA, M. *Conversando com o adolescente sobre sexo: quem vai responder?* Belo Horizonte: Étnica, 2001.
- MAIA, A. C. B.; ARANHA, M. S. F. Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. *Interação em Psicologia*, v. 9, n. 1, p. 103-116, 2005.
- MAIA, A. C. B.; EIDT, N. M.; TERRA, B. M.; MAIA, G. L. Educação sexual na escola a partir da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia em Estudo*, v. 17, n. 1, p. 151-156, 2012.
- MAIA, A. C. B.; REIS-YAMAUTI, V. L. DOS; SCHIAVO, R. DE A.; CAPELLINI, V. L. M.; F.; VALLE, T. G. M. Opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual. *Estudos de Psicologia*, v. 32, n. 3, p. 427-435, 2014.
- MALTA, D. C. Orientações de saúde produtiva recebidas na escola – uma análise da Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar nas capitais brasileiras e no Distrito Federal, 2009. *Epidemiologia Serviço e Saúde*, v. 20, n. 4, p. 481-490, 2011.
- MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psicologia da Educação*, 33 (2º semestre), p. 95-118, 2011.
- MARTINS, A. S.; HORTA, N. C.; CASTRO, M. C. G. Promoção da saúde do adolescente em ambiente escolar. *Revista APS*, v. 16, n. 1, p. 112-116, 2013.
- MELO, M. R. de. Educação sexual de deficientes mentais: experiências de professoras do ensino fundamental em Aracaju, 2004. 114 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2004.
- MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.
- MOURA, A. F. M.; PACHECO, A. P.; DIETRICH, C. F.; ZANELLA, A. V. Possíveis contribuições da psicologia escolar para a educação sexual em contexto escolar. *Psicologia Argumento*, v. 29, n. 67, p. 437-446, 2011.
- MOURA, E. R. M.; GONDIM, P. S.; LIMA, D. M. DE C.; SOUSA, I. O.; EVANGELISTA, D. R. Perfil sexual e reprodutivo e percepção de adolescentes na escola pública sobre comportamento sexual saudável. *Revista APS*, v. 14, n. 1, p. 58-56, 2011.
- MURTA, S. G. Direitos sexuais e reprodutivos na Escola: Avaliação quantitativa de um Estudo Piloto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n.3, p. 335-344, 2012.
- MURTA, S. G. Programa de habilidades interpessoais e direitos sexuais e reprodutivos para adolescentes: um relato de experiência. *Psico USF*, v. 17, n. 1, p. 21-32, 2012.
- NAU, A. L.; SANTA, S. B.; HEIDEMANN, I. R.S. B.; MOURA, M. DA G.; CASTILLO, L. Educação sexual de adolescentes na perspectiva Freireana através dos círculos de cultura. *Revista Rene*, v. 14, n. 5, p. 886-893, 2013.
- OUTEIRAL, J. O. *Adolescer: estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

- PRIOSTE, C. Educação Inclusiva e Sexualidade na escola – Relato de caso. Estilos da Clínica, v. 15, n. 1, p. 14-25, 2010.
- RIBEIRO, H. C. de F. Orientação sexual e deficiência mental: estudos acerca da implementação de uma programação. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo, 1995.
- RUSSO, K.; ARREGURY, M. E. Projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas”: percepções de professores e alunos sobre a distribuição de preservativos masculinos no ambiente escolar. *Pshysis Revista de Saúde Coletiva*, v. 25, n. 2, p. 501-523, 2015.
- SANTOS, I. L. DOS; MATTHIENSEN, S. Q. Orientação sexual e educação física: sobre a prática pedagógica do professor na escola. *Revista de Educação Física/UEM*, v. 23, n. 2, p. 205-215, 2012.
- SFAIR, S. C.; BITTAR, M.; LOPES, R. E. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. *Saúde Sociedade*, v. 24, n. 2, p. 620-632, 2015.
- SOUZA, M. M.; MUNARI, D. B.; SOUZA, S. M. B. de; ESPERIDIÃO, E.; MEDEIROS, M. Qualificação de professores do ensino básico para educação sexual por meio de pesquisa-ação. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 9, n. 1, p. 91-98, 2010.
- SOUZA, L. N.; AQUINO, P. S.; FERNANDES, VIEIRA, N. P. C.; BARROSO, M. G. T. Educação, cultura e participação popular: abordagem no contexto da educação em saúde. *Revista de Enfermagem UERJ*, v. 16, n. 1, p. 107-112, 2008.
- SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer? *Einstein*, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.
- SOUZA, V. de. Adolescentes em cena: proposta educativa no campo da saúde sexual e reprodutiva. *Revista Escola de Enfermagem USP*, v. 45, Esp. 2, p. 1716-1721, 2011.
- VITIELLO, Nelson. Sexualidade: quem educa o educador. 2 ed. São Paulo: IGLU, 2000
- WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In G. L. Louro. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2.ed. Belo Horizonte: 2000.

EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE: O EXEMPLO DE SUMMERHILL E AS PERSPECTIVAS DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Cléber Fernando Homem¹ e Luciane Flores Homem²

RESUMO - A liberdade é um valor absoluto, e condição necessária para o desenvolvimento humano. É no convívio social, na prática da liberdade, que o homem se constitui um ser livre. Uma das primeiras experiências, talvez a mais significativa, consiste no processo de formação escolar, cujo propósito é educar e a prática, na maioria das situações, assenta-se sobre padrões de repetição previamente definidos e fortemente enraizados em tradições. Diante desta situação aparentemente paradoxal, recorreu-se a uma revisão bibliográfica de alguns autores humanistas de diferentes períodos históricos, sobre o tema liberdade. Em seguida, discute-se como este valor foi praticado na escola de Summerhill e quais efeitos esta prática produziu naquela comunidade escolar. Por fim, buscou-se compreender como a escola iluminista, moldada conforme os interesses da revolução industrial, e que ainda serve majoritariamente de base para o sistema educacional brasileiro, comprehende e pratica a liberdade enquanto valor fundamental para o desenvolvimento humano. Após a análise dos resultados da pesquisa, verificou-se a existência de um grande hiato entre o contexto da revolução industrial e o atual modo de organização da produção capitalista. Mais do que isso, que os desafios da cidadania e do desenvolvimento sustentável demandam a constituição de um novo sujeito, autônomo e responsável, livre, o que, em última análise, constitui-se em ameaça ao modelo econômico vigente. Fruto da letargia e da manutenção de interesses econômicos, a liberdade tem sido tratada mais como discurso do que como prática, ficando relegada ao plano experimental e periférico, talvez como uma forma de melhor compreender os possíveis impactos gerados por uma sociedade livre sobre os interesses dominantes.

Palavras chave: Liberdade. Autonomia. Escola contemporânea.

ABSTRACT - Freedom is an absolute value and a necessary condition for human development. It is in social life, in the practice of freedom, that man becomes a free human being. One of the first experiences, perhaps the most significant, is the process of schooling and its practice that is usually based on traditional and repeating patterns. In face of this paradoxical situation, this article aimed to recognize the different perceptions of different humanist writers and different historical periods about freedom. Also it talked over the manner that this value was practiced at Summerhill School and the effects that were produced in this community. Finally, going over other humanist and contemporary authors, this study identified the understanding and the practicing of freedom as a fundamental human development value by the enlightenment school. This school was shaped as the interests of the industrial revolution and it presents as a basis for Brazilian Educational System. After analyzing the survey results, it was found that the school model does not sustain the current mode of capitalist production organization. More than that, the citizenship challenges and sustainable development require the creation of an autonomous, responsible and free new subject that finally constitutes himself as a threat to the current economic model. Seeking to maintain economic interests, freedom has been treated more like speech than practice and it has been relegated to an experimental level. Perhaps it is a way to understand the possible impacts created by a free society upon dominant interests.

Key words: Freedom. Autonomy. Contemporary school.



Revista
Ciência e Conhecimento
Volume 11 – Nº 1 – 2017.



1 - Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Curso de Gestão da Produção Industrial, São Jerônimo, RS, Brasil.

2 - Professora da Área de Linguagens da Rede Pública Estadual do RS.

E-mail para contato:
Cléber Fernando Homem
cleber.f.homen@gmail.com

Recebido em: 29/08/2016.
Revisado em: 30/09/2016.
Aceito em: 20/11/2016.

Área:
Atenção à saúde e bem-estar.

INTRODUÇÃO

O processo de constituição dos sujeitos e o modo de produção capitalista constituem importante marco da unidade dialética entre liberdade e servidão, a muito debatida no âmbito dos sistemas educacionais. Pela primeira vez na história da humanidade, a vida no planeta está sob ameaça de extinção por outros fatores que não as armas, mas pelo modo de produção intensivo.

Seria esta catástrofe anunciada um produto do sistema de educação? Ou, pelo contrário, seria o sistema de educação a única possibilidade de superação da barbárie? Na busca pela resposta, revisitamos Summerhill, uma escola fundada pelo educador escocês Alexander Sutherland Neill (1883-1973), em 1921, que se localiza em Suffolk, Inglaterra.

Diferentemente das escolas tradicionais à época, extremamente rígidas e autoritárias, e até mesmo das atuais, fundadas em testes e padronizações, Summerhill considera-se uma escola para a felicidade e traz em sua essência o princípio da autonomia e da democracia como meio para se alcançar a formação integrada, intelectual e emocional, de crianças e adolescentes. O que resultaria na consolidação de um efetivo estado de felicidade baseado no ser, e não no ter.

Objeto de controvérsia, o modelo educacional proposto por A. S. Neill sofreu, e sofre, grande contestação por parte daqueles partidários da formação funcional, direcionada para o atendimento das demandas de mercado. Em Summerhill, as crianças estabelecem seu programa de estudos e, não sendo o bastante, tem o direito de decidir se querem ou não assistir às aulas. Segundo Neill (1970), o sucesso da aprendizagem resulta diretamente do interesse da criança pelo assunto em estudo. Ou seja, a imposição de um programa de estudos e um padrão de resultados não resultará em aprendizagem efetiva, baseada na vontade de aprender, mas sim por medo do castigo e, consequentemente, traumática.

Para Neill, a questão central reside justamente no propósito da formação escolar, que, para ele, representa a necessidade de formar cidadãos felizes, capazes de desenvolver habilidades para algum trabalho, o desempenhar de forma competente e feliz, autônoma e livremente. Eis que a principal característica, o principal valor, de Summer Hill é a “Liberdade”.

Este artigo se propõe a discutir diferentes compreensões de liberdade, seu entendimento no âmbito da educação em Summerhill, e quais características ela imprime ao modelo educacional da escola fundada por Alexander S. Neill, comparativamente à escola tradicional. Pretende, ainda, avançar na análise de propostas metodológicas contemporâneas que se aproximam da perspectiva de Summerhill.

LIBERDADE

De uma maneira abrangente, liberdade pode ser entendida como o “estado ou condição de quem é livre” (Aulete Digital, 2014). No entanto, não raramente encontramos restrições à liberdade expressas na própria formulação de seu conceito. No mesmo dicionário, a liberdade é conceituada como a “possibilidade de agir conforme a própria vontade, mas dentro dos limites da lei e das normas racionais socialmente aceitas”. O senão imposto pelo conceito sugere que a liberdade não é total e irrestrita, devendo esbarrar no limite imposto pelas regras e leis sociais e de convivência. O que popularmente é expresso a partir da seguinte afirmação: a liberdade de um se encerra no exato momento em que começa a liberdade de outro.

Ainda segundo Aulete, liberdade é a “condição de um ser que se encontra livre para expressar os diversos aspectos de sua natureza ou de sua essência”. Ou seja, liberdade para ser o que se é. Em outras palavras, liberdade é uma função de duas variáveis: independência e autonomia.

Do ponto de vista filosófico, a liberdade pode ser caracterizada tanto negativamente como positivamente. O que as diferencia é o fato de que enquanto uma qualifica a liberdade como ausência de servidão, portanto negativa, a outra se afirma na autonomia, entendida como condição necessária para o surgimento de comportamentos espontâneos e voluntários. Portanto, positiva (Wikipédia, 2014).

A versão em língua inglesa de Wikipédia define liberdade como sendo “qualidades que possibilitam aos indivíduos controlar suas próprias ações”. Também se refere a diferentes conceitos de liberdade que, em certa medida, seriam responsáveis por criar as condições e mediar às relações entre os indivíduos e a sociedade em suas mais diferenciadas formas de existir. Organizada na forma de um contrato social, que estabelece os direitos fundamentais e o exercício da liberdade, tem-se a criação de um estado ideal que estabelece um conjunto de papéis e responsabilidades individuais para com a manutenção deste estado de liberdade.

Na versão em língua espanhola de Wikipédia, temos que a “liberdade é a capacidade do ser humano de realizar sua própria vontade, ao longo de sua vida”. E complementa dizendo que “o estado de liberdade define a situação, circunstâncias ou condições de quem não é escravo”. Ou seja, está diretamente relacionada à possibilidade de decisão individual sobre o que se quer ou não fazer, sem, no entanto, eximir-se da responsabilidade sobre o que se fez ou deixou de fazer.

Conforme Hilton Japiassú e Danilo Marcondes (2001), liberdade é uma condição daquele que é livre, capaz de agir por si mesmo de forma autodeterminada, independente e autônoma. Ainda segundo os mesmos autores, se tomada pelo sentido ético, a liberdade consiste no “direito de escolha pelo indivíduo de seu modo de agir, independentemente de qualquer

determinação externa". No entanto, resta a dúvida se, de fato, poderia o homem ser absolutamente livres dadas as condições limitantes como as biológicas, psicológicas e sociais. Para Kant (apud Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, 2001), a lei moral a que nos subjugamos determina a compreensão de nossa liberdade, trazendo para o cerne da questão a responsabilidade intrínseca pelos atos praticados, ou não.

Se for verdade que não é possível a um indivíduo transferir sua liberdade e responsabilidade a outros, também é verdade que a imputação de responsabilidade pelos atos praticados por qualquer indivíduo deverá sempre pressupor sua liberdade em decidir por fazê-lo.

Segundo Nicola Abbagnano (2007), são três as concepções fundamentais para liberdade, e estas se sobreponeram ao longo do tempo. A primeira considera que existe liberdade quando não existem limites. A segunda, complementa a primeira na medida em que contempla as condições externas ao indivíduo, seu contexto existencial e social. Por fim, a terceira concepção considera os limites impostos pela possibilidade de escolha ou condicionamento. Em outras palavras, que a liberdade é finita.

A LIBERDADE EM SUMMERHILL

Summerhill não foi idealizada a partir de teorias pré-estabelecidas, pelo menos é o que argumenta seu fundador A.S. Neill. No entanto, não são raras as semelhanças verificadas em relação à teoria humanista de Carl Rogers (1902-1987).

Reconhecido por aplicar os princípios da psicologia clínica à educação, Rogers defendia que os princípios básicos de ensino e aprendizagem se estruturavam na confiança das potencialidades humanas, na relevância do aprendizado para o aprendiz, na possibilidade de participação e colaboração entre aprendiz e professor, na auto avaliação e na auto crítica e, por fim, na possibilidade de aprender com a própria aprendizagem.

Suas proposições ocorrem no contexto da, e em contraposição a teoria comportamentalista. Apesar de não negar a ocorrência de um componente cognitivo no processo de aprendizagem, Rogers (1995) propõe que esta deve resultar de um processo de apropriação pessoal que considera, além dos aspectos cognitivos, os aspectos afetivos. Ou seja, contrariamente ao que preconizavam as teorias comportamentalistas, cujo foco centrava-se na aprendizagem enquanto meta previamente estabelecida e a qual deveria ser alcançada pelo aprendiz, Rogers propunha que o foco deveria estar no aprendiz.

Para que a aprendizagem se efetive, Rogers propõe três condições necessárias: empatia, aceitação incondicional positiva, e congruência ou genuinidade. A empatia como uma forma de

sintonizar professores e aprendizes em torno de objetivos comuns, denotando a compreensão do primeiro pelo progresso do segundo. A aceitação incondicional positiva trata do acolhimento pleno do aprendiz por aquilo que realmente ele é, e a congruência surge enquanto princípio de verdade e honestidade que veda a possibilidade de fingir sentimentos. Atendidos estes princípios, estariam dadas as condições suficientes para o aprendizado.

Segundo Gadotti (1999, apud Joana Valente, 2011), Rogers estabelece que os princípios básicos da aprendizagem fundamentam-se no fato de que os seres humanos naturalmente aprendem e que isto se dá na medida em que o conteúdo estudado se relaciona com seus interesses e objetivos. Toda aprendizagem que provoca alterações de si mesmo tende a gerar resistências, e são mais facilmente percebidas e assimiladas quanto menores forem as ameaças externas, o que possibilita a ocorrência efetiva da aprendizagem. É na experimentação, na vivência, que as aprendizagens se tornam mais significativas. Quando é permitido ao aprendiz participar do processo de decisões. E, por fim, quando aprender se torna uma experiência estética. Interferências externas reduzem potencialmente a criatividade e autoconfiança, características fundamentais para o processo de aprender a aprender, primordial para a contemporaneidade.

Muitas destas características estão presentes em Summerhill, uma escola que se propõe a adaptar-se aos alunos. Conforme o próprio Neill (1970) ressalta, Summerhill é uma escola onde as crianças têm a liberdade de serem elas próprias, sem estereótipos e pressões patrocinados pelos adultos. Onde as crianças não são tratadas como “adultos em miniatura”.

A liberdade, entendida como elemento fundamental da construção da personalidade de cada indivíduo, está presente na essência da proposta pedagógica de Summerhill. Em seu livro “Liberdade Sem Medo” (1970), Neill explicita, na forma de um “balanço final”, suas vivências e compreensões sobre a educação em Summerhill, de onde se pode ter uma percepção mais clara da importância dada à liberdade para o processo de emancipação das crianças através do processo de aprendizagem.

Liberdade e autonomia, valores pétreos no modelo pedagógico de Summerhill, são expressos nas muitas regras instituídas pelos próprios alunos, para além, inclusive, daquelas estabelecidas pelo Ministério da Educação Inglês. Em Summerhill, alunos, professores e funcionários deliberam todos os temas pertinentes à comunidade escolar, democraticamente, em assembleias semanais presididas por representantes dos alunos. Todos os participantes votam, desde as crianças de cinco anos de idade até o diretor da escola, sendo que todos os votos têm o mesmo peso representativo (NEILL, 1970).

Participar ou não das aulas é uma opção de cada aluno, independentemente da idade. Segundo Neill (1970), quanto mais jovens as crianças se inserem no seu modelo pedagógico, maior a participação nas aulas ao longo do ciclo de formação. Quanto mais velhos forem, relata, mais tempo levam para livrar-se dos traumas deixados pela opressão recebida na escola anterior e menor a adesão às aulas. Aulas estas, ministradas diariamente por professores capacitados e com horário definido, somente para o professor, ressalva. Relembrando, é a escola que se adapta ao aluno, logo, o professor está à disposição do aluno e não o inverso.

Certo de que a meta a ser alcançada pela humanidade é a felicidade, Neill defende que a educação deveria antes de tudo preparar para a vida. Despertar o interesse dos aprendizes pelo conteúdo através da funcionalidade do conhecimento, mas garantindo ao aluno a autonomia para decidir sobre sua utilidade, ao seu tempo. Em Summerhill, por exemplo, são os alunos quem determinam qual, e em que ritmo, se dará seu processo de aprendizagem, ou autoaprendizagem, sem a imposição prévia de padrões de desempenho e avaliações. Avaliações, estas, realizadas num processo autônomo, a auto avaliação.

Crítico do “conteudismo”, Neill (1970) afirmava que o menos importante na escola são os livros e que aqueles que os atribuem demasiada relevância somente podem ser pedantes. Acreditava ele, que as únicas coisas que as crianças precisam aprender é a ler, escrever e contar. Ademais, artes, esportes, trabalhos manuais e liberdade, dariam conta do desafio da aprendizagem para a vida. Sua crença deriva da comparação entre seus alunos e alunos de escolas tradicionais, onde estes últimos apresentam como regra uma enorme capacidade acadêmica, do saber, enquanto os primeiros conseguiam sentir. A falta de sentimento, segundo ele, torna estes estudantes amistosos e agradáveis e, ao mesmo tempo, apáticos e despreparados para o desafio de serem felizes gerenciando suas próprias vidas.

A propósito da felicidade, Neill (1970) afirma que as escolas tradicionais são indiferentes e que, através de rígida disciplina, oferecem uma rota de aprendizagem única para seus alunos. Estes, em função da padronização da avaliação, com critérios estabelecidos a sua revelia, são obrigados a atingir aprovação nas diferentes matérias, sem que com isso lhes atribuam alguma importância, fazendo-os evoluir no “programa de estudos” pré-estabelecido até se tornarem “professores sem imaginação, médicos medíocres e advogados incompetentes”, ao invés de “bons mecânicos ou excelentes pedreiros, ou policiais de primeira classe”.

No sistema de educação tradicional, o “programa de estudos” oferece um único caminho para o “sucesso”, desconsiderando as diferenças individuais de cada aprendiz e obrigando que todos obtenham um resultado específico. Nesta situação, na obrigação de “aprender” algo sobre o qual não se tem nenhum interesse, a aprendizagem se transforma em castigo. Sobre isso, Neill

afirma que conseguiria decorar um livro inteiro se estivesse sob ameaça de ser chicoteado, mas o resultado efetivo seria detestar para sempre o livro, o espancador, e a ele próprio.

Talvez o principal argumento de contraposição à proposta educacional de Summerhill seja a suposta falta de limites, decorrente da “plena liberdade” que os alunos gozam para decidir seu programa de estudos. No entanto, Neill (1970) argumenta que viver, por si só, já impõe um conjunto de dificuldades que acabam por tornar desnecessário que a escola precise criar outras, artificiais, para “treinar” crianças a enfrentar as muitas já existentes. Dito de outra forma, os problemas cotidianos resultantes da simples convivência em comunidade, neste caso a escolar, impõem a necessidade de estabelecer-se um conjunto de leis e regras que impõem muitos limites.

Em Summerhill, o papel desempenhado pelos alunos não se resume a obedecer à lei estabelecida, mas legislar sobre os problemas cotidianos e executar o conjunto de regras. Conforme Neill, as crianças possuem um senso de justiça maravilhoso e grande capacidade administrativa. No que se refere especificamente as crianças menores, ele argumenta que estas mostram interesse medíocre em governos e que, se deixadas por si próprias, talvez jamais constituíssem algum. Segundo ele, seus valores e suas maneiras não são, definitivamente, os mesmos dos adultos.

A criança que exerce sua autonomia e participa ativamente no processo de decisão sobre os temas que lhe afetam ou que são de seu interesse, acaba por exercitar sua cidadania. Já a criança condicionada e disciplinada é candidata a tornar-se um cidadão apático. Ausente. Alguém que se ajustará ao mundo sem senso crítico. Alguém que provavelmente terá uma vida monótona e condicionada a obedecer à autoridade, acumulando medos e complexos que posteriormente repassará aos seus descendentes (Neill, 1970).

No que se refere à responsabilidade, Neill propõe que crianças devem ter responsabilidades infinitas, desde que estejam preparadas para tal. Neste caso, o bom senso deve nortear as decisões de pais e educadores para que a atribuição de responsabilidades não seja entendida como dever. Este, em última análise, significa abdicar da autonomia de decidir sobre a importância da ação para si. Passando de uma situação onde há no mínimo compreensão pela ação, senão interesse, para uma situação de obediência devida ao poder autoritário daquele que determinou a ação.

Outro aspecto a se considerar ao tratar de Summerhill diz respeito ao desempenho de seus egressos, comparativamente aos de escolas tradicionais. Por determinação do Ministério da Educação da Inglaterra, fora realizada uma inspeção em Summerhill, por uma banca de

especialistas, em junho 1949. Neste documento constam informações que, nas palavras dos próprios inspetores, dão conta de que:

...as evidências com que se podem contar não sugerem que os egressos de Summerhill venham a ser desajustados na sociedade comum. As informações que se seguem não contam, naturalmente, toda a história, mas indicam que a educação de Summerhill não é necessariamente hostil ao sucesso em sociedade" (Neill, 1970).

Por fim, Summerhill difere-se das escolas tradicionais por entender que a aprendizagem só se dá por interesse do aprendiz. E o interesse do aprendiz só pode se manifestar num ambiente onde exista liberdade para o exercício da autonomia. Neill (1970) conta que muitos educadores focam seus esforços no ensino, enquanto deveriam centrar todo seu intento na aprendizagem. Ou seja, concentrar-se no aprendiz em detrimento do conteúdo e do método. Critica as escolas tradicionais, as quais caracteriza como “fábricas de produção em massa”, e aos professores que acabam reproduzindo esta lógica sem criticidade.

UMA ESCOLA PARA A LIBERDADE

Segundo Marx (2004), a liberdade humana não se constitui em concepção metafísica, mas sim na interação com o mundo material. Como constructo da convivência entre as pessoas na produção de condições objetivas de sobrevivência, percebido por seus sentidos e aptidões. Por este prisma, não é possível existir liberdade fora do mundo material onde as pessoas de fato existem.

A liberdade, portanto, só pode existir se, e somente se, os indivíduos dispuserem dos meios materiais que garantam sua subsistência. No sistema capitalista, onde os meios de produção são propriedade privada e não pertencem ao conjunto dos indivíduos, segundo Marx, não é possível existir liberdade. Indo além, Marx afirma que no sistema capitalista existem apenas liberdades parciais, mas que estas demandam a separação da sociedade entre detentores e não detentores dos meios de produção para fins de sua manutenção e regulação do sistema.

Sobre este aspecto, e tendo o sistema educacional o objetivo dominante de formar cidadãos para melhor se inserirem no mundo, pode-se deduzir que o sistema educacional vigente reproduz os sistemas político e econômico vigentes. No caso, o mundo capitalista de liberdades parciais.

Segundo Ken Robinson (2014), o sistema educacional vigente foi moldado com base nos preceitos iluministas e segundo os interesses da Revolução Industrial. No entanto, o modo de organização da produção capitalista sofreu alterações significativas no século passado que acabaram por demandar outro padrão de formação. Não obstante, com o avanço da globalização econômica, cada vez mais as culturas nacionais são ameaçadas pelas culturas dos países

dominantes e industrializados. Como alternativa, os estados nacionais, sobretudo os menos industrializados, vêm propondo a reformulação de sistemas educacionais públicos.

Em muitos casos, as reformulações têm avançado no sentido de aprofundar ainda mais o modelo atual de formação centrada no conteúdo e, para isso, muitos têm proposto elevar os padrões de qualidade e os níveis de exigência para aprovação dos alunos. Paradoxalmente, os sistemas de produção demandam profissionais e cidadãos com novas habilidades e capacidades, capazes de inserirem-se num novo contexto.

O padrão de organização da sociedade vem sendo alterado significativamente com a ampliação da participação da eletrônica e da informática. As atividades industriais vêm se tornando cada vez mais automatizadas, menos intensivas em mão de obra e mais demandante de profissionais com capacidade crítica. Negócios, produtos, profissões e áreas de conhecimento desaparecem, e surgem, numa velocidade até então inimaginável. O estoque de conhecimento produzido pela humanidade dobra em períodos cada vez menores e, em certas áreas, em períodos que impossibilitam até a formação de profissionais em quantidade suficiente para seu atendimento.

Neste processo, o diploma acadêmico não é mais condição suficiente para assegurar a inserção das pessoas no mercado de trabalho. Mais do que isso, neste processo, o sistema educacional tem se mostrado incapaz de dar conta dos desafios de formação e manutenção do modelo. Segundo Ken Robinson (2014), estas mudanças trouxeram o esgotamento do sistema educacional e, com isso, o caos.

Como consequência destas profundas transformações, os aprendizes não encontram razões para frequentar escolas que, em última análise, não oferecem respostas para os problemas atuais. Escolas que utilizam métodos e ferramentas desconectados da realidade vivida por estes aprendizes quando fora da escola. A escola, idealizada e organizada como fábrica, deu excelentes respostas para a manutenção dos sistemas produtivos e, consequentemente, para o capitalismo, mas esta não é mais a realidade, nem para os sistemas produtivos, nem para os aprendizes.

Do ponto de vista dos aprendizes, a escola tornou-se um lugar enfadonho e desagradável. Segundo Ken Robinson (2014), assistir aulas tornou-se um processo tão chato que para atrair e reter a atenção dos alunos, cada vez mais se torna necessário o uso de drogas e medicamentos que lhes ajudem a se “concentrar” e a prestar atenção. Computadores, internet, TV e tantas outras plataformas, muito mais dinâmicas e atrativas que as carteiras escolares, são consideradas ameaças à aprendizagem e, por isso, precisam ser combatidas através da

penalização daqueles que com elas se distraem. Como castigo, os distraídos devem ser anestesiados.

O conceito de “anestesiado” implica em aceitar o fato de que o processo de aprendizagem, nesta condição, acontece sem que todos os sentidos estejam sintonizados com o momento presente. Ou seja, não há significação do conteúdo porque os sentidos não operam em capacidade máxima, logo, não se está plenamente vivo. Ken Robinson propõe que se faça justamente o caminho inverso. Ao invés de anestesiá-los, deveríamos despertar estes aprendizes para que pudessem liberar o que existe dentro de si. Em outras palavras, dar-lhes liberdade para experimentar, para criar, para aprender e para ser o que desejam ser: Livres.

Mas se o sistema educacional foi proposto e modelado em um contexto e para um propósito específico, como já visto. Então, como adaptá-lo de forma a responder aos desafios do presente? E quanto aos desafios futuros? Ken Robinson acredita que o caminho a ser trilhado seja exatamente o oposto ao atual, que é justamente o da padronização de testes e currículos. Uma lógica de linha de produção.

Durante o processo de aprendizagem, os alunos são ensinados a encontrar a resposta certa, que em muitos casos é única. São orientados a não copiar, o que corresponderia a trapaça. Ou seja, valores diametralmente opostos ao que se persegue fora da escola. As razões prováveis para que as coisas ocorram desta forma não necessariamente passam por uma predisposição dos professores para que seja assim. Ken Robinson considera que isto ocorra pelo fato de que está na cadeia genética da educação. Em outras palavras, pelo fato de que o sistema assim foi montado e que sua lógica natural é se reproduzir e se perpetuar. Como todo o sistema, aliás.

As inúmeras caracterizações e estereótipos empregados para definição do que é “conhecimento”, denotam a existência de compreensões distintas do que é, e para que ele serve. Ken Robinson refere-se a alguns adjetivos, como: acadêmico e não acadêmico, e, abstrato e “teórico”. No entanto, sugere que nada disso importa, mas sim o fato de que se deve pensar diferente a respeito da capacidade humana e incorporar outros valores ao sistema educacional. Considerar, por exemplo, que a melhor aprendizagem se dá em grupos, em regime de colaboração, e que continuar tratando a aprendizagem de maneira individualizada resultará numa ampliação das barreiras ao próprio aprendizado. Por fim, destaca que esta situação está intrinsecamente relacionada ao perfil das instituições de ensino, seus hábitos e compreensões sobre a educação, remetendo o debate para a necessária discussão sobre o papel e o *modus operandi* ideal para a escola contemporânea.

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2000) denotam o entendimento do Ministério da Educação, e da representação do conjunto dos educadores de

todo país, de que se faz necessário à contextualização do conhecimento, promover a integração entre as diferentes áreas do saber e o estímulo ao raciocínio e a capacidade de aprender. Os novos parâmetros primam pela aquisição de conhecimentos básicos, pela preparação científica e pela capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação.

A formação geral, em oposição à formação específica, é um dos pontos de maior relevância para a reorientação da proposta de formação no ensino médio no Brasil, cujos meios para ser alcançada fundamentam-se no desenvolvimento de capacidades para realização de pesquisa, coleta de informações, análise, seleção e síntese. O objetivo principal destas mudanças propostas é potencializar a capacidade de aprender, criar e formular, em detrimento ao simples exercício de memorização.

Apesar da intencionalidade, a realidade das escolas não sugere que muito se tenha avançado nesta direção. Identificar os pontos de estrição e resistência, as dificuldades efetivas e as reais possibilidades de mudança constituem-se em principal desafio para o próximo período.

CONCLUSÕES

A liberdade enquanto princípio filosófico, não se encontra apartada da idéia de limites, seja os impostos pelas possibilidades de escolha ou mesmo pelo condicionamento. Esta ponderação remete ao fato de que o homem é um ser social e que suas ações geram impactos e reações nos demais, constituindo, portanto, restrições quanto à possibilidade de se fazer tudo o que se deseja fazer. Partindo deste pressuposto, talvez a questão central para construção de espaços livres possa ser delineada pela definição de limites, ou, em outras palavras, pelas responsabilidades individuais.

No que tange ao exercício da liberdade, Marx (2004) afirma que este só pode existir no campo da materialidade, no mundo onde as pessoas vivem e demandam meios e recursos concretos para sua existência. Portanto, a liberdade seria um constructo das condições de acesso aos meios necessários para assegurar a existência.

Uma educação para a liberdade, assim, necessita considerar o nível das responsabilidades atribuídas para as crianças de forma a não tratá-las como adultos em miniatura. Também exige a percepção de que a aprendizagem resulta de um processo autônomo, e que só há aprendizagem quando existe interesse pelo conteúdo. Ou seja, se o conhecimento for funcional.

Summerhill é uma escola que pratica estes preceitos, proporcionando aos seus alunos o exercício pleno da liberdade e da democracia. Das suas experiências e práticas, muitos aspectos

reforçam a tese de que as crianças são efetivamente diferentes daquilo que os adultos acreditam que elas sejam. De que as crianças que crescem livres desenvolvem maior capacidade para enfrentar os desafios da vida, maior capacidade de adaptação às mudanças e são mais felizes.

Com as atuais alterações no modo de organização da produção capitalista, o modelo de escola tradicional, iluminista industrial, não tem dado conta de formar cidadãos com capacidades e habilidades suficientes para responderem às necessidades da nova economia. Na tentativa de encontrar respostas a estes desafios, muitos países estão reformulando seus sistemas de ensino. Alguns estão procurando respostas para estes novos desafios nas soluções adotadas no passado. Outros propõem uma profunda alteração no *modus operandi* de seus sistemas educacionais, aproximando-se mais das práticas de Summerhill.

No Brasil, é visível a existência de um hiato bastante grande entre o que se propõe e o que se pratica. A inércia do movimento a que está sujeito o gigantesco sistema educacional brasileiro parece constituir-se em principal obstáculo para a prática docente e qualificação das estruturas materiais das escolas.

Finalmente, a prática da liberdade no processo de formação escolar poderá resultar, com base na experiência de Summerhill, numa nova concepção de cidadania, de sociedade e de economia, constituindo-se em potencial ameaça para o sistema econômico vigente. Talvez, por isso, experiências como as de Summerhill não sejam exterminadas nem difundidas. Talvez este seja o tempo necessário para que o sistema se aproprie e adapte-se a mudança sem que perca o controle.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Tradução da 1^a edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2007.
- BRASAO, Heber Junio Pereira. GRAMSCI, FIORI E FREIRE - EDUCAÇÃO POPULAR PARA A LIBERDADE. Cadernos da FUCAMP, v. 11, n. 15. 2013.
- FREIRE, Paulo. L'Éducation, praxis de la Liberté: un étude du mouvement d'alphanétisation et d'education de base au Brésil. In: FREIRE, Paulo. L'Education, praxis de liberte. 1965.
- FREIRE, Paulo. Uma educação para a liberdade. Porto: textos marginais, v. 18975. 1974.
- FREIRE, Paulo. Papel da Educação na Humanização. Rev. da FAEEBA, Salvador, n. 7, p. 9-17, jan/jun. 1997.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido [antologia]. Revista de Educação. Lisboa, Portugal, v. 7, n. 1, p. 147-149, 1998.
- GHIGGI, Gomercindo. Origens e concepções de autoridade e educação para a liberdade em Paulo Freire:(re) visitando intencionalidades educativas. Jeferson Selbach. 2009.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário Básico de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2001.

- JUNIOR, Jonas Bach; DA VEIGA, Marcelo; STOLTZ, Tânia. Educação, Liberdade e Sociedade em Paulo Freire e Rudolf Steiner. *Educação em Revista*, v. 13, n. 1, p. 47-62, 2012.
- KYRIACOU, Chris. Teacher stress: Directions for future research. *Educational review*, v. 53, n. 1, p. 27-35, 2001.
- Liberdade. Aulete Digital. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/liberdade>>. Acesso em 13 mar. 2014.
- Liberdade. Wikipédia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade>>. Acesso em: 13 mar. 2014.
- Liberty. Wikipédia. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Liberty>>. Acesso em: 13 mar. 2014.
- Libertad. Wikipédia. Disponível em: <<http://es.wikipedia.org/wiki/Libertad>>. Acesso em: 13 mar. 2014.
- Marx, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo: Bomtempo. 2004.
- MOREIRA, Janine; ROSA, Marisa de S. Thiago. Educação libertadora e liberdade existencialista: um encontro entre Paulo Freire e Jean-Paul Sartre. Grupo Eventos; Subgrupo Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire. 2014.
- NEILL, A. S. *Summerhill*. Nova Zelândia: Penguin Books. 1968.
- NEILL, A. S. *Liberdade sem Medo*. 9ª Edição. São Paulo: IBRASA. 1970.
- PIAGET, Jean. A educação da liberdade. Sobre a Pedagogia: textos inéditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, [1945], p. 153-160. 1998.
- ROBINSON, Ken. Mudando Paradigmas na Educação (Vídeo Dublado) - RSA Animate. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DA0eLEwNmAs>>. Acesso em 13 mar. 2014.
- ROGERS, Calrs R. Liberdade de aprender em nossa década. Porto Alegre: Artes Médicas. 1985.
- ROSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social*. São Paulo: Martins Fontes. 1989.
- SAVIANI, Dermeval. The theoretical shock of the Polytechnic. Trabalho, educação e saúde, v. 1, n. 1, p. 131-152, 2003.
- SILVA, André Gustavo Ferreira da. Educação e Liberdade: o conceito de liberdade na pedagogia brasileira da década de oitenta. Recife: O autor. 2007.
- VALENTE, J. A Teoria Humanista e a Escola de Summerhill. Disponível em: <<http://psicologiapsi.wordpress.com/a-teoria-humanista-e-a-escola-de-summerhill/>>. Acesso em 13 mar. 2014.
- _____. Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação. 2000.

WALTER BENJAMIN, A OBRA DE ARTE E O DECLÍNIO DA AURA

Demóstenes Dantas Vieira¹

RESUMO - Este trabalho, de cunho bibliográfico, parte de uma reflexão sobre o ensaio *A Obra de Arte na Era de sua Reproduzibilidade Técnica*, do filósofo frankfurtiano Walter Benjamin. A princípio, o autor do ensaio realiza uma análise histórica do caráter reproduzível da obra de arte, pensando como esse processo traz à tona o que o mesmo denominou de Declínio da Aura e, por conseguinte, a produção em série de produtos culturais. Ressaltamos como aporte teórico, as contribuições de Benjamin (1994/1995), Chauí (2005), Koyré (1998), Avelar (2010), dentre outros. À vista disso propomos analisar como o autor comprehende o fenômeno reproduzível da arte, levando em consideração a possibilidade de democratização do saber artístico e cultural.

Palavras chave: Benjamin. Obra de arte. Declínio da Aura.



Revista
Ciência e Conhecimento
Volume 11 – Nº 1 – 2017.



1 - Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia
IFRN, Rio Grande do Norte,
Brasil.

ABSTRACT - This paper, bibliographic nature, part of a reflection based on The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction, the Frankfurt philosopher Walter Benjamin. At first, the author of the essay presents a historical analysis of reproducible character of the work of art, thinking how this process brings to light what it called the Aura Decline and therefore mass production of cultural products. We emphasize the theoretical contribution, the contributions of Benjamin (1994/1995), Chauí (2005), Koyré (1998), Avelar (2010), among others. In view of this we propose to analyze how the author understands reproducible phenomenon of art, taking into account the possibility of democratization of artistic and cultural knowledge.

Key words: Benjamin. Work of art. Decline of Aura.

E-mail para contato:
Demóstenes Dantas Vieira
cleber.f.homem@gmail.com

Recebido em: 29/08/2016.
Revisado em: 30/09/2016.
Aceito em: 10/12/2016.

Área:
Atenção à saúde e bem-estar.

INTRODUÇÃO

Nascido em 15 de julho de 1892 em Berlim, Walter Benjamin se tornaria um dos maiores pensadores do século XX. De origem alemã e de formação judaica, impregnando-o um caráter messiânico, motivo esse que talvez o aproximasse mais ainda do marxismo, é considerado por muitos o precursor da teoria da pós-modernidade. A sua orientação marxista tem início nos anos 20, mais precisamente em 1929, quando o mesmo conheceu Bertold Brecht, poeta e teatrólogo socialista, orientação fundamental na sua construção de saberes (KRAMER, 2008).

Quanto à sua produção pode-se afirmar ele era um “escritor livre” que migrava em muitas áreas do conhecimento. Além de filósofo, característica de toda a sua vida, Benjamin foi crítico literário, estudioso da estética, apreciador de cinema e fotografia, colecionador de miniaturas e brinquedos infantis, e com certeza, possui uma obra extensa com um caráter filosófico, histórico e sociológico. Kramer (2008, p. 17), pós-doutora pela Steinhardt Scholl of Education, na universidade de Nova York, descreve: ”muitos teóricos – filósofos, historiadores, escritores estudiosos da arte, da comunicação e da linguagem – consideram que, além de pensador crítico da modernidade, Benjamin seria precursor da crítica da pós-modernidade”.

Vale ressaltar nessas prerrogativas que a obra de Benjamin é bastante heterogênea. Quanto ao estilo seus escritos não possuem um padrão, apresentam-se em prosa, por fragmentos e por citações muitas das vezes escritas em forma de artigos (acadêmicos e jornalistas), ensaios sobre grandes escritores como Goethe e Baudelaire, aforismos e algumas traduções (KRAMER, 2008).

À vista disso, propomos a análise do ensaio *A Obra de Arte na Era de sua Reproduzibilidade Técnica*¹, publicado pela primeira vez em 1936, embora utilizemos a versão de 1994. Nesse escrito, Benjamin (1994) faz algumas reflexões sobre o uso da técnica, produção e difusão de bens culturais. De formação marxista, Benjamin (1994) escreve sobre as possibilidades de emancipação do sujeito, caso a reprodução técnica estivesse nas mãos do proletariado, em especial o cinema, que segundo ele poderia democratizar o acesso à obra de arte, à saberes e universos inerentes ao saber artístico-cultural.

Sobre o conceito de aura.

¹ A partir de agora utilizaremos a expressão A Obra de Arte para nos referirmos ao ensaio analisado.

No ensaio *A Obra de Arte*, Benjamin (1994) apresenta um novo conceito aos estudos da arte, o conceito de aura. Segundo ele, a obra de arte possui um caráter extremamente único, que o mesmo chamou de *Aura*, que nos remete à sua singularidade poética em que perpassa *o aqui e o agora (hic et nunc)*.

É interessante lembrar que o conceito de aura não foi apresentado inicialmente no ensaio *A Obra de Arte*. Num texto de 1930 intitulado *Comida: omelete de amoras*, escrito que faz parte de uma coletânea de textos denominada *Imagens do pensamento*, parece-nos que Benjamim propõe o que podemos chamar de introdução ao conceito de aura. Nele o autor constrói uma narrativa em que um poderoso rei pede ao seu cozinheiro que lhe prepare uma torta de amoras tal qual ele comeu há 50 anos, momento em perambulava pela floresta ao fugir da derrota de uma que enfrentou com seu pai. Ele exigia que a torta deveria lhe proporcionar o mesmo prazer que sentiu ao comer aquela omelete preparada por uma mulher que os ajudou. Caso o cozinheiro não conseguisse impor tal sabor à omelete, seria condenado à morte. A resposta do cozinheiro denota o conhecimento sobre a aura das coisas, sobre sua imaterialidade, sobre a poesia e singularidade dos acontecimentos e da experiência:

Majestade, podeis chamar logo o carrasco. Pois, na verdade, conheço o segredo da omelete de amoras e todos os ingredientes, desde o trivial agrião até o nobre tomilho. Sem dúvida, conheço o verso que se deve recitar ao bater os ovos e sei que batedor feito de madeira de buxo deve ser sempre girado para a direita de modo que não nos tire, por fim, a recompensa de todo o esforço. Contudo, ó rei, terei de morrer. Pois, apesar disso, minha omelete não vos agradará ao paladar. Pois como haveria eu de temperá-la com tudo aquilo que, naquela época, nela desfrutastes: o perigo da batalha e a vigilância do perseguido, o calor do fogo e a doçura do descanso, o presente exótico e o futuro obscuro (BENJAMIN, 1995, p. 219).

O cozinheiro demonstra que mesmo tendo todo o aparato material e supersticioso não poderia de forma alguma imitar o sabor da omelete de amoras da qual o rei havia provado, pois não poderia proporcionar os prazeres do contexto histórico em que ela foi degustada, tendo em vista que a omelete estava envolvida numa esfera mágica determinada não só pelo paladar, mas pelos sofrimentos e anseios que o rei enfrentava, assim como do cansaço, fome e medo que deram a ela um sabor especial. Essa narrativa aponta a autenticidade da obra de arte, cuja singularidade não se refere apenas ao material trabalhado e transformado em arte, pelo contrário, se refere a *catarse* e a experiência. Nesse sentido, a obra de arte terá sempre uma aura inimitável, pois sua importância não está contida somente na sua estrutura material, mas em todo um processo emocional, espacial e historiográfico, em que a apreciação estética se confunde.

Já no ensaio *A Obra de Arte*, publicado já posteriormente em 1936, Benjamin se aprofunda na discussão sobre a aura. Dando esse nome místico que retrata fielmente o seu significado, traz-nos a essência de uma obra de arte inimitável, autêntica e, única. Benjamin (1994, p. 170) descreve:

Em suma, o que é aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela

esteja. Observar em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho.

Como podemos observar na escrita de Benjamin a obra de arte possui um caráter espiritual, poético, hedônico, catártico, aurático. As emoções que sentimos ao termos contato com a matéria, seja ela da natureza ou artística, são singulares. Em outro contexto, em outro dia, observando as mesmas montanhas citadas acima, a experiência aurática seria outra, tendo em vista que seríamos sujeitos diferentes, por conseguinte, a experiência poética nas montanhas seria outra. Talvez o observador tenha mais um problema ou menos um. Talvez não estivesse ventando tanto no primeiro dia como no segundo. Talvez não signifique nada no primeiro dia e tenha grande significado no dia seguinte. A aura é, portanto, inimitável, é única. Sobre essa questão, Chauí (2005, p.278) dá as seguintes explicações:

A aura explica Benjamin, é a absoluta singularidade de um ser – natural ou artístico – sua condição de exemplar único que se oferece num aqui e agora “irrepetível” sua qualidade de eternidade e fugacidade simultâneas, seu pertencimento necessário ao contexto em que se encontra e sua participação numa tradição que lhe dá sentido. É, no caso da obra de arte, sua autenticidade, isto é, o vínculo interno entre sua unidade e sua durabilidade. A obra de arte possui aura ou é aurática quando tem as seguintes qualidades: é única, una, irrepetível, duradoura e efêmera, nova e participante de uma tradição, capaz de tornar distante o que está perto e estranho o que parecia familiar porque transfigura a realidade.

A aura é o que dá vida à arte, que a torna atemporal, irrepetível, capaz de causar emoções ímpares ao que está distante e ao que está perto. Podemos constatar que é essa aura que faz a “arquitetura” diferenciar-se de simples edificações, que faz a “pintura” diferenciar-se de alguns quadros efêmeros, que faz a literatura distinguir-se dos demais usos da linguagem, enfim, que faz da arte uma manifestação única.

O declínio da aura e a reprodução técnica

Compreendendo o conceito de aura, torna-se importante descrever o que posteriormente Benjamin chamou de *declínio da aura*, provocado pelo que também chamou de *reprodutibilidade técnica da arte*. Podemos inferir que a arte sempre esteve voltada à reprodução seja ela manual, técnica ou até mesmo a mimese.

Etimologicamente, a palavra arte deriva de um termo em latim, *ars*, que, por sua vez, corresponde ao termo grego *tékhne* que significa “toda atividade humana submetida a regras em vista da fabricação de alguma coisa” (BENJAMIN, 1994, p. 166). Após a Revolução Industrial, com o uso da técnica, a reproduzibilidade se acentuou, tendo em vista a possibilidade de uma reprodução em massa. Da xilogravura a imprensa de Gutenberg, da fotografia ao cinema, a reproduzibilidade demonstra-se bastante presente na nossa sociedade. Sobre essa questão, Benjamin (1994, p. 166-167) escreve que

[...] a reproduzibilidade da obra de arte representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente. Com a xilogravura, o desenho tornou-se pela primeira vez tecnicamente reproduzível, muito antes que a imprensa prestasse o mesmo serviço para a palavra escrita. Conhecemos as gigantescas

transformações provocadas pela imprensa – a reprodução técnica da escrita. Mas a imprensa representa apenas um caso especial embora de importância decisiva, de um processo histórico mais amplo. A xilogravura, na Idade Média, segue-se a estampa em chapa de cobre e a água-forte, assim como a litografia, no início do século XIX.

Com a litografia a técnica de reprodução atinge uma etapa essencialmente nova. Esse procedimento muito mais preciso, que distingue a transcrição do desenho numa pedra de sua incisão sobre um bloco de madeira ou uma prancha de cobre, permitiu as artes gráficas pela primeira vez colocar no mercado suas produções não somente em massa, como já acontecia antes, mas também sob a forma de criação sempre novas. Dessa forma as artes gráficas adquiriram os meios de ilustrar a vida cotidiana. Graças a litografia, elas começaram a situar-se no mesmo nível da imprensa. Mas a litografia ainda estava em seus primórdios, quando foi ultrapassada pela fotografia. Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho.

A citação supracitada suscita o caráter reproduzível da obra de arte. Processo que pode ser atribuído, dentre outros motivos, à necessidade de quebrar a distância dos objetos artísticos da população, tendo em vista que a obra de arte possuía uma existência única e, que para alguém contemplá-la, deveria se deslocar de sua comunidade para o local de apreciação do objeto artístico. Essa existência única é transformada em uma existência serial. Benjamin (1994, p. 168) escreve que “o que se atrofia na era da reproduzibilidade técnica da obra de arte é a sua aura”. Tirando-a do “domínio da tradição”, substituindo a “existência única da obra por uma existência serial” (BENJAMIN, 1994, p. 168).

Quando Benjamin fala do afastamento da tradição, refere-se ao uso ou apreciação ritualística da obra de arte, que até se aproxima de certa sacralização. Essa tradição ou ritual seria então quebrada pela reproduzibilidade técnica da arte, que transformaria a obra de arte única e inacessível à população em uma obra de arte serial e acessível às massas da população. Nesse sentido a obra de arte emancipa-se da tradição, ou melhor, da apreciação ritualística. Isso, Benjamin chamou de “destacamento da tradição” (BENJAMIN, 1994, p. 168).

Reprodutibilidade X democratização

Quando Benjamin (1994) se refere ao destacamento da tradição, descreve a necessidade de emancipação do objeto artístico, feito não para ser cultuado (no sentido religioso), mas para ser reproduzido, pois essa ritualização despreza uma das funções sociais da arte, a conscientização política. Torna-se então, imprescindível avaliar o ideal “democratizador” da reproduzibilidade. Benjamin acreditava que a reproduzibilidade proporcionaria à população às obras de arte. Nesse sentido, a reprodução foi compreendida como processo que possibilitaria a democratização do saber artístico. Com relação a isso, Benjamin (1994) demonstra-nos inúmeras vezes sua posição:

Os conceitos seguintes, novos na teoria da arte, distinguem-se dos outros pela circunstância de **não serem de modo algum apropriáveis pelo fascismo**. Em compensação, podem ser utilizados para a **formulação de exigências revolucionárias na política artística**. (BENJAMIN, 1994, p. 166) (Grifos meus).

[...] a reprodução técnica pode colocar a cópia do original em situações impossíveis para o próprio original. Ela pode, principalmente, aproximar o indivíduo da obra, seja sob a forma de fotografia, seja do disco. A catedral abandona seu lugar

para estalar-se no estúdio de um amador; o coro, executado numa sala ou ao ar livre, pode ser ouvido num quarto. (BENJAMIN, 1994, p. 168)

Em seus traços mais crueis, a guerra imperialista é determinada pela discrepância entre os poderosos meios de produção e sua utilização insuficiente no processo produtivo, ou seja, pelo desemprego e pela falta de mercados. Essa guerra é uma revolta da técnica, que cobra em “material humano” o que lhe foi negado pela sociedade. Em vez de usinas energéticas ela mobiliza energias humanas, sob a forma dos exércitos. Em vez de tráfego aéreo, ela regulamenta o tráfego de fuzis, e na guerra dos gases encontrou uma forma nova de liquidar a aura.”*fiat ars, pereat mundus*”, diz o fascismo e espera que a guerra proporcione satisfação artística de uma percepção sensível modificada pela técnica como faz Marinetti. É a forma mais perfeita do *art pour l'art*. Na época de Homero, a humanidade oferecia-se em espetáculo aos deuses olímpicos; agora, ela se transforma em espetáculo para si mesma. Sua auto-alienação atingiu o ponto que lhe permite viver sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem. **Eis a estetização da política, como a prática do fascismo. O comunismo responde com a politização da arte** (BENJAMIN, 1994, p. 196) (Grifos meus).

Nota-se que Benjamin atribui à arte e, por sua vez, também à reproduzibilidade, um caráter político, aqui chamado, por conveniência, de democratizador. Em contraponto, vemos a politização da arte. É perceptível que o fascismo utiliza-se da guerra para escravizar a humanidade, atribuindo à guerra e à arte um valor impositório, imprimindo seus ideais e sua cultura aos demais povos e a sua própria comunidade. No decorrer da história, são notórias a vezes em que os ditadores utilizaram a arte para estabelecer seus domínios e fascinação, criando monumentos artísticos que consolidavam o seu status de poder.

Em resposta à ditadura fascista Benjamin (1994) demonstra sua indignação e responde que ao contrário do fascismo, o comunismo não faz uso da estetização política, mas ao contrário, politiza a arte, que segundo ele é agente de libertação psíquica e revolucionária, tendo em vista que a reproduzibilidade proporcionaria o acesso à cultura e, por sua vez, ao esclarecimento.

Torna-se então fundamental na construção desse trabalho, analisar o pressuposto de que a reproduzibilidade seria agente de democratização do saber e, de certa forma, não podemos negar que em algumas situações, age no cumprimento desse objetivo. A fotografia, por exemplo, pode muito bem representá-lo, pois se considerarmos que *Mona Lisa* (clássico de Da Vinci) é conhecido e estudado mundialmente, não só por admiradores da arte como por estudantes do mundo todo, perceberemos que a fotografia promoveu o acesso à obra. Da mesma forma, perceberemos que a música de Beethoven tem sido apreciada por grande parte do mundo devido as suas reproduções, e que Homero tem sido lido e admirado por gerações, leitura proporcionada pela imprensa.

Chauí (2005, p. 290) afirma que “o otimismo de Benjamin não era infundado. Basta para isso levarmos em consideração os efeitos sociais e políticos do primeiro grande meio de comunicação de massa, isto é, a invenção da imprensa de Gutenberg, no século XV, para verificarmos sua importância para a democratização”. Se considerarmos ainda que inúmeros clássicos da literatura universal têm-nos chegado através da tradução e da impressão, os pressupostos de Benjamin seriam ainda mais fortes.

Como podemos perceber, Benjamin estava à frente do seu tempo e pode visualizar o que a indústria poderia nos trazer de melhor, na realidade, a reproduzibilidade técnica da arte pode nos proporcionar a democratização cultural, como nos casos supracitados, entretanto Benjamin deixou de lado um fator importantíssimo, pelo menos não levou em consideração, o capitalismo.

À vista disso, apresentamos a outra face da moeda:

[...] depois de explicar a importância da autonomia das artes, Walter Benjamin assumia uma posição otimista, pois considerava que a sociedade industrial levaria à reprodução das obras de arte (pelo livro, pelas artes gráficas, pela fotografia, pelo rádio e pelo cinema) e que isso permitiria à maioria das pessoas o acesso a criações que, até então, apenas uns poucos podiam conhecer e fruir. Em outras palavras, Benjamin esperava que a reprodução técnica das obras de arte promovesse a democratização da cultura e das artes. [...] No entanto o otimismo de Benjamin deixou de lado um outro aspecto do processo que seus colegas da escola de Frankfurt examinaram com detalhe. De fato a partir da segunda revolução industrial no século XIX e prosseguindo no que hoje em dia se denomina sociedade pós-industrial ou pós-moderna, as artes que haviam se tornado autônomas ou se liberado da submissão à religião, foram submetidas a uma nova servidão: as regras do mercado capitalista e a ideologia da **indústria cultural** (expressão cunhada por Theodor Adorno e Max Horkheimer numa obra intitulada *Dialética do esclarecimento*, para indicar uma cultura baseada na prática do consumo de “produtos culturais” fabricados em série (CHAUÍ, 2005, p. 290) (Grifos da autora).

Diante disso, é interessante fazermos uma reflexão sobre a reprodução mecânica nas mãos Indústria Cultural. Adorno e Horkheimer (1947) vislumbram o sucesso do capitalismo traria o esvaziamento da obra de arte em prol da alienação das massas, transformando a obra de arte apenas em um produto comercial. Eles acusam a “sétima arte” de camuflar a realidade e de usar a técnica na arte para fins econômicos dominantes. Percebe-se, portanto, um viés de disparidade existente entre os ideais de Benjamin e as premissas de Adorno e Horkheimer, enquanto aquele apregoava a libertação e democratização do saber cultural, estes percebiam a alienação e a prisão da arte, na época de sua reproduzibilidade, não mais à tradição, mas aos padrões capitalistas da nossa sociedade.

Após essa reflexão pode-se até pensar em certa subestimação de Benjamin com relação à cultura de massa, entretanto, essa hipótese se dirime quando refletimos sobre o contexto de produção deste ensaio. Pode-se observar nas premissas do filósofo o problema da impossibilidade da emancipação do sujeito através da reprodução técnica, tendo em vista o sistema capitalista ao qual se opunha. Entretanto, vale salientar que a obra analisada não é um ensaio fantasioso e desvinculado da realidade, não se trata de um sonho ligado a “arte política”, mas a construção de uma crítica à apropriação fascista da arte. Conforme escreve fulano (AVELAR, 2010, p. 69) “o fascismo mascarava sua apropriação dos avanços tecnológicos, sua apropriação da técnica como meio de dominação indissociável de violentos valores nacionalistas, na medida em que reforçava a ilusão das civilizações de massa”.

Conforme escreve Koyré (1998, p.16) o sucesso desses regimes se deu somente a partir da construção de discursos de inversão de conceitos, entre “verdade e mentira”, “real e imaginário”. Tal processo de inversão produz um sistema de dispositivos que disciplinam e regulam o modo de vida das pessoas, seu pensamento, normas sociais, modelos éticos e morais. Isso dar-se a partir de uma

“intensificada e corroborada aproximação persuasiva e sentimental das massas, na exaltação de um espírito coletivo e nacional”. São processos de alienação através do discurso, da cultura e da arte, através de “desfiles, comícios gigantescos, nos espetáculos esportivos e guerreiros, todos captados por aparelhos de filmagem e gravação” (BENJAMIN, 1994, p. 194).

Por fim, vale salientar que em *A obra de Arte* Benjamin desenvolve alguns postulados na teoria da arte “que distinguem-se de outros por não serem de modo algum apropriáveis pelo fascismo, em compensação podem ser utilizados para a formulação de exigências revolucionárias na política artística” (BENJAMIN, 1994, p. 166). A reprodução técnica e o declínio da aura podem ser entendidos como instrumentos necessários para a emancipação do sujeito, para que seja possível falar de arte política, de democratização do saber artístico e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões realizas até aqui apontam para a compreensão da reproduzibilidade, para além da democratização e/ou alienação cultural, mas como produto do projeto de modernidade e suas práticas sociais em que perpassam a tecnologia. Ao contrário de outros estudiosos da Teoria Crítica, tais como Adorno e Horkheimer, Benjamin (1994) atribui à técnica uma importante função no que compete a um projeto de construção de uma sociedade em que os bens culturais deveriam ser acessíveis às massas populacionais, princípio benjaminiano que advém de sua formação marxista.

Nesse sentido, a reproduzibilidade técnica foi compreendida por Benjamin como processo que proporcionaria o acesso da população à obra de arte, dirimindo o caráter ritualista das produções, visto que outrora sua apreciação estética dava-se apenas *in loco*. A democratização da arte, se assim podemos chamar, surge como uma nova lógica cultural, através da qual se evidencia as possibilidades de utilização da arte para a emancipação do sujeito.

À vista disso, vale salientar que o otimismo benjaminiano nos remonta aos ideais marxistas em que a técnica seria utilizada em favor do bem comum, e porque não dizer, do proletariado que, após a revolução, utilizaria da tecnologia para a difusão do conhecimento artístico e cultural. Evidentemente, tais ideais parte de uma visão de mundo socialista/comunista, por esse motivo, talvez, Benjamin não propôs uma reflexão sobre o outro lado da moeda, a *Indústria Cultura*, a produção massificada e esvaziada de produtos culturais em prol da comercialização dos bens simbólicos no capitalismo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural o iluminismo como mistificação das massas. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. In: *Teoria da Cultura de massa*. Luiz Costa Lima (Org.). São Paulo: Paz e Terra, 2000.

VELAR, Sylvia Maria Marteleto. O desaparecimento da áura em Walter Benjamin. Dissertação. 140 f. Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), 140 f, Minas Gerais, 2010.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica. In: _____. Magia e Técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165 – 196.

_____. Rua de mão única. In: Obras escolhidas II. 5^a ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BENJAMIN, HABERMAS, HORKHEIMER, ADORNO. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

CHAUÍ, Marilena. A cultura de massa e a indústria cultural. In: Convite à filosofia. 13^a ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. O universo das artes. In: Convite à filosofia. 13^a ed. São Paulo: Ática, 2005.

GAGNEBIN, J.M. Walter Benjamin. S. Paulo: Brasiliense, 1982.

KOYRÉ, Alexandre. Réflexions sur le mensonge. Paris: Editions Alila, 1998.

KRAMER, Sônia. Educação a contrapelo. In: Revista educação – especial Benjamin pensa a educação. São Paulo: Editora Seguinte, 2008.